

WUNSCH

Número 18

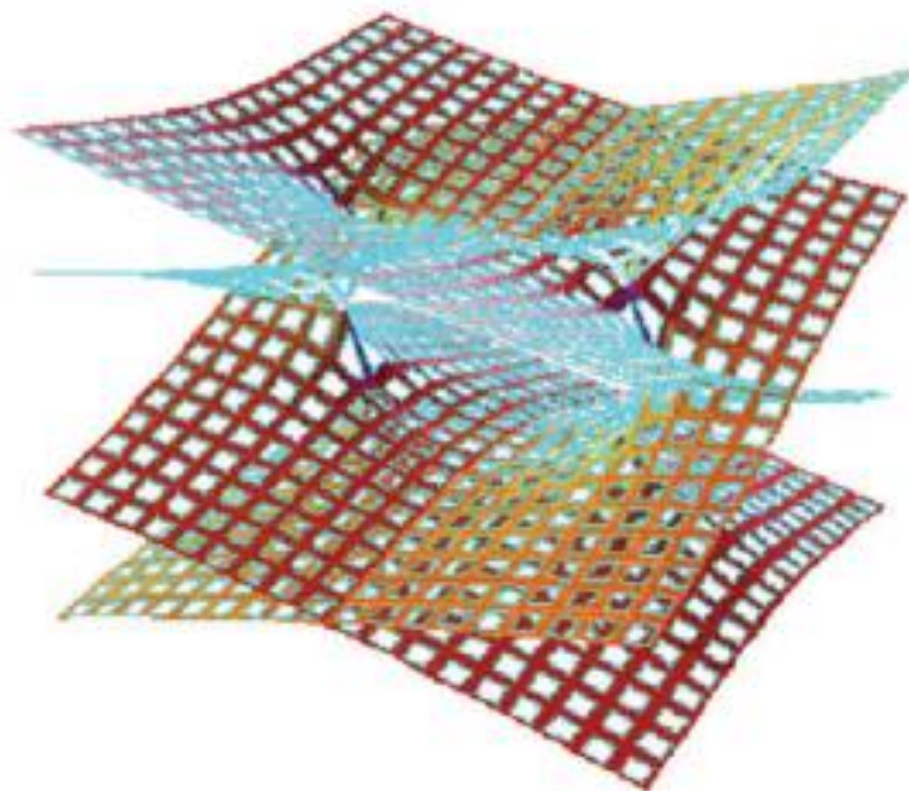
Junho 2018

Os atores do passe:

50 anos após a *Proposição* de Jacques Lacan

Rio de Janeiro, Paris,

7, 23 e 30 de setembro de 2017



Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

Editorial

Durante o ano de 2017 comemoramos os 50 anos da Proposição do passe de 1967. Esta comemoração foi realizada em diferentes Espaços de Escola. Este número de Wunsch reúne as participações realizadas em 7 de setembro de 2017, na Jornada de Escola no Rio de Janeiro, intitulada: “A prova pela Escola e a Escola à prova, 50 anos após a proposição”, bem como a participação dos colegas do CIG na Jornada intercarteis intitulada “Da experiência...”, realizada em Paris, no dia 23 de setembro do mesmo ano e, finalmente, a Jornada sobre o Passe que aconteceu também em Paris, no dia 30 de setembro, intitulada: “Debate sobre o AME e o passe”. Todos estes textos são um bom preâmbulo para nossas reflexões de Escola frente ao quarto Simpósio sobre o funcionamento do passe que será realizado em Barcelona no dia 12 de setembro de 2018.

Wunsch 19 reunirá os textos referidos à Escola, seu funcionamento, seus dispositivos e a garantia que serão apresentados em Barcelona.

II JORNADA DE ESCOLA, II SIMPÓSIO INTERAMERICANO DOS FOROS DO CAMPO LACANIANO

7 de setembro de 2017, Rio de Janeiro (Brasil)

Apresentação: Marcelo Mazzuca

(Secretário do CIG por América)

Seguindo os passos da iniciativa tomada no Simpósio, ocorrido em Buenos Aires (Argentina) em agosto de 2015, os integrantes do CIG pela América (Sandra Berta, Clara Mesa y Marcelo Mazzuca) temos promovido a realização de uma Jornada de Escola no marco do II Simpósio Interamericano dos Foros do Campo Lacaniano, desenvolvido no Rio de Janeiro (Brasil) em setembro de 2017. O propósito foi revisar a prática e o dispositivo do Passe meio século após haver sido lançado por Lacan, razão pela qual o título da Jornada: “A prova pela Escola e a Escola à prova, 50 anos depois da *Proposição*”.

Para isso, colocamos o acento e o ponto de interrogação na “função” que cumprem cada um dos atores na experiência do Passe. Diferentemente do Cartel, o Passe é como o *mitz*: inicia-se com uma contingência (isso ocorre ou não) e logo se transmite e retransmite e forma sempre mais ou menos diferida. Como dispositivo institucional, possui uma série de peças e engrenagens que fazem de seu funcionamento algo muito mais complexo e múltiplo

que o dispositivo do Cartel. Por isso, a apreensão de sua experiência acaba por ser difícil, não havendo panóptico que possa construir-se para vigiar e abrir juízo sobre seu resultado. Lacan, seu *Luthier*, assim o quis. E assim o praticamos na Escola do Campo Lacaniano, adicionando a ele a dificuldade, ainda que também a riqueza, do internacional e plurilinguístico.

Seguindo essas linhas de força, desenhamos nosso próprio dispositivo para a jornada de trabalho: dar-lhe a palavra, sob a modalidade de mesa redonda, a membros da Escola que tenham participado efetivamente na engrenagem do Passe. Com esse propósito, dividimos em quatro momentos a jornada, para explorar suas diferentes funções: a função de “ensinamento” (dos AE), a função de “designação” de passadores (dos AME), a função de transmissão (dos passadores) e a função de “nominção e elaboração” (do Cartel do Passe). Trabalho ao qual somou-se a função de “recepção e admissão” das demandas de passe sob encargo dos Secretariados Locais (no nosso caso a CLGAL), cujos membros participaram coordenando cada uma das quatro mesas. Logo, quatro funções mais uma.

Em seguida poderão encontrar o substancial do trabalho realizado.

Tradução: Manuel Pablo Ramirez
Revisão da tradução: Sandra Berta

Prova, tempo e ato

Vera Iaconelli

A nomeação como Analista de Escola implica na prova não do fim de uma análise, mas na prova da transmissão do percurso de uma análise até seu suposto fim, qual seja, da assunção do desejo de analista, sendo expresso ou não pela opção de se tornar um analista profissionalmente. A nomeação implica num percurso que culmina com uma fala pública e ainda, com outro momento no qual textos são publicados. Cada qual dos ouvintes ou leitores destas falas e textos faz o que quer e o que pode com isso. Muitos se deram ao trabalho de me transmitir o que minha fala ou leitura lhes causou. Troca inesperada, surpreendente, frequentemente muito rica, às vezes, bizarra. Mas as bizarrices nos interessam. Estes momentos foram desafiadores e gratificantes, entre eles, claro, inclui o momento presente de produzir e de comunicar o que lhes comunico agora.

Mas falar sobre o fim de nossas análises não é prerrogativa do AE, pois pode ser feito por qualquer um de nós nas mesas de um encontro como este, por exemplo. Nada impede que qualquer um de nós inscreva um trabalho que se trata da formalização do fim de sua própria análise. É desejável e plenamente possível, desde que o testemunho seja uma contribuição para a formalização do percurso analítico e seus desfechos, não se resumindo, claro, a um testemunho com um fim em si mesmo, relato de um fenômeno entre outros, mas um texto do qual se possa extrair algo do analítico que concerne ao nosso trabalho. Da mesma forma, o fazemos ao trazer os outros casos da nossa clínica.

Mas do AE, especificamente, espera-se que siga falando mais sobre esta experiência. Mas qual experiência? A experiência do fim de uma análise ou a experiência da nomeação de um AE? Cabe esta pergunta?

O AE é suposto durar três anos (este número é curioso), mas um relato destes, não temos como saber a priori quanto tempo manterá seu vigor e serventia. Caso contrário,

tratar-se-á de uma impostura. A aposta diz respeito ao desejo e o desejo, como sabemos, é tihoso.

Neste sentido, proponho que os AE (agora então, tento contribuir para “a questão AE”) se auto desautorizem, desta função. E tenhamos paciência se a pessoa realmente acreditar no valor vitalício da sua fala sobre o percurso de uma análise, por um lado, e sobre supor consistência na posição AE, por outro. Caberá a nós não convidá-la a falar, se não concordarmos com seu próprio julgamento. Faço esta proposta, baseada na minha experiência como AE e também baseada na minha experiência como analisando e como analista me deparando com o fim das análises. Faço esta proposta baseada no tempo de entrar numa posição e o tempo de sair dela. Apelo a elegância, porque não? Sabemos o caráter estético de nosso trabalho.

O percurso de uma análise é nosso tema diuturno de trabalho, estudo e supervisão. É o grande *leitmotiv* para nos dirigirmos à clínica todos os dias. E seria conveniente que eu continuasse produzindo textos sobre o tema, mas, vejam, conveniência é uma palavra que não combina com psicanálise. Diria até que a psicanálise preza por se manter inconveniente, a peste.

Este ano, trabalhando Hamlet num seminário, sugeri que a procrastinação do protagonista poderia ser equiparada à procrastinação de um momento no fim de análise, no qual o paciente se pergunta o que mais fazer ali, quando tudo já foi dito. E no qual só resta ao analista, indicar o caminho da rua mais uma vez, até que o analisando se manque e suma e assume que *il manque quelque chose*. Nem uma interpretação é mais certa do que a porta da rua, neste momento. Pode ser exasperante esta espera por um ato, iniciado pelo analista em sua posição desejante, ou seja, a partir do desejo de analista, mas que só pode ser concluído pelo analisando. Então, esperamos, e mostramos a porta. Hamlet, na cena do derradeiro ato de assunção de seu desejo, não preza pela elegância, sendo a cena de confronto com Laerte dentro da cova, das mais insólitas de Shakespeare.

Então, estou equiparando a saída do AE com a saída da análise. Nada mal! Pois, faz parte da aposta em um AE, que se aposte que ele sabe algo sobre o momento de sair. Resposta que só poderá ser recolhida um a um.

E porque valeria a pena então a nomeação de analista para AE uma vez que sabemos dos desafios da formalização, da exposição pública e os desencontros inevitáveis? Talvez por estas mesmas razões.

A transmissão, ao criar algo novo, não difere do desafio de uma análise na qual nos desdobramos tentando transmitir o que nos escapa inexoravelmente, seja como analisantes, seja como analistas mas, ao fazê-lo, criamos novas formas de sustentar nossa existência pífia e insignificante. A formalização, quando não é “papagaiada”, é produzida com os mesmos fios de uma análise, quais sejam, *palavras que fazem corpo*.

Quanto a exposição pública. O público é o que nos concerne enquanto sujeitos no laço social e sujeitos ao laço social. Supor que a minha história seja melhor ou pior do que as dos demais é acreditar nas histórias, alçando a ficção ao lugar de verdade da qual a análise tenta nos demover. É só mais uma versão de mais uma história que, por sua vez, nunca coincide consigo mesma.

Lembremos, no entanto, como as transferências são criadas diante desta exposição e somos alçados a lugares inevitavelmente frágeis e instáveis. Mas não é disso mesmo que se trata nosso trabalho? Deixar supor para que o outro use esta suposição o quanto precisar até que não precise mais? Cabendo a nós estarmos advertidos que a questão é o que *nós* supomos. Ou seja, que a suposição do outro não nos sirva de desculpas para a impostura, essa sim, de nossa inteira responsabilidade.

A posição AE, além da questão do “tempo regulamentar”, me colocou diante de outra questão, passei a ser membro de Escola, quando me tornei AE. Para evitar o paradoxo, que eu desconhecia, de termos um AE que não fosse membro de Escola. Eu aceitei isso. Na teoria parece simples e coerente, mas talvez seja perigosamente conveniente e conveniência, como apontei, pode ser, por sua vez, contra analítico

Aproveito para propor que a auto desautorização da posição do AE reverta a posição de membro de escola e que se renovem votos, se for o caso. Sei que são poucos os casos em que este paradoxo se apresenta, mas não deixa de ser salutar o que eles podem nos fazer trabalhar sobre a lógica na qual se supõe operar esta função. Que o singular nos faça trabalhar, como sempre.

Dito isso, renovo minha aposta na Escola, me disponho a continuar nossas conversas na medida que houver mais alguma coisa a ser transmitido como membro. Concluo esta fala, me auto desautorizando no lugar de AE, portanto, deixando de ser Analista de Escola a partir desse ato. Espero ter contribuído com a reflexão, pois foi esse meu desejo desde o começo.

Pós-escrito

Houve transmissão, houve AE

Sobre a experiência como AE, a única que posso dar testemunho é a minha própria. Passo do testemunho do percurso e fim de minha análise, para o testemunho do percurso como AE dentro da Escola, com o intuito de contribuir para a questão do AE, ou seja, para a Escola, uma vez que o AE é referido à Escola.

A nomeação desde o início teve um efeito de reconhecimento de que houve transmissão do indizível de uma análise e uma grande alegria acompanhou este acontecimento. A primeira impressão foi a de ter feito parte de um dispositivo que cumpriu sua função ao dizer: algo foi transmitido do fim de uma análise e do desejo de analista daí decorrente. Encanta-me sobremaneira que deste dispositivo possa ser recolhido algo do trabalho que realizamos diariamente em nossos consultórios e em nossas análises. O entusiasmo advém da possibilidade de fazer borda ao indizível do ato analítico e suas consequências. Entendo que isso diga respeito ao reconhecimento do funcionamento de um dispositivo composto por AMEs, passadores indicados por eles, secretários que entrevistam o candidato a passante, o passante e o cartel de passe. Por fim, havendo nomeação, o passante é convidado a retransmitir para Escola aquilo que foi capaz de transmitir aos secretários, aos passadores e estes, por sua vez, ao cartel do passe.

Esta passagem ao público é o retorno para a Escola daquilo que ela mesma preconiza promovendo o encontro entre a psicanálise em intensão e em extensão. De fato, trata-se de um evento empolgante no qual reconhecemos nossas próprias análises e de nossos analisantes na fala de nossos colegas. Foi assim para mim, quando tive o privilégio de ouvir Pedro Arévalo, Camila Vidal e, mais recentemente, Elizabeth Thamer. Também foi o que recolhi de algumas pessoas que me ouviram testemunhar.

Cabe ressaltar a afirmação que escutei de Colete Soler, quando da notícia do passe: “houve transmissão”. O que estou tentando capturar aqui é esta sequência de eventos que tem como desfecho o retorno para a Escola da transmissão que foi produzida. Houve transmissão e a Escola é o destino final desta transmissão.

Diria houve AE, na medida em que o ciclo se fecha sobre a Escola e seus efeitos se abrem singularmente para aqueles que escutam e leem os testemunhos e fazem com isso o que podem e desejam fazer.

Para além disso, no tempo que chamei regulamentar, o tempo que se convencionou considerar desejável que um AE exerça esta função, estipulado primeiramente em 2 e depois em 3 anos, faço minha proposta e a sustento em minha própria participação como AE e não de outros que terão que falar em nome próprio.

Proponho que haja AE, como momento de concluir e não como período de tempo pré-acordado. Que as demais falas, para além do testemunho que devolve para a Escola o efeito do dispositivo, sejam contingenciais e baseadas no desejo do membro de Escola que passou pelo passe, mas também dos passadores e cartelizantes de continuar falando e da Escola de continuar ouvindo.

Não percamos a potência deste dispositivo pela inércia que a nomeação pode mascarar. No meu caso singular, procurei recuperar a potência de que **houve transmissão** e **houve AE** e, portanto, houve AME, passadores, secretários do dispositivo, cartel e Escola.

O tempo que me coube como AE, o tempo em que havia entusiasmo em falar como AE é este e não corresponde ao previamente estipulado. Tampouco acho que alguns colegas se contentarão com 3 anos. Mas acredito que não se trate disso. *Fomos AE, quando retornamos para a Escola com os efeitos da cadeia de eventos que acionamos e que a compõe.* Continuamos membros com nossas contribuições singulares a partir de então, por um tempo indefinido, uma vez que o acontecimento é passado. Fui AE em 2016 e agradeço à Escola. Desde então tenho falado quando me convidam sobre as questões crucias da psicanálise, como membro que passou por esta empolgante experiência.

Obrigada.

Sobre os limites do saber

Elisabete Thamer

Antes de abordar a questão da função do AE, gostaria de lhes dizer algo sobre o que extraí de essencial de minha experiência de análise, pois, no meu entender, há uma certa correlação entre os dois. Ao afirmar “A psicanálise, didática”¹, Lacan postula que, no fundo, toda análise é formadora, ela nos ensina algo. Isso vai além do tratamento.

Muitas são as esperanças de quem começa uma análise. Porém, quanto mais esta avança, mais fica evidente, para o sujeito, que uma análise não pode tudo. Ela poderá livrá-lo de muitos de seus sintomas, mas não poderá erradicar todos eles; ela lhe permitirá obter um certo saber sobre si mesmo, mas não um saber “todo”. É por isso que considero que uma das questões cruciais da psicanálise é, justamente, o que fará o analisante com este hiato existente entre o que o dispositivo analítico lhe proporcionou e o que lhe foi impossível obter.

Visto sob esse ângulo, a perspectiva pode parecer desalentadora ou aleatória, mas não o é. Ela não é desalentadora, e Lacan insistiu sobre os afetos positivos que marcam uma análise conduzida até o seu termo, evocando primeiramente o “entusiasmo” na “Nota aos

¹ Lacan, Jacques. De nossos antecedentes, in *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 76.

italianos”² e, mais tarde, a “satisfação” no “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”³. Esses afetos não são tampouco aleatórios, mas signos resultantes de uma lógica singular, que traça os parâmetros de uma conclusão. Como obter, então, um final de análise cuja satisfação seja a marca de fabricação, se muitas das expectativas de entrada são frustradas?

Os limites da psicanálise são vários, alguns deles oriundos de seu único instrumento, a fala. Esta não somente é imprópria para apreender o real do qual provém uma grande parte das aflições do sujeito, mas também carrega, em seu exercício, uma boa parte de gozo.

Existem ainda outros impasses intrínsecos ao dispositivo analítico e que se juntam aos da fala. Dois de seus conceitos fundamentais condensam, a meu ver, um impasse crucial para o desfecho de uma análise, a saber: os conceitos de inconsciente e de transferência. Em 1969, em “O ato psicanalítico”, Lacan redefine o inconsciente dizendo: “Que haja inconsciente significa que há um saber sem sujeito”⁴. Sobre a transferência, ele nos dá essa fórmula simples em 1973: “é amor que se dirige ao saber”⁵. Este simples cotejamento nos mostra que a hipótese transferencial, que espera obter um saber e sem a qual não há análise, está fadada à frustração, em razão da própria natureza do inconsciente. Não somente essa definição põe o saber inconsciente fora do alcance do sujeito, contradizendo a noção prévia de “sujeito do inconsciente”, mas Lacan insiste ainda sobre um outro ponto: o inconsciente “é um saber que não pensa, não calcula e não julga” e, ademais, ele é *der Arbeiter*, um trabalhador ideal, que nunca faz greve⁶. Ou seja, não há final de análise cuja solução provenha do inconsciente. Se o término, por definição, não provém do inconsciente, de onde pode vir ele, senão do próprio sujeito? Ou, mais precisamente, do modo como ele se mantém ligado, ou não, a seu próprio inconsciente? Esta é a razão pela qual eu penso que a chave de uma análise finita se encontra em uma virada radical na posição do sujeito quanto ao saber, saber que é o denominador comum entre as duas definições que destaquei e que são, em aparência, contraditórias.

Agora devemos nos colocar a seguinte questão: o “saber” que está em jogo nas duas definições é o mesmo? Segundo Lacan, foi necessária a criação da psicanálise para que a questão do “saber” fosse renovada, pois ela demonstra, justamente, que há saber que não se sabe. Assim sendo, fica evidente que o “saber”, em psicanálise, não é unívoco, pois temos, de um lado, o saber articulado, enunciável em termos de linguagem: “Para o ser falante”, diz Lacan no *Seminário 20*, “o saber é o que se articula”⁷. Do outro lado, temos o saber inconsciente, efeito de *alíngua* e que ultrapassa o que o sujeito pode enunciar em termos de linguagem. O saber articulado, que vai de um significante a um outro, engendra necessariamente uma falta-a-saber, mantendo o sujeito em uma busca constante de complemento de saber. Creio poder afirmar que o saber esperado pelo analisante, em todo caso, antes que o momento de passe venha revirar tudo isso, é a espera de um saber enunciável e causal, no sentido clássico do termo, ou seja, a ideia de que, “conhecendo” a causa, seus sintomas desapareceriam. A análise mostra que este é o caso de alguns sintomas, mas não de todos.

Os efeitos do deciframento, ligados aos benefícios do endereçamento da fala sob transferência, asseguram efeitos terapêuticos não negligenciáveis. Ainda bem! Muitos

² Lacan, Jacques. Nota italiana [Nota aos italianos]. In: *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 313.

³ Lacan, Jacques. Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. In: *Outros escritos*, *op.cit.*, p. 568.

⁴ Lacan, Jacques. O ato psicanalítico, in *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 372.

⁵ Lacan, Jacques. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In: *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 555.

⁶ Lacan, Jacques. *Televisão*. Trad. A. Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 31. In: *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 517.

⁷ Lacan, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982, p.188.

analísantes, aliás, se contentam com esses ganhos, e isso não é necessariamente um problema, se estes não têm a pretensão de um dia serem psicanalistas. Os efeitos terapêuticos são, porém, uma faca de dois gumes com respeito à conclusão da análise, pois eles podem vir a sustentar, do lado do analisante, a esperança de um dia obter um efeito terapêutico maior, definitivo e radical, que o livre do destino que lhe impõe seu inconsciente. Como o disse Lacan no mesmo *Seminário 20*, por causa do “que vem ao dito como consequência”, uma análise não chega sempre a fazer ex-sistir um dizer, do qual depende justamente o seu término⁸.

Finais

Sabemos que Lacan não cessou de elaborar a questão do final de análise, tendo avançado progressivamente critérios para discerni-lo, como a queda das identificações, passando pelo atravessamento da fantasia, até a identificação com o sintoma, que é solidária de suas elaborações sobre o inconsciente real. O que me parece importante salientar é que nenhuma de suas elaborações progressivas invalida as precedentes, mas as completa. Observamos que as comunidades analíticas às vezes elegem uma ou outra dessas elaborações, transformando-a em uma espécie de *orthodoxia*, formatando assim suas expectativas com relação ao passe. De vez em quando, um conceito se torna agalmático, fazendo barreira a que nos deixemos instruir pelo singular de cada análise.

Atravessamento da fantasia

É por essa razão que gostaria de abordar um ponto que talvez, hoje em dia, seja considerado “cafona”, comparado às últimas elaborações de Lacan, ou seja, o atravessamento da fantasia. Poderiam me perguntar: por que abordar essa questão tão batida? Justamente porque nenhuma análise pautada pelas elaborações de Lacan sobre o fim de análise, incluindo a identificação com o sintoma, pode prescindir desta passagem, onde, precisamente, a segurança que o sujeito extraía de sua fantasia é soçobrada⁹. Por que o dito “atravessamento da fantasia” é imprescindível para se concluir uma análise? Porque é ele que desmantela o arcabouço dos sintomas-verdade que, ao longo de uma vida, ligaram o sujeito a um grande Outro hipotético. Pouco tempo após a divulgação de sua “Proposição”, Lacan havia afirmado que “o valor de uma psicanálise é o de operar sobre o fantasma¹⁰”. Ora, falar em “valor da psicanálise” é uma apreciação, um julgamento que porta Lacan sobre o alcance da psicanálise. E, sem dúvida, não há análise que se possa considerar como terminada sem que o gozo ligado à fantasia tenha sido tocado, pois é somente ao perder toda significação que a fantasia “toca no real¹¹”. A queda desta “ficção” poderá, eventualmente, permitir que o sujeito perceba, enfim, a dimensão real de seu inconsciente. Voltarei a este ponto.

Observem que se trata, aqui, de algo que a análise pode propiciar, um campo no qual ela prova sua eficácia. Apesar da insuficiência do deciframento e da fuga do sentido, existe um sentido que a análise escreve, e ela o escreve porque ele insiste, e trata-se justamente do sentido da fantasia. Ele é o único sentido que insiste ao longo da análise, em alguns sintomas,

⁸ *Id., ibid.*, p.34.

⁹ Lacan, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In *Outros escritos, op. cit.*, p. 259.

¹⁰ Lacan, Jacques. Discours de clôture des Journées sur la psychose (21 et 22 octobre 1967). In : *Recherches, 8*, Enfance aliénée II. L'enfant, la psychose et l'institution. Paris: CERFI, dezembro de 1968, p. 148.

¹¹ Lacan, Jacques. O aturidito. In: *Outros escritos, op. cit.*, p. 489.

nas queixas, no léxico do analisante, em alguns significantes e cenários condensadores de gozo. A fantasia “é algo que resiste, que não é permeável a todos os sentidos”¹².

Atravessar a fantasia não é, evidentemente, se livrar dela de uma vez por todas, mas “realizar” sua dimensão ficcional, forjada e contingente cujo autor é o próprio sujeito, que, entretanto, imputava até então esse enredo a um Outro que não existe.

Foi assim que, no sonho do qual apreendi a estrutura de minha fantasia, uma palavra, neológica, introduzia o conteúdo onírico, cujo cenário, obviamente, me era extremamente familiar; e uma expressão marcava a conclusão, com a seguinte exclamação: “Não é isso!”

A palavra que o introduzia, era um misto de “bete”, que além de ser o modo como me chamam aqui no Brasil as pessoas próximas, evoca também o adjetivo “*bête*” que, em francês, quer dizer “bobo”, “besta”, com o verbo grego *semainein*, que quer dizer “significar”, e que era, naquele momento, um termo importante para a tese em filosofia que eu estava escrevendo. Concluí, então, que este neologismo sonhado queria dizer simplesmente: “uma significação boba”. O cenário da fantasia, até então grave, se desvelou a partir daquele momento como uma espécie de equívoco, e do qual a expressão final – “Não é isso!” – denotava a separação. Deste sonho, não havia nada mais para extrair, não carecia de interpretações ou de associações, são as mudanças na vida que podem testemunhar de que algo se desfez aí.

“Realizar” que a fantasia é uma ficção da qual somos o autor implica um efeito de separação e, necessariamente, uma mudança de afeto, pois, experimentando a inconsistência do Outro, modificam-se definitivamente as relações do sujeito com os outros, mas também com o saber. Este desmantelamento modifica necessariamente os investimentos libidinais, pois as restrições imaginárias e simbólicas são abrandadas. O gozo ligado à fantasia perde sua força, deixando subsistir apenas a pulsão, talvez um estilo, mas também alguns gostos que não são estranhos ao que um dia foram os sulcos por onde o sujeito tentou acoplar seu desejo a um Outro que não existe. Enquanto o sujeito tomar a ficção da fantasia como real, não haverá absolutamente o atravessamento que lhe permitirá concluir a análise.

Rumo ao inconsciente real, ou o luto do saber articulado

A travessia da fantasia é, portanto, uma etapa fundamental do final de análise, mas é ela suficiente? Ela é o sinal de que a relação do sujeito com o saber foi modificada? Parece-me que se trata de uma passagem necessária, mas não suficiente, para a mudança da relação do sujeito com o saber, mudança que me parece essencial para o exercício da função analítica.

Ela não é suficiente, porque o saber ligado à fantasia é um saber ficcional, mas enunciável, pode-se, aliás, testemunhar sobre essa “verdade mentirosa”. O problema é que, apesar disso, o inconsciente não cessará de cifrar o gozo, e nem todo gozo é arrimado na fantasia. O atravessamento da fantasia é suficiente para assegurar que o sujeito se desliga do gozo que o atrela ao deciframento, isto é, a seu inconsciente? Alguém pode continuar amoroso de seu inconsciente e de suas formações, apesar do atravessamento da fantasia?

Penso que a análise pode levar o analisante ainda um pouco mais longe, liberando-o de sua paixão do deciframento, e isso não poderá de modo algum vir de seu próprio inconsciente. Nenhuma interpretação poderá modificar o inconsciente, mas, eventualmente, o gozo de sentido (*jouir-sens*) que gruda o analisante a seu inconsciente. Não existem sonhos ou lapsos providenciais que virão determinar o fim, oferecendo ao sujeito um material excepcional, um sonho “*grand cru*” que lhe permitirá concluir. Isso é apenas anseio de

¹² Lacan, Jacques. *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 27.

analisante, talvez de alguns analistas. A análise não modifica o inconsciente, mas modifica certamente o sujeito, pois ela pode modificar o modo como este lê as formações de *seu* inconsciente, chegando mesmo a desconectá-lo dele. Se os testemunhos de passe são ricos em exemplos de sonhos ou lapsos inesquecíveis, eles o são não porque estes eram excepcionais, mas porque o sujeito não os leu mais como antes. A meu ver, é isso que marca a virada, e não o inverso.

Diante desta famosa citação de Lacan: “quando [...] o espaço de um lapso – já não tem nenhum impacto de sentido (ou de interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente. O que se sabe, consigo¹³”, devemos nos perguntar: para quem um lapso não teria mais impacto de sentido, senão para o próprio sujeito? É ele que não imputa mais sentido a seu lapso, e não o contrário. É o sujeito que, não buscando mais se representar junto ao significante de seu lapso, não o lê mais, podendo destarte relegá-lo ao real fora de sentido. Eu situaria aí a finalização do luto de um furo no saber. O sujeito sabe, então, que sabe o suficiente para concluir.

Isso reorganiza o metabolismo dos gozos, pois permite ao sujeito concluir que existe um gozo opaco que a análise não poderá eliminar. Apesar da opacidade de uma parte do gozo refratário ao deciframento, o analisado sabe que esse inconsciente, que estará sempre fora de seu alcance, é bem “seu” inconsciente, porque esse saber inconsciente que o excede afeta seu corpo, corpo que não é o sujeito. Ele saberá se virar com isso.

A satisfação que marca o final é um índice de que o sujeito foi modificado por sua análise, no modo como suporta sua incurável divisão. O afeto de satisfação, pelo fato de atingir o corpo, indica algo lá onde o significante fracassa, atestando, desse modo, que a relação do sujeito com um certo real foi tocada, pelo menos este real que, aparecendo desde então como impossível, desvencilha o sujeito de suas impotências. Este ponto vai, com certeza, bem mais-além do que se pode testemunhar como saber articulado, como essa “verdade mentirosa” que, no fim das contas, não é nada mais nada menos do que uma “significação boba”.

“Pela primeira vez na história”, diz Lacan em “Os não-tolos erram”, “lhes é possível, a vocês, errar, quer dizer, recusarem-se a amar seu inconsciente, pois que afinal vocês sabem o que ele é: um saber. Um saber que chateia [*un savoir emmerdant*]¹⁴”.

A função do AE

Inventando o dispositivo do passe, Lacan forjou uma maneira de interrogar continuamente o saber do psicanalista. Ele instalou um procedimento que tira o sossego dos que se pretendem analistas, incitando-nos constantemente a interrogar essa “sombra espessa” que paira sobre a passagem de analisante a analista. Pois a tendência, mesmo entre os “melhores” analistas, é de se repousar sobre saberes já adquiridos, correndo o risco de fazer esmorecer o desejo *de* saber que deve animar nossa prática. O mínimo que podemos dizer é que o passe provoca um desassossego no conjunto da comunidade, um desassossego cujo objetivo é nos impulsionar ao trabalho, impedindo que a rotina se cristalice em certezas que nos afastem da singularidade de cada caso, que traz sempre um saber novo. No âmbito da Escola, a função do AE é tentar manter no centro este furo no saber, que, às vezes, perturba. Para esse movimento contribuem todos aqueles que participam do dispositivo: AME, passadores, passantes, nomeados ou não. Trata-se de uma aposta coletiva que não nos deixa esquecer que “há um real em jogo na própria formação do psicanalista”, e que esse

¹³ Lacan, Jacques. Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. In: *Outros escritos, op. cit.*, p.567.

¹⁴ Lacan, Jacques. *O Seminário, Livro 21: os não-tolos erram*, lição de 11 de junho de 1974, inédito.

real, como nos alertou Lacan, “provoca seu próprio desconhecimento, ou até produz sua negação sistemática¹⁵”. A existência de um furo no saber não significa que devamos nos enveredar por uma apologia do “não-saber”, contra a qual Lacan, aliás, se indignou. Trata-se, antes, do que temos a saber, a tentar saber.

O pior que pode ocorrer a uma Escola, é que ela pare de pensar sua função de Escola, cujo *telos* é a formação de analistas. A responsabilidade é imensa, e não se trata somente de uma formação de tipo acadêmico. Uma Escola de psicanálise também não pode funcionar somente por cooptação, relações de amizade ou meritocracia, senão, o que nos diferenciaria da universidade ou de outros grupos? O cartel e o passe são as duas invenções de Lacan que nos ajudam a manter uma experiência coletiva distinta com relação ao saber e a seus limites.

A função do AE é de contribuir um pouquinho a essa aposta da Escola, somente por um tempo. Ela não é, absolutamente, a de ser um exemplo de uma análise-modelo, pois, como dizia Freud, “manuais para a vida (*Lebensführer*) envelhecem rápido¹⁶”. Tudo isso é, sem dúvida, precário, mas era justamente com essa precariedade que Lacan esperava que se sustentasse o analista de sua Escola¹⁷.

A prova pela Escola e a Escola à prova. 50 anos após a Proposição

Sonia Alberti

Agradeço o convite que aproveitarei para tentar aprofundar um pouco o e-mail enviado por Colette Soler no dia 8 de abril deste ano, sobre a questão do AME. Como membro do Colegiado Internacional da Garantia no último biênio – 2014-2016 – fui co-signatária da decisão de nossa Escola em sustar, por aquele período, a nomeação de novos AME, Analistas Membros da Escola. Decisão que se baseou fundamentalmente em:

1) a maneira como vinham sendo feitas as indicações de AME, muitas vezes como consequências de efeitos de grupos, pois os há em nossa Escola, como em qualquer parte, mas é função da Escola – que depende disso para ser Escola – contrapor-se a eles;

2) as dificuldades encontradas pelos Cartéis do Passe com alguns dos passadores que são, como sabem, indicados por AMEs. Como dizia Lacan, o passador é o passe, e se esse passador não está à altura de sê-lo, o passe, necessariamente, fica comprometido. Então a questão que se coloca no seio do Colegiado Internacional da Garantia (CIG), Colegiado que constitui os Cartéis do Passe cujos membros são os membros desse Colegiado, como fazer para transmitir, na Escola, a sutileza na hora de indicar um passador? Se essa função é do AME, quem é o AME em nossa Escola a indicá-lo?

3) o compromisso dos AME com a Escola internacional. O que se nota é um verdadeiro compromisso da maioria dos AME em representar nossa Escola no mundo – o que é uma das funções do AME. No entanto e por outro lado, alguns AME de nossa Escola

¹⁵ Lacan, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos, op. cit.*, p. 249.

¹⁶ Freud, Sigmund. Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão (dir.). Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XX, p. 117. Citação retraduzida pela autora.

¹⁷ Lacan, Jacques. (1967). Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: *Outros escritos, op. cit.*, p. 276.

mantém-se em seus locais de trabalho, algumas vezes em suas regiões, sem fazer laço com a função internacional de nossa Escola: não vão aos Encontros internacionais, não participam de atividades em outros países, não conhecem os colegas, muitas vezes nem mesmo pelos textos que a Escola publica. Ora, se quisemos uma Escola internacional, como isso poderá funcionar se aqueles analistas que têm por função representar a Escola – inclusive no que tange a doutrina que sustenta –, não transitam entre si, não conhecem os trabalhos que são realizados nos diferentes países, não têm intercâmbio com seus pares? O risco não seria, antes de mais nada, que essa doutrina então poderia ser qualquer uma, sem as trocas necessárias para afinarmos nossas “entidades culturais e nacionais” (Soler, mail de 8 de abril) e, porque não dizer também, levar em conta a diversidade de nossas línguas? Quando o CIG 2014-16 publicou *Ecos 4*, escreveu o seguinte parágrafo sobre essa questão: “Lacan deu uma definição já no *Ato de fundação*, segundo a qual o título [de AME] garantiria a seriedade de uma prática diante do olhar do exterior. No entanto, a *Proposição sobre o passe* traz uma mudança, a saber, que o papel dos AME na psicanálise em intensão e na nossa Escola internacional deveria compreender, a partir daí, tanto quanto suas capacidades clínicas – a primeira coisa a fundar as nomeações –, uma ênfase particular sobre a participação regular nas atividades da Escola não apenas locais, mas nacionais e internacionais”.

Em seu mail de 8 de abril, Colette observa que, quanto ao requisito inicial, ou seja, o do *Ato de fundação*, salvo raras exceções – sempre as há, mas nem sempre somente para confirmar a regra, infelizmente –, nossos AME merecem elogios! Pois “todos têm o que se tornou cada vez mais raro: todos fizeram uma análise muitas vezes longa, múltiplas supervisões, e todos sustentam uma prática digna até onde se saiba; alguns têm analisantes no passe, às vezes até nomeados, o que indica que não há, neles, demérito diante do ato, e concretamente, que foram capazes, minimamente, de não obstacularizarem a análise desse ou daquele seu analisante, talvez até foram capazes de favorecê-la”. Quanto a isso, então, como diz Colette Soler, estamos bem!

Onde estamos menos bem, é no que tange a função do AME no interior da Escola: “inércia, participação deficiente, nomeações que obedecem ao regime da opinião, sempre comparativa, critérios insuficientes e vagos etc.” e conclui: “tudo isso deve ser arejado, no sentido de revitalizado, e melhorado na medida do possível”.

Um pequeno passo no sentido de permitir a entrada de novos ares na “questão AME”, foi dado já na Assembleia da Escola ocorrida ano passado em Medellín: votou-se que os Princípios Diretivos que orientam nossa Escola sejam modificados quanto ao modo de indicação de um AME no que tange a quem pode indicá-lo: se até julho de 2016 eram os próprios AME a indicarem novos nomes para AME, atualmente qualquer membro da Escola poderá fazê-lo. Essa fora uma proposta do próprio CIG 2014-16, levada à AG. O que a sustenta? Muito além de ter uma visada democratizante, a proposta surge da verificação do modo como indicávamos AME: retomando as palavras do mail de Colette Soler, “nomeações que obedecem ao regime da opinião, sempre comparativa, critérios insuficientes e vagos etc.”. Ora, se é assim que fazíamos, então qualquer membro da Escola pode fazê-lo, e caberá àqueles que Secretariam localmente o CIG – no nosso caso brasileiro, a Comissão Local Epistêmica, de Acolhimento e Garantia (CLEAG) –, um primeiro exame dessas indicações e, ao CIG, um segundo. Ou seja, do momento em que todos os membros da Escola podem indicar AME, a CLEAG e o CIG podem ser bastante criteriosos no ato de encaminhar para uma nomeação, de modo a que não seja por simples “regime da opinião, sempre comparativa”

Mas então entra a segunda questão: a dos “critérios insuficientes e vagos”, do e-mail de 8 de abril. Bem. Critérios insuficientes... não seriam eles necessários justamente para não fazer dos AME, suficiências? Aquelas a que Lacan se referia já em 1956, quando falava dos sapatinhos apertados? quando se perguntava sobre a “formação válida” (p. 459E)?

Então, insuficientes, sim! Mas vagos? Critérios vagos? não seria aqui que poderíamos nos aprofundar um pouco nos ditos “critérios”? Quando Lacan, em 1956, se perguntava sobre a “formação válida”, como dito, dizia assim:

“Se, ironicamente, pudemos definir a psicanálise como o tratamento que se espera de um psicanalista, é, no entanto, a primeira que decide sobre a qualidade do segundo”¹⁸. Ou seja, não há qualidade de tratamento psicanalítico se não há psicanálise. Esta, observa Lacan nesse texto, é feita do legado de Freud, seus conceitos e suas *poderosas* articulações, que, por sua vez, “não correspondem a nada que se dê imediatamente à intuição”¹⁹. Os conceitos, em psicanálise, são significantes e como tais se os ensina e se os pesquisa – sabendo-se que, desde sempre, ou seja, desde Freud, a pesquisa em psicanálise é clínica. Mas o valor de *a*, é de outra materialidade – pude desenvolvê-lo em outro contexto²⁰. Se *a* é o lugar do analista, o Analista Membro da Escola precisa poder sê-lo, afinal, quase sempre já é analista. Precisa poder sê-lo porque é a partir da prática dele que surgem os passadores e, eventualmente, como escreve Colette, um passante. Talvez seja por isso que frequentemente um ex-Analista da Escola (AE), se torne um AME! Deu provas de que pode sê-lo. Mas, e o AME? Como verificá-lo? Lacan propusera que todo analista que produzisse um AE se tornaria, *ipso facto*, um AME – teria dado suas provas. Para além disso, o que propor?

Retomemos o que dizia Colette Soler em seu mail:

“todos [os nossos AME] fizeram uma análise muitas vezes longa, múltiplas supervisões, e todos sustentam uma prática digna até onde se saiba; alguns têm analisantes no passe, às vezes até nomeados, o que indica [...] que foram capazes, minimamente, de não obstacularizarem a análise desse ou daquele seu analisante, talvez até foram capazes de favorecê-la”. Por isso ela diz que merecem elogios. A primeira pergunta que se coloca é: esses itens fazem parte dos nossos critérios? Para que um secretariado local do CIG os verifique, é necessário entrar em contato com o analista, com os supervisores. Na medida em que apenas AME podem indicar passadores, nunca será encontrado um nome de um analista proposto para AME na lista dos analistas de passadores, mas é possível, por exemplo, verificar se o analista indicado foi passador ou mesmo passante, verificar, nesse caso, o que os cartéis do passe identificaram quanto ao exercício da função desse passador ou quanto à sua posição quando passante. Isso hoje se torna mais fácil, na medida em que o CIG 2014-16 reinstalou um *Caderno do Passe*, com curtas anotações sobre cada passe, os passadores que dele participaram, as discussões que ocorreram. Esse *Caderno do Passe* é propriedade exclusiva do CIG, e nos permitiu, finalmente, deixar um legado que permite historicizar o passe em nossa Escola. Como é a Comissão de Habilitação que ratifica ou não os indicados a AME, Comissão que é parte integrante do CIG, ela tem acesso a esse *Caderno* e pode verificá-lo. Então uma pessoa para ser nomeada AME teria que ter sido passante ou passador em algum momento de tal maneira que o CIG tivesse tido, de alguma forma, contato com a posição desse analista em relação ao que há no âmago de nossa Escola, o passe? É uma pergunta, à qual talvez pudéssemos dar um mínimo de atenção. O fato é que, também verificamos, enquanto CIG, que estranhamente há várias pessoas que já foram propostas como AME que não têm, em suas relações com a Escola, qualquer experiência anterior no passe. Na medida em que o movimento para a nossa Escola fará vinte anos no ano que vem, durante o próximo Encontro Internacional que se realizará em Barcelona, e na medida em que será justamente nesse Encontro Internacional que a Assembleia Geral da Escola votará as propostas ora construídas para essa questão do AME, por que não pensar que a Escola já teria tempo de existência suficiente para permitir que as próximas nomeações de AME sejam de pessoas

¹⁸ Lacan, Jacques. (1956). *Escritos*. Jorge Zahar Ed., 1998, p. 460.

¹⁹ *Ibid.*, p. 461.

²⁰ Alberti, Sonia. (2015). O valor de *a* e a política da psicanálise no campo público.. In: Barros, R. M. de & Darriba, V. A. (orgs.). *Psicanálise e saúde: entre o estado e o sujeito*. Rio de Janeiro, Cia de Freud.

que já puderam dar suas provas em contato com o passe? O passe, em nossa Escola, foi instituído em 2001! de lá prá cá, já tivemos muitos passadores e muitos passantes!...

Finalmente, gostaria ainda de ressaltar que nossa Escola, particularmente no Brasil, vem dando larga possibilidade para que analistas apresentem seus trabalhos em nível nacional e até internacional. O Simpósio que inicia amanhã é apenas mais um exemplo disso. Ao apresentarem seus trabalhos, os analistas podem, perfeitamente, apresentar suas relações com a clínica. É claro que sempre pode ficar a questão sobre até onde um autor foi ou não auxiliado por um colega na redação de seu trabalho... mais uma vez, um supervisor ou mesmo um analista pode ser questionado sobre isso. Insisto na importância das apresentações de trabalho em nossa Escola. Ela segue uma das primeiras diretivas propostas por Lacan, quando afirma, em 1964: “Aqueles que vierem para essa Escola se comprometerão a cumprir uma tarefa sujeita a um controle interno e externo. É-lhes assegurado, em troca, que nada será poupado para que tudo o que eles fizerem de válido, tenha a repercussão que merece, e no lugar em que convier”²¹.

Novamente a palavra “válido”! De um lado, os “critérios insuficientes e vagos”, de outro, o que haveria de válido! Mas se válido é aquilo o que faz equivaler – como Lacan viria a desenvolvê-lo mais de dez anos depois, no *Seminário XXIV* – constituindo-se de uma materialidade que é diferente daquela do objeto *a* – este sendo mais próximo da *moterialité* do que da *materialité* –, então talvez os critérios teriam que levar em conta ambas essas materialidades, de um lado, a equivalência que permite ao AME representar o todo de nossa Escola no mundo – uma de suas funções –, de outro, o que não tem equivalência, apenas *une bévue*...

De um lado, a Escola reconhece o AME como psicanalista que deu suas provas, ou seja, aquele que sustenta o todo de sua garantia (Proposição de 9 de outubro de 1967). Mas se o todo da Escola é o que se mede com a noção de um valor que seja comum, que se troca, e se, por sua vez, a diferença do mesmo é dada pela materialidade (Lacan o desenvolve nesse mesmo *Seminário*), então, por não poder ser mensurável – e portanto, por não poder ser equivalido a critérios claros –, “um tropeço [*une bévue*] é um 'todo' falso” (idem), um caldeirão furado. Cada AME deveria também poder ser esse tropeço, apesar de representar o todo da Escola ali onde é como “todo homem que pensa”

“O que vale no homem é que ele pensa, há somente isso de válido, mas isso que vale submete o valor de uso ao de troca” (Lacan, *Seminário XXIV*). O que o homem diz quando pensa ou porque pensa, e que indicaria o uso que pode fazer da bateria significante à qual está submetido porque ela constitui o Outro, fica exclusivamente submetido ao valor de troca, porque aí um significante equivale a outro.

A unidade de valor, a abstração que permite medir e comparar mercadorias é dependente de todo cálculo que Marx analisa em seu *Capital* e que leva em conta não apenas o preço da fabricação da mercadoria, desde a matéria bruta com a qual é feita, até a mão de obra, como também isso que Marx conceitua, a mais valia.

Só que esse “isso” – que em outro contexto Lacan identifica com o nada de nada (**un rien**) de Pascal²² – não é propriamente controlável, é esse tropeço, *une bévue*, equívoco – *é qui evoca* à Escola e a seu trabalho.

²¹ Lacan, Jacques. (1964). Ato de fundação. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 235.

²² Lacan, Jacques (1968-1969). *O Seminário, livro 18: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 118.

***f(x)* AME**

Sandra Berta

No Boletim *Ecos* números 5, 7, 9 e 10²³ vocês podem encontrar as informações sobre as decisões tomadas e a atualização do debate sobre *a função* AME (Analista Membro de Escola) da EPFCL (Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano), debate que ainda está em curso. O CIG (Colegiado Internacional da Garantia) atual entende que tanto esta Jornada como as que se darão na França e na Itália nos próximos dois meses poderão contribuir com nossa comunidade de trabalho.

O CIG anterior (2014-2016) tomou duas decisões: 1. suspender temporariamente as nomeações dos AME e 2. declarar caduca a lista de indicações de AME recebidas nos anos do seu exercício (2014-2016). Além disto, contava com o voto da Assembleia de Escola

(Medellín, julho de 2016) que decidira que os *membros* de Escola poderão fazer indicações para nomeação de AME. Em março de 2017 o CIG atual abriu um debate através da lista de membros de Escola sustentando que as decisões tomadas pelo CIG anterior eram índice de algo já considerado por Jacques Lacan em 1967 quando *a função* AME foi localizada no grafo do desejo, no matema $s(A)$, quer dizer: no lugar do sintoma.

Torna-se necessário retomar as questões levantadas a partir da experiência. É uma questão ética e uma colocação à prova da Escola.

Quando iniciamos o debate escrevi para meus colegas, membros do CIG, que deveríamos ter presente que “AME” se trata de uma *função*. Em 1967 Lacan afirmava que *do* analista não se pode predicar, isso vale para as funções AME e AE. É por esse partitivo “do” que podemos orientar esse debate no que refere à função e diferenciar estrutura e conjunturas.

Ao propor o dispositivo do passe, perguntando-se pelo que opera do psicanalista numa análise, Lacan voltou aos lógicos. Retomemos esta função de Frege²⁴. A notação $f(x)$, para representar o valor de uma função, é formada pelo nome da função, seguido pelo do argumento. Se f é uma função e x está no domínio de f , a expressão $f(x)$ denota o valor de f para o argumento x . Em nossos termos: o que opera do analista (“x” como argumento) está à prova para verificar a função analista.

Portanto, é nesse “do” analista que se decide se há função, se isso se nomeia AE ou AME, salvadas as diferenças do que se espera de cada uma dessas funções para uma Escola. Esta estrutura da função fregeana, presente no ato analítico, é o que está à prova no passe. O valor desta função no dispositivo do passe tem por objetivo último a formalização do ato analítico, suas consequências para uma Escola e para a psicanálise.

AME, passador, passante, Cartel do passe, AE, *a Escola à prova e a prova pela Escola* se recolhem deste princípio lógico da função – $f(x)$. No que refere à garantia e ao *gradus* (diferente da hierarquia), o real está “proibido para trapaceiros”²⁵. Trata-se de uma interdição ética inerente à psicanálise e, certamente, ao dispositivo do passe.

²³ <http://www.champlacanien.net>

²⁴ Frege, Gottlob. *Conceptografía. Los Fundamentos de Aritmética. Otros estudios filosóficos*. Trad. Padilla, H. Universidad Nacional Autónoma de México, 1972.

²⁵ Lacan, Jacques. (1970). Preâmbulo. Setembro de 1970. In: *Outros Escritos*. Jorge Zahar, Ed., 2003, p. 590. // *Scilicet* nº 2/3, Paris, Seuil, 1970, pp. 3-6.

Tendo como *referente* a função – $f(x)$ –, podemos acompanhar o debate lançado e recolher a atualidade da EPFCL sobre as questões e constatações do que opera da função AME. Lembro que este CIG abriu o debate com 3 perguntas: 1. O que espera a Escola dos seus AME? 2. O que garante uma nomeação de AME? 3. Uma nomeação, por que fazê-la? O CIG anterior apontou que a nomeação dos AME era questão e problema, uma vez que eles designam passadores y compõem, na ampla maioria, os cartéis do passe. Nesta oportunidade, o acento foi colocado na função AME, mas sabemos que o real em jogo na estrutura põe em questão cada um dos operadores do dispositivo.

Temos, então, dois aspectos fundamentais da função AME: designar passador e fazer parte dos cartéis do passe. Para esta Jornada escolhi me deter brevemente em cada um deles. Contudo, há outras questões sobre esta função que referem à *extensão* na sua relação moebiana com a *intensão*. Nomear AME requer que pensemos essa relação moebiana.

A designação do passador.

Vale lembrar que em nossa comunidade este debate é antigo. E que está publicado nos diferentes números do Boletim Wunsch.²⁶ Se nos últimos meses se dissera que é importante retomar a questão do passador é porque a estrutura deve ser colocada em questão a partir do que recolhemos da experiência. Sabemos e temos entendimento do que significa a função passador. Isso se esquece quando se designa um passador? *Cada caso é um caso*, porém se temos problemas com a designação de passadores – e é um fato que os temos – acredito que o peso deve ser colocado no entendimento da estrutura que nos permita analisar as conjunturas. E por isso voltamos aos debates... sabendo que não são novos.

A designação de um passador é uma aposta e uma prova com o analisante designado, com o dispositivo do passe, com a Escola. Quem designa está à prova da Escola e da sua função. Designar um passador não permite fazer série uma vez que se trata de uma experiência singular. A questão em jogo refere ao que consideremos sobre o desenlace da análise, em particular e prioritariamente a temporalidade lógica (instante de ver, tempo de compreender, momento de concluir) que incide na transferência, as produções de um real que já não conta com o refrão da fantasia, a pulsão no final, a produção de um saber furado.

Lembremos que o ato psicanalítico se define por uma operação: a passagem de psicanalisante a psicanalista. O paradoxo do ato interroga sobre: quem opera esse ato? “O psicanalista se faz do objeto *a*. Ele se faz, entenda-se: faz-se produzir, do objeto *a* com o objeto *a'*”²⁷. O testemunho de um passante pretende transmitir a eficácia dessa operação do ato analítico que tenha produzido o objeto *a*, nome da não-relação, índice do desejo do psicanalista, da sua enunciação “a qual só pode operar se caso venha ali em posição de *x*”²⁸.

Ao designar um passador um AME em função, deve considerar que é a esse testemunho recolhido, coletado, deixado ouvir que o passador faz função se *ele é o passe*.

O que se espera da função passador? De alguém que possa operar a função passador se espera que esteja no limiar, na rua estreita do final, “no limiar em que não há mais nada a descobrir, senão escancarar portas abertas”²⁹. Espera-se que saiba algo do artifício da

²⁶ Thesaurus sobre o Passador, organizado por Ricardo Rojas e Dominique Fingermann. In: *Wunsch 11*, Boletim internacional da EPFCL, outubro de 2011. <http://www.champlacanian.net>

²⁷ Lacan, Jacques. (1969). O ato psicanalítico. Resumo do Seminário de 1967-1968. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 375.

²⁸ Lacan, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 257.

²⁹ Fingermann, Dominique. A presença do passador: atualidade da Escola. In: *Wunsch 11*, Boletim internacional da EPFCL, outubro de 2011, p. 16. <http://www.champlacanian.net>

transferência, da equivocação do sujeito suposto saber que endossava ao analista, e que a essa altura do percurso trata como efeito de saber inconsciente. “O passador ainda experimenta, oscilando entre esperança e o insucesso, saber adquirido e saber esburacado” escreve Colette Soler³⁰, evocando Lacan no seu Seminário *24 L'insu que sait*.

Então, de um passador em função se espera que esteja no “tempo longo do ato”³¹, mas que sua posição ainda esteja numa tensão que proponho pensar com o *faria falta que não fosse... a do passante*. Lembro aqui Lacan no *Aturdido*, pois entendo que se há cálculo possível do final, isso não é o mesmo que decidir ou definir o que produzirá o ato do fim, a passagem de analisante a analista, a produção do objeto *a*, seu entusiasmo, sua satisfação. Aqui está o indecível que se trafica na designação de um passador. Porém, se isso é indecível, as coordenadas que permitem referir-se à estrutura não o são. Volto e me pergunto: o que significa a função passador no matema da demanda e da pulsão no grafo do desejo?³² Por esse debate ser de longa data, saibam que esta pergunta foi colocada bem cedo por nossa colega Rithée Cevasco.

De alguém em função passador se espera que saiba da repetição da demanda e da função que ela tem para que a pulsão – opaca, acéfala, em ato – se ordene na lógica gramatical do fantasma. Espera-se que tenha não-toda elaboração de saber sobre as versões com as quais respondeu ao enigma do seu desejo. Por tanto, um saber sobre esse circuito que vai cavando e produzindo o furo no saber. Deve ser alguém afetado pela pergunta sobre o final, embora não a tenha proferido até então, alguém que diga: onde leva isto? Enfim, alguém que se pergunte pelo “não é isso” e que saiba do que define a pulsão: é o eco no corpo de que há um dizer. É essa pergunta que pode dar-lhe o discernimento do que pode operar potencialmente do *saber do psicanalista* e do ato analítico.

Enfim, se espera de um passador em função que esteja na balança entre o objeto *a*, no lugar da verdade (discurso analisante) e o objeto *a* no lugar do agente (discurso do analista). Precisamente, a passagem entre produção de um saber impotente em dizer a verdade (o saber como produto no discurso analisante) e a produção de uma letra que é matema do ato, indizível, mas transmissível.

Essas coordenadas possibilitam a designação de alguém que possa operar a função passador para a qual *faria falta que não fosse...* Ainda, a função na qual o “x” do argumento poderia escrever *faria falta que não fosse...* *Faria falta que não fosse* para estar à disposição do *isso fala, fala*³³ (*que ça cause, que ça cause*) que provoca e evoca o que transmite da outra dit-mensão, porque um dizer ex-siste. Dit-mensão que é “aquela que comporta de saber que a análise, da queixa, só utiliza a verdade”³⁴ “para fazer vir à corte uma verdade singular”³⁵. Uma verdade que, como assinei anteriormente, não refira a um lugar (discurso do analista) onde se articula o saber, mas ao que se produz, ao que se escreve quando a dominante no discurso é o objeto *a* como “x”.

³⁰ Soler, Colette. O Passador. *Wunsch 12*, Boletim internacional da EPFCL, junho de 2012, p. 4. <http://www.champlacanian.net>

³¹ Soler, Colette. O tempo Longo. In: *Wunsch 11*, Boletim internacional da EPFCL, outubro de 2011, pp. 3-7. <http://www.champlacanian.net>

³² Lacan, Jacques. (1967). Primeira versão da Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 585.

³³ Lacan, Jacques. (1972). O Aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p. 468.

³⁴ Lacan, Jacques. (1974). Nota que Jacques Lacan encaminhou pessoalmente àqueles que eram susceptíveis de designar os passadores (1974). In: *Wunsch 11*, Boletim internacional da EPFCL, outubro de 2011, p. 79. <http://www.champlacanian.net>

³⁵ Strauss, Marc. Corte com a verdade! In: *Wunsch 11*, Boletim internacional da EPFCL, outubro de 2011, p. 26. <http://www.champlacanian.net>

Retomo o que escreveu Colette Soler “o tempo do ato, longe de ser uma evidência, é algo a ser interrogado”³⁶ nessa passagem da crença no postulado transferencial para a interrogação do mais de gozar. Designar um passador é causá-lo, incidir sobre essa interrogação. Os efeitos são incalculáveis.

Por último, mas não menos importante, cabe advertir que a função passador foi proposta para o dispositivo do passe e, portanto, quando se designa um passador é preciso que consideremos se há alguma transferência de trabalho com a Escola.

Lembro a proposta de Antonio Quinet³⁷ sobre a supervisão do momento de desenlace que pode decidir uma designação, prática frequente, porém não obrigatória no Brasil.

Sobre a função AME no CIG

Um AME em função no CIG tem que saber da experiência de cartel, do emaranhar-se e desemaranhar-se próprio ao trabalho dos cartéis.

A experiência de trabalho em cartel - trabalho de Escola – incide na formação dos analistas. Porque os cartéis causam a produção de um saber textual e de um saber referencial, este último a ser escrito S(A). E por isso que o *mais-um* de um cartel pode ser qualquer um, mas não um qualquer. Faz alguns anos propus que o trabalho do cartel pode levar a impasses no sentido da inibição, da angústia e do sintoma como formação de compromisso, porém se houve produto do cartel, produto de cada um, é porque se soube-saber-fazer-aí-com o que enodou esse trabalho e do qual se espera, pelo produto, seu corte. Fazer o trabalho de Escola, sustentar a transferência de trabalho borromeana é um traço diferente que pode ser transmitido na extensão. Essa condição pode fazer confiança ao borromeano que se espera de um AME em função no cartel do passe. O saber-fazer-aí-com o borromeano se recolhe da clínica, de conduzir as análises até o fim e do trabalho com os cartéis. Assim sendo, partindo dessa prática borromeana (na clínica e nos cartéis) se espera que um AME em função seja tomado pelo desejo de participar dos cartéis do passe e dos cartéis do CIG.

Gostaria de deixar apontado algo que estou pesquisando e que me orienta porque incide no meu entendimento da nomenclatura AE pela qual respondem os cartéis do passe. Chamou minha atenção uma observação de Michel Bousseyroux quando toma como referência o que Lacan disse no Seminário *L'insu*³⁸ sobre a escrita do nó: ela não é para ser lida porque aí estamos no escuro. A citação que ele trabalha refere à “corda que também é o corpo”³⁹ parasitado pelo significante e com o qual temos que nos ver na escuridão. “Como reconheceríamos no escuro que é um nó borromeano?”⁴⁰. Como essas perguntas é Lacan que propõe o passe como reconhecer-se entre si⁴¹, ressoando nesta frase: *soi* (si), *soir* (noite), *savoir* (saber).

As elaborações de Bousseyroux remetem ao corte e não a leitura das produções de *lalíngua* uma vez que “Reconhece-se o nó borromeano no *éclair obscur* [claro-escuro/raio obscuro] de seu corte. O passe, então, é o corte do real borromeano inteiro que por um

³⁶ Soler, Colette. O tempo longo. In: *Wunsch 11*, Boletim internacional da EPFCL, outubro 2011, p. 3. <http://www.champlacanian.net>

³⁷ Quinet, Antonio. *AME não todo e a “supervisão” do momento de passe*. Contribuição ao debate sobre o AME da EPFCL. Enviada pela lista de membros de Escola em 18 de abril de 2017.

³⁸ Lacan, Jacques. (1976-1977). *O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une bête s'aile à mourre*. 15 de fevereiro de 1977. Staferla.

³⁹ « La corde, c'est aussi le corps-de ».

⁴⁰ « Comment reconnaitrions-nous, dans le noir, que c'est un *nœud borroméen* ? »

⁴¹ « se reconnaître entre s(av)oir ».

instante, o *esp de un laps*, se desfaz (mas que o dizer da interpretação sutura, rejunta)⁴². São os efeitos desses cortes “(efeitos de sentido, de gozo, e de não-relação sexual), efeitos que no espaço de um *laps*, do seu desnodamento, desvanecem, desaparecem”⁴³.

Penso que se o cartel produz esse corte, verifica o que se torna a pulsão: *o eco no corpo de que há um dizer. Corda, corte, corps-da* adquirem um valor diferencial neste modo de conceber o passe e a nomeação. Cortar não é deduzir uma construção, apenas verificar essa estrutura borromeana do falasser (*parlêtre*) e nomear. O cartel com a nomeação, apenas com ela, transmite o efeito do real em jogo no ato psicanalítico. Esperança de formalização a ser realizada pelos cartéis do passe.

“... ou pior”

A função fregeana nos orienta neste debate. Modo de dizer que a “x” que opere como argumento da função não está dada *a priori*. E se a partir deste debate tomamos algumas decisões, teremos que cuidar que as mesmas não se transformem em aporias. Opto por apostar no paradoxo do que abre a ex-sistencia e continuar a perguntar-nos se *de nossa função, do que opera do psicanalista, podemos responder*.

Por último, me pergunto se a função AME, sintoma da Escola, pode advir ao sinthoma. Ou seja: saber-fazer-aí-com o que opera para que uma Escola ex-sista (e não consista) com os paradoxos que nela se produzam. Lembro que, em 1975, a letra do sintoma foi formalizada por essa notação $f(x)$ ⁴⁴. Isto sim me leva a pensar a operância da extensão (para o qual cada AME foi convocado), à qual deve considerar a intensão própria à estrutura – moebiana e borromeana – e na qual a expansão do ato possa afetar aos discursos dominantes da época para que não se neguem nem apaguem os efeitos do real, efeitos de não-relação, pois os mesmos fazem a estrutura, a escrevem, a decidem.

Muito obrigada.

O A.M.E., garantia de quê?

Ricardo Rojas

Há 50 anos, Lacan começa a sua *Proposição de 9 de outubro*, apresentando dois tipos de garantia outorgados por sua Escola, assinalando que aquilo de que se trata é de «*estruturas asseguradas na psicanálise e de garantir sua efetivação no psicanalista*»⁴⁵ através da introdução de «*algo novo*»⁴⁶ no funcionamento para que ali surja a solução do problema da Sociedade Analítica, na qual se encontra a distinção entre hierarquia e *gradus*. Estruturas de funcionamento que estejam melhor fundamentadas em princípios analíticos e que se revertam na efetivação ou no fato de que *baja analista*. O primeiro desses princípios é que: «*o psicanalista só se autoriza de*

⁴² Bousseyroux, Michel. O passe pelo borromeano. In: *Wunsch* 14. dezembro 2014, pp. 68-71.

⁴³ *Ibid*, p. 70.

⁴⁴ Lacan, Jacques. (1974-1975). *O Seminário, livro 22: RSI*. 21 de janeiro de 1975.

⁴⁵ Lacan, Jacques. (1967). *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 248.

⁴⁶ *Ibid*.

*si mesmos*⁴⁷. Com essa forma correta de tradução entendemos que se esclarece que os psicanalistas de uma Comissão só poderão autorizar-se a si mesmos se, e somente se, respeitam esse princípio. Do mesmo modo, quando Lacan assinala que: «*Isto não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação*»⁴⁸, torna-se necessário colocar o ponto de interrogação em meu título: garantia de quê? Trata-se de garantir a efetivação das estruturas que devem estar asseguradas em princípios analíticos e, ao mesmo tempo, garantir o fato de que se é possível que haja analista como resultado de uma formação ofertada pela Escola seguindo essas estruturas, então se estabelece «*que a Escola pode garantir a relação do analista com a formação que ela dispensa*»⁴⁹. Quer dizer que o que é garantido não é uma pessoa e sim, a formação da qual ela depende.

Mas há aí dois tipos de garantia: a que se desprende daquele que deu suas provas de sê-lo, um analista, de modo que há uma relação entre o fato de sê-lo e a formação dispensada pela Escola, dar as provas, como diz Lacan, de um querer, de ter se tornado a partir de seu desejo de psicanálise e de psicanalista «*responsável pelo progresso da Escola*»⁵⁰. É um fato consumado e, portanto, verificável, e por isso é uma garantia que se outorga a alguém a partir do que aconteceu, não é algo que se peça, nem é um fato que tenha retrocesso, na realidade, é impossível, por estrutura, renunciar a isso, menos ainda, anulá-lo como resultado de algum exame repetido por uma Comissão que terminaria convertendo-se numa medida⁵¹ (⁵²) inquisitória, prática excluída por Lacan para a garantia desde a *Carta* escrita em 25 de janeiro de 1969, como parte da contribuição do *Júri de Acolhimento à Assembleia* antes do voto. Além disso, verifica-se as consequências depositadas pelo ato que foi algum dia, e não o desempenho na Escola. Eis a razão pela qual Lacan postulou, desde o início, essa garantia como perene, com uma dimensão dessa «*irreversibilidade*»⁵³. É a junção do ato psicanalítico que foi, e que cai no esquecimento, e o ato instituinte do analista que se reinventa em cada novo passe-passo. Parece-me que é por esta razão que Lacan, em sua proposta de contra-experiência em 1980, em nada modificou essa garantia quanto à sua duração, diferentemente do que fez com a do A.E.

Se há A.E., o segundo tipo de garantia, é pela possibilidade de que tenha havido analista formado no Ato. Esta sim, pode ser pedida, pois parte do desejo de prová-lo através do testemunho desse momento crucial da psicanálise nesses pontos vivos que se encontram no momento do passo de analisantes a analistas, dispostos a testemunhar, nos diz Lacan, como «*estão investidos nessa tarefa, ou, pelo menos, sempre em vias de resolvê-los*»⁵⁴, examinar o ato/passo inaugural de qualquer formação do analista, no momento em que se produz e antes que sobrevenha a amnésia própria que recai sobre o Ato. Com sua *Proposição*, Lacan estabelece então dois tipos de garantia, mas uma não vai sem a outra, e essa foi uma escolha em nossa Escola, após amplas discussões que inclusive levaram vários colegas a não seguirem acompanhando a empresa. Ficou estabelecido que voltássemos à bandeira de Lacan da contra-experiência da Causa freudiana de 1980, de modo a nos solidarizarmos com suas colocações e modificações por ele colocadas, ou seja, examinar seu funcionamento depois

47 *Ibid.*

48 *Ibid.*

49 *Ibid.*, p. 249.

50 *Ibid.*, p. 248.

51 Pèse-personne, em Francês

52 Lacan, Jacques. (1969). *Mensagem do Júri de acolhimento à Assembleia antes de seu voto* (25 de janeiro de 1969). In: *Letra Freudiana*. Ano XIV, n. 0. Documentos para uma Escola II. Lacan e o Passe (circulação interna), pp. 47-49. *Scilicet* 2/3, Seuil, Paris, 1970, p. 30-33.

53 Lacan, Jacques (1967). Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: *Outros escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 270.

54 Lacan, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 249.

de transcorridos onze anos, desde 1969, quando se aprovou e quando entrou em funcionamento a *Proposição A*⁵⁵ votada majoritariamente em 26 de janeiro de 1969. Aliás, esta já trazia mudanças intrínsecas e estruturais em relação à proposta original de 1967, o que, em minha opinião, implicou em graves consequências que terminaram por conduzir à *Dissolução* de 1980. Deveríamos aprender dessa experiência, seria necessária uma reflexão sobre as possíveis mudanças estruturais e a argumentação rigorosa que sustenta a necessidade da mudança.

O júri de Habilitação, numa comunicação de 22-02-1969 informa, entre as conclusões de uma primeira reunião estatutária com a Diretoria, da qual Lacan fazia parte, que constata o seguinte: «o fato de intitular-se *A.E. na Escola não qualifica ninguém para se autorizar como A.M.E. da Escola, os dois títulos não sendo de nenhuma maneira incompatíveis, o que prova sua independência*»⁵⁶. Fica claro que um título não tem nada que ver com o outro, suas funções na Escola, sua estrutura e o que se examina para a designação de cada um são diferentes. Assim, as promoções automáticas e a questão que inclusive surgiu no primeiro Simpósio do Passe, sobre se os A.M.E. não deveriam se apresentar ao dispositivo do passe, seria atentar contra sua independência.

Retorno à formação que depende da Escola. Se o A.M.E é uma garantia dela, me pergunto qual é a formação que a Escola proposta por Lacan dispensa e de que maneira se determina que isso foi assim. Na *Proposição A*, proposta no dia 19 de dezembro de 1968, pelo Júri de acolhida e pela Diretoria da qual Lacan fazia parte, para a Assembleia Geral da E.F.P., de 11 e 12 de janeiro de 1969, assinala-se que «a decisão do júri de acolhimento é tomada a partir do que ele sabe da prática efetiva do interessado» e, o que é mais importante em minha opinião, de alguns «testemunhos concordantes»⁵⁷ sobre ela, os quais podem vir de muitas partes do processo de formação, além do analista ou analistas do candidato, quer dizer que apenas uma andorinha não faz verão.

É preciso levar muito em conta que a prática efetiva e a formação dos analistas são a mesma coisa, pois não há formação sem prática e sem os dispositivos e outras formas de funcionamento dispostos pela Escola para esta última (análise, supervisão, cartel, etc.). A chegada de alguns interessados sem prática (entre eles os não analistas da Escola) pode trazer consigo que eles ajudem a poder desprender as exigências lógicas e as referências estruturais, ainda que o interesse de Lacan ia mais além, em direção à «*expansão do ato analítico*»⁵⁸.

Há um princípio na Escola, que só se começa uma prática depois de ter começado o empreendimento de uma análise. Por outro lado, a Escola, diferentemente da IPA, desde o *Ato de fundação*⁵⁹ não «*finge ignorar*» que «*a psicanálise tem efeitos sobre toda a prática do sujeito que nela se compromete (...) por menor que seja, efeitos psicanalíticos*», por isso, desde o início <da análise> e em todos os casos, uma supervisão é oferecida pela Escola, supervisões conforme a situação de cada um. Com a supervisão, na Escola lacanianiana, se pretende proteger os pacientes dos efeitos da análise sobre quem exerce o ofício do psicanalista e que os desconhece. Supervisão com alguns elementos especiais que a faz diferente da supervisão dos pós-freudianos. Além

55 Júri de Acolhimento e Diretório da E.F.P. 19-12-1968. *Princípios referentes ao acesso al título de psicanalista na Escola Freudiana de Paris*. Scilicet 2/3, Ibid.. In: *Letra Freudiana*. Ano XIV, n. 0. Documentos para uma Escola II. Lacan e o Passe (circulação interna). *Proposição A*, 1995, pp. 44-46.

56 Júri de Acolhimento da E.F.P. 09-02-1969. *Comunicação do Júri de habilitação a todos os membros da Escola, em Pastout Lacan da E.L.P.* Ver <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1969-02-09.pdf>

57 Júri de Acolhimento e Diretório da E.F.P. 19-12-1968. *Princípios referentes ao acesso al título de psicanalista na Escola Freudiana de Paris*. Scilicet 2/3, Ibid. In: *Letra Freudiana* Ano XIV, n. 0. Documentos para uma Escola II. Lacan e o Passe (circulação interna). *Proposição A*, 1995, p.45

58 Lacan, Jacques. (1967). Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: *Outros escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 273.

59 Lacan, Jacques. (1964). Ato de fundação. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 235-247.

disso, estamos na Escola na qual não há os já analisados e os em formação, nem os mestres e os ensinados, estamos, portanto, na Escola da formação permanente, a prática efetiva da qual se toma conhecimento incluirá também o intercâmbio de lugares como possibilidade, ser supervisor ou compartilhar o que se sabe não é exclusividade de alguns chamados didatas.

A Comissão de Habilitação deverá levar em conta, segundo a *Proposição A: «a participação efetiva do interessado nos diversos grupos de trabalho da E.F.P. (seminários, cartéis...), essa participação podendo eventualmente fazer as vezes de trabalho escrito»*⁶⁰. Quer dizer, alguém impactado pela transferência de trabalho da Escola e que tenha sido tomado pelo «*turbilhão*» da Escola, mais do que algum responsável que se encarregue hierarquicamente de administrar o sentido⁶¹. Por isso, não fica claro para mim, a proposta de uma entrevista de engajamento com os A.M.E. quando se supõe que ali alguém foi designado mais que comprometido. Esse *turbilhão* implica que Lacan também empregue o termo de supervisão (em francês e espanhol “controle”) para expressar uma forma de funcionamento da Escola, aquela submetida a um controle interno e externo, lugar em que encontramos a importância de uma dialética no nível das diversas seções e subseções nas quais se coloca em jogo uma série de ações enunciadas no *Ato de Fundação*⁶²: *criticar, denunciar, pôr à prova, confrontar, questionar, censurar criticamente, esclarecer, comentar, articular, julgar, submeter à discussão, examinar, revisar*. Com o outro com o qual conta, nos diz em 1980, é «*com os recursos da doutrina acumulados em meu ensino*»⁶³ e que são postos à prova nos diversos dispositivos da Escola. Lacan enunciou a importância de ter claros os conceitos, é assim que, ao referir-se à transferência no *Seminário XI*, diz: «Este conceito é determinado pela função que tem numa práxis. Este conceito dirige o modo de tratar os pacientes. Inversamente, o modo de tratá-los comanda o conceito»⁶⁴. Em psicanálise não se trata de autorizar-se a partir de um não penso a-teórico supostamente não intuicionista, mas a partir de uma douda ignorância para «*manter um efeito de desejo para sustentar a ética do ato*»⁶⁵. A douda ignorância exige um rigor para não cair na babel psicanalítica, na qual seriam possíveis isso e seu contrário. Por trás do ateoricismo sempre há, como diz Colette Soler, uma «*teoria clandestina que aí se dissimula*»⁶⁶, conceitos e noções absolutamente mal empregados que não conduzem a uma formalização coerente, e uma necessidade de desacreditar a teoria com termos como *rigoriedade que restringe a liberdade* ou *retórica*, para justificar os alcances que aquele clínico supostamente puro não capta. O ensino de Lacan, ao contrário, nos apresenta elementos novos, mas todos eles argumentados dentro do mais absoluto rigor, com uma formalização necessária para não cair num delírio ou no cinismo canalha, no qual tudo é permitido. Lacan nos ensinou que toda sua teoria é uma dedução de sua experiência clínica, ele sempre nos animou nesse sentido, o que não quer dizer que a psicanálise se transforme em uma aplicação de conceitos que se ajustam aos casos. O saber não articulável e antinatural que é o saber textual do inconsciente real, não é sem o saber referencial, sem o saber depositado da psicanálise, o depositado nos textos, e o final da análise deveria deixar como consequência não apenas uma nova relação com o saber do inconsciente, mas também uma nova relação com o saber referencial.

60 Júri de Acolhimento e Diretório da E.F.P. 19-12-1968. *Princípios referentes ao acesso al título de psicanalista na Escola Freudiana de Paris. Ibid.*, p. 45.

61 Lacan, Jacques (1980). O Senhor *A*. In: *Letra freudiana*. Ano 1. N. 0 (circulação interna), p. 54.

62 Lacan Jacques. (1964). *Ato de fundação*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 235-247.

63 Lacan, Jacques (1980). O Senhor *A*, *Ibid.*

64 Lacan Jacques. (1964) O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 120.

65 Soler, Colette. *Lo que el psicoanálisis enseña*, publicado inicialmente na *Lettre Mensuelle* No. 44 e traduzido no livro *Florilegio del Mensual*, EPFCL-Foro de Medellín, Editoria Vieco, Medellín, 2010, p. 150.

66 *Ibid.*, p. 147.

A nomeação do A.E. não o exime da formação nem da teoria de Freud, de Lacan e de outros para formalizar a prática, o A.E. não pode se pensar isento do controle da Escola e do necessário das formulações argumentadas, ele não tem garantia para a vida e precisa cultivar seu desejo de analista com a formação da Escola. Estaríamos acreditando que tudo o que o A.E. diga é palavra garantida como verdade última, e que os A.E. superam o Ato como sujeitos e não que são superados pelo Ato? E quando alguém é superado nada mais fica senão formalizá-lo, e já não pode crer que sua nomeação garanta que qualquer ação seja um ato com carimbo de reinvenção. Será necessário sempre controlá-lo, argumentá-lo, e claro está que para assumir o inconsciente, dar o passo para o discurso analítico, Freud e Lacan fizeram essa passagem através de suas geniais formalizações. Por isso, para a designação de um A.E. como A.M.E. se requer uma formação a mais, e nesse nível, sabemos que há entre eles A.M.E. já nomeados, e há os que apenas se autorizam a uma prática clínica, haverá também aqueles que nunca se interessaram pela clínica, portanto, é impossível que eles designem passadores, além disso, torná-los permanentes, seria ignorar as advertências contra a casta. Perigo dos coletivos hierarquizados, quando o que ele pretendia era um *gradus*. Mais do que nos preocuparmos em modificar as formas, deveríamos nos preocupar por um funcionamento de Escola, pois disso depende, no fim das contas, a produção de A.M.E. e de A.E.

Tradução: Sonia Alberti

Revisão da Tradução: Sandra Berta

De passadora a AME

Beatriz Elena Maya

Com a expressão “A função passador”, não posso deixar de evocar a Frege⁶⁷, aquele lógico que inspirou Lacan a pensar muitos de seus assuntos relativos à escrita, ao real, à letra e ao sintoma, por exemplo. Parto da hipótese de que, se os passadores são analisantes que “(...) estejam nesse passe ou que retornaram a ele, em suma, ainda estando ligados ao desenlace de sua experiência pessoal”⁶⁸, com o Lacan do último ensino, seria preciso pensar, então, o que é esse passo pelo real, que o passador vislumbra algo do real.

Na *Proposição de 9 de outubro*, Lacan diz que os passadores têm um ofício. “É o que lhes proporei, dentro em pouco, como o ofício a ser confiado, no tocante à demanda do tornar-se analista da Escola, a alguns quem denominaremos passadores”⁶⁹. Como entender isso sem entrar em contradição com o próprio Lacan? Ofício e função são a mesma coisa? Porque um ofício é algo simples, pensaríamos nós, e não haveria necessidade de complicar as coisas com lógica alguma. Mas, dada a dimensão desse ofício, o que está um jogo, o assunto, não é tão simples.

Então, pensemos um pouco a função em termos lógicos. Quando falamos de função nos referimos ao que se escreve $F(X)$, sendo F a função, ou o que há de comum em várias expressões ou operações, e X o argumento de uma função tal, ou seja, o que a faz operar para obter um valor determinado. Assim, a função passador implica que aqueles designados pelos AME tenham em comum algo para poder obter um resultado na operação passe. Isso que têm em comum seriam as

67 Frege, Gottlob. *Estudios sobre semântica*, Editorial Ariel, Barcelona, 1984

68 Lacan, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.260-261.

69 *Ibid.*, p. 260.

variáveis a serem consideradas pelos AME no momento da designação e também para que seu ofício seja efetivo, ainda que sem garantia.

Quais podem ser as variáveis em jogo nessa operação por parte dos passadores? Penso nas seguintes, a partir daquilo que o próprio Lacan nos transmitiu:

1. Estar em um momento de passe ou de passo
2. Ainda estar ligados à experiência

3. Que o momento de sua experiência lhe permita uma escuta particular para poder recolher uma informação sobre o passe e transmiti-la. Em outro trabalho, a partir de uma reflexão heracliteana via Heidegger, chamei isso de a pertinência, o pertencer. Um pertencer ao Real, única maneira de poder escutar o relâmpago que atravessa o passante e toca o passador.

4. Proponho um último ponto como variável da função passador. É uma variável negativa, dado que se trata de não ir com nenhum preconceito teórico preestabelecido para poder escutar aquilo que “deveria” ser o momento de final e, menos ainda, o que seria o desejo do analista.

Sobre o momento de passe ou passo, podemos dizer que é domínio de quem designa – ou seja, do analista AME – saber que seu passador se aproxima do campo do real. Em relação ao segundo ponto, o já citado “ainda estando ligados ao desenlace de sua experiência pessoal”. Quanto ao terceiro, o analista que escuta deve apostar, por sua vez, na escuta que aquele a quem designa pode ter daquilo que ao outro lhe aconteceu, dado que sabe, de alguma maneira, que a seu analisante isso também lhe está acontecendo.

O que é isso que ressalto de Heidegger como pertencer? Vou tentar resumir o que disse em outro trabalho⁷⁰, apresentado em Caracas. Na revista *Ornicar?* no.1, em espanhol, há um artigo de Lacan chamado “Sobre a experiência do passe”, cujo subtítulo é “Acerca da experiência do passe, e de sua transmissão”. Nesse texto, Lacan diz que “o passe é algo como o relâmpago”, expressão que criou a partir do testemunho de alguém sobre sua experiência. Tal expressão remete Lacan a uma frase de Heráclito - “O trovão rege ta panta”⁷¹ - e ao comentário de Heidegger a respeito. Com essa referência, Lacan ressalta que o passe aponta à heterogeneidade do passante, isto é, à sua singularidade. Remeter-nos ao texto de Heidegger, nos levará a Logos, no qual um percurso sobre o que é o escutar o leva a diferenciá-lo do ouvir, pois, cito: “sobre o que é propriamente o escutar talvez somente se possa dizer pouco, que só concerne a cada homem de modo imediato”⁷². Então, escutar tem a ver com a particularidade, trata-se de “prestar atenção ao que é simples”, não tem a ver com investigar. Para que o escutar ocorra é necessário pertencer àquilo que nos foi dito. O que significa esse pertencer?

Primeiro, pertencer de alguma maneira a uma comunidade analítica que faz um chamado e ao qual o passador responde afirmativamente. Não me refiro a uma pertinência institucional, mas o pertencer também implica participar daquilo que orienta a escuta em direção ao Um dizer, o que só é possível se temos a experiência de aproximação ao Real, lugar onde o Um dizer pertence, espaço habitado pela letra do sinthoma.

Considerando o que já mencionamos, como podemos pensar o ofício do passador em sua relação com o argumento de uma função? Como exercer esse ofício de maneira tal que se possa chegar a seu objetivo, para aquele que demanda nossa escuta? Ofício tem múltiplas acepções, dentre elas, prestar um serviço ou executar um trabalho. Prestar um serviço, nesse caso, à Escola, via execução de um trabalho de escuta e transmissão do testemunho. Talvez se o argumento da função seja fazer de oficiente, isto é, cumprir o ofício de passador que leve ao valor esperado.

70 Maya, Beatriz. El tiempo del final. In: *Lo que pasa en el pase* No.1. Asociación América Latina Norte, Medellín, 2010, p. 23-33.

71 Heráclito. *Fragmentos probablemente auténticos*. In: *Filósofos presocráticos*, vol. 2, Madrid, Editorial Planeta, Madrid, 1998, p. 88.

72 Heidegger, Martín. Logos (Heráclito, fragmentos). In: *Conferencias y artículos*, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1994, p. 185.

O analista e o passador escutam a mesma pessoa em momentos diferentes e com ofícios distintos. O analista escuta no percurso da análise, para fazer seu ato – o da interpretação – que deve permitir que o analisante faça um novo enodamento com seu sintoma. Já o passador escuta depois do final do percurso do passante, a fim de fazer passar aquilo que extrai como o que lhe permitiu um nó renovado. Dessa escuta depende que analista e passador façam do discurso analítico não algo oficial, mas oficiante⁷³, isto é, não ser funcionário de uma experiência, e sim colocar em jogo a função lógica que sustenta o ofício.

No que se refere à quarta variável mencionada, considero que nenhuma indicação teórica deve determinar tal escuta. É a experiência de uma passagem pelo real próprio que permitirá fazer eco daquilo que poderia passar. Se eu, como passadora, tivesse ido em busca de um caso clínico sobre o qual iria dar conta em um cartel, isolando assuntos da passante como, por exemplo, a submissão ou o desprendimento ao Outro, a conquista do feminino, a construção do fantasma, a presença da angústia no final, todos presentes no testemunho recebido, talvez não tivesse escutado aquilo que, depois de transmiti-lo, parece-me que era o mais importante da experiência.

Novamente, falo de uma experiência já longínqua no tempo, porém sempre atual. Escutar aquela que fora a passante não estive, então, predeterminado por nenhuma busca. Tratou-se, sim, de ir ao encontro de algo. Lembro o afeto que me invadiu quando, em uma reunião conjunta com o outro passador, um membro do cartel nos perguntou se conseguiríamos isolar o fantasma dessa pessoa. Eu não soube responder. Talvez por não ter sido tomado como um caso por mim, eu só conseguia dar conta, além de muitos dados *hystorizados*, da decantação de um significante que fazia limite a seu discurso. Esse encontro, de alguma maneira, orientou meu pedido de passe, pois algo me foi devolvido de minha própria experiência, como se uma lógica descoberta naquilo que escutava fosse o ponto de partida para o final de minha própria análise.

Era evidente que algo *moebiano* estava em jogo; o que era íntimo dela passava para o exterior e, recolhido por mim, retornava a outro interior, a outra intimidade. Era impossível fazer um corte ali onde o furo do saber se colocava em evidência. Esse significante, agora posso dizê-lo, viabilizava a ela uma relação fundamental com seu próprio corpo, via o ser. Ser uma sacola era a maneira fantasmática de se vincular com o mundo. Uma sacola deixada cair na experiência analítica, o que lhe permitiu se assumir de outro modo e, por que não, assumi-la como o escabelo com o qual faria seu mundo daí em diante.

A *une-bénvue* está presente justamente ali onde se espera entregar o que te foi depositado, na medida em que não se trata de fazer a tarefa bem feita em termos da repetição de um dito sem consequências, mas de um dizer que toca o real mais íntimo de quem está prestes a escutá-lo sem sabê-lo. Justamente, outro significante, dos muitos entregues pela passante, toca um ponto de real de quem escuta. Esse é guardado, calado, escondido de mim mesma, talvez para continuar gozando, para continuar sonhando. É o cartel que me acorda. Há algo importante que tenha esquecido? Um não meio duvidoso dá passagem à lembrança, e a entrega se faz não sem consequências para mim.

Não posso dizer que sabia o que deveria escutar para poder levar ao cartel uma mensagem cifrada ou para fazer a pergunta oportuna que produzisse a resposta esperada. Também não sei se o que eu entreguei decidiu a favor de uma nomeação ou se foi a mensagem levada por meu colega de experiência. Posso apenas falar dos efeitos que produziu em mim a experiência. Um deles, talvez o mais importante, tenha sido colocar em marcha o desejo de psicanálise. Nas minhas primeiras intervenções, ressaltava a passagem de passadora a passante. E, agora, posso dizer, de passadora a AME.

Como AME, me pergunto: qual de meus pacientes pode ser passador? Não deixo de considerar minha própria experiência, mas sabendo que cada um é diferente, é singular, e que, por isso, talvez aquilo que eu escutei ou passei não seja o que um deles fará. Será seu próprio real que, mobilizado por aquilo que possa escutar, lhes permitirá, ou não, transmitir isso de mais singular que, quem já tenha feito um percurso, pôde tramitar como um novo enodamento; isso que fez do passante um *parlêtre* renovado em seu vínculo com o gozo.

73. Lacan, Jacques. (1972 - 1973) *O Seminário, livro 20: Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 40.

Não deixo de me preocupar - como talvez também tenha acontecido com quem me nomeara passadora certa vez - se os nomeados por mim estariam à altura de um dispositivo criado para articular os eixos da Escola. Mas se trata de uma aposta em que cada um joga cara ou coroa. O AME é quem põe em evidência seu “dar provas”, ali onde somente foi pura suposição daqueles que o designaram. Aqui também se coloca em jogo uma ética, aquela em que, como lembra Lacan, a pessoa do analista e seu suposto prestígio se apagam a fim de fazer girar o dispositivo do passe.

O passe é uma aposta de muitos. Primeiro, da Escola que mobiliza um dispositivo internacional com tudo o que isso requer. Depois, do passante que aposta em um final e na demonstração de um desejo, o do analista, que talvez o habita. Aposta também do AME que designa seus passadores com a convicção de que “pertencem” à experiência do Real. E, por fim, do próprio passador que, quase sempre, recebe de surpresa uma demanda de escuta de algo que talvez faça consonância com o que ele mesmo escuta em sua própria análise. Escuta não sem consequência, ao menos no meu caso, para o desenlace final, desenlace que requer um tempo mais para a construção de um saber-fazer-ali-com o próprio sintoma.

Se é uma aposta, implica que o narcisismo, que poderia tomar conta de um bom analista que tenha designado bem seu passador, se apague para dar lugar à possibilidade de uma nomeação.

Tradução: Maria Cláudia Formigoni
Revisão da tradução: Sandra Berta

Passador... experiência sustentada no desejo

Alejandra Noguera

Estou feliz e agradecida pelo convite para participar desta Jornada de Escola “A prova pela Escola e a Escola à prova, 50 anos depois da Proposição”, estou impressionada com o que circula no Passe e com a genialidade do dispositivo inventado por Lacan.

Dizer que o Passe é o coração da Escola é também dizer que algo bate... pulsa, energiza, faz vibrar... é algo vivo, que causa e tem efeitos e afetos em todos os participantes do dispositivo e na comunidade analítica.

“É o sujeito que é chamado, não há outro, portanto, senão ele, que possa ser escolhido.”⁷⁴

Esta citação do Seminário 11 me convocou desde a primeira vez que a li – faz muitos anos –, ela alude a uma parábola do evangelho de São Mateus, cujo último versículo diz: “Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos”⁷⁵. Quem chama o sujeito é a rede significante, afirma Lacan, que tenta, neste seminário, formalizar o inconsciente. Se os psicanalistas não convocam o sujeito a voltar a si, ao inconsciente, se não dividem o sujeito e não causam seu desejo... então quem?

Nos começos de uma análise, a interpretação do analista produz efeitos de significação, as novas associações mobilizam os significantes, a interpretação impulsiona a

⁷⁴ Jacques Lacan. (1964) Lacan Jacques. (1964) *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 50.

⁷⁵ Evangelho segundo São Mateus, 22,14.

análise, porém isto, com o tempo, conduziria a uma análise interminável. Colette Soler em “O dizer do analista”, sobre o texto *L'Étourdit* de Lacan, dá-nos outra chave de interpretação, diz-nos que não só se refere ao empuxo da análise, mas ao efeito real que condiciona um fim, esta “subversão topológica” que produz um sujeito assegurado do saber... o impossível.

O analista tem responsabilidade com o dizer, de produzir efeitos estruturais reais no analisante que, por si mesmo, não terminaria. A designação de um passador por parte do AME é uma intervenção em análise. O analista sinaliza o analisante como passador e não lhe pergunta sua opinião, e este não deve ser informado disto, enfatiza Lacan.

O passador é uma função de dobradiça no dispositivo do passe, não existe um saber ser-passador, não existem indicações sobre como levar a cabo a tarefa, é sem guia nem plano, não se escolhe o momento, não existe o “estar pronto para”, leva-se a cabo em solitude, é tempo de se-paração do analista.

Sua responsabilidade é fazer uma transmissão justa, sem que sua presença contamine o dispositivo, encontrando o modo de fazer frente ao transmissível e ao intransmissível... que opere desde o não saber... com seu *saber não sabido, saber sem sujeito*.

“É com eles que um psicanalista, para se fazer autorizar como analista da Escola, falará de sua análise, e o testemunho que eles poderão colher pelo vívido de seu próprio passado será daqueles que nenhum júri de aprovação jamais colhe⁷⁶.

Tentarei transmitir o impacto e as consequências que teve, para mim, ser passador, há 4 anos, com a nomeação do passante a AE (2014-2017).

No caminho da análise, recebo uma chamada... uma voz masculina, com sotaque caribenho, diz que fui sorteada como passadora... que ele pediu o passe. Há uma **resposta em ato** – não sem surpresa! Sinal de que o inconsciente foi causado. Entro para minha sessão perguntando ao analista o que ele tem a ver com aquilo.

Esta INTERVENÇÃO em minha análise teve efeitos reais... na direção do tratamento... foi um marco de um antes e um depois... através dele o Passe apareceu no horizonte, e com ele também a Escola e sua razão de existir. Repentinamente, no percurso apareceu um final possível, tangível, próximo... um lugar ao qual se podia chegar. Não só porque o Passe, até aqui, era algo realmente longe e para outros, mas porque considerava que eu tinha chegado à psicanálise “tarde demais”. Não era membro da Escola, nem sabia em que consistia o dispositivo do passe e, muito menos, a função do passador.

“Esse pode ser o caso de alguém que ocupa qualquer posição na Escola [...], de alguém que não pertence à Escola e que por esse fato tem acesso a ela⁷⁷.”

Sentir-se preocupado, não só pela psicanálise, mas pela Escola, foi, para mim, a maneira de fazer laço, de ser parte dos “dispersos disparatados” da comunidade analítica. Havia ido ao fórum como ouvinte muitos anos antes, e havia entrado em um cartel para trabalhar o seminário 20. Pude ler o desejo depois do chamado à função de passador... pelo que me causou... foi re-vitalizante!

“Querer o que se deseja, tem-se aqui a primeira confrontação por onde se resolve, para o passador, sua tomada de posição no passe⁷⁸.”

⁷⁶ Lacan, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 261.

⁷⁷ Lacan, Jacques. Um procedimento para o passe. In: *Wunsch 11*, Boletim internacional da EPFCL, outubro de 2011, p. 72. <http://www.champlacanien.net>

⁷⁸ Pascale Leray A.E. (2008-2011) “La prueba del pasador” Lo que pasa en el pase No 2, p. 125.

Gabriel Lombardi, em seu livro “A liberdade em psicanálise”, interroga, a partir da ética da psicanálise, o que significa, além de “pagar com suas palavras” e “pagar com sua pessoa” na transferência, o analista “paga com seu juízo íntimo”. “A aposta do analista consiste em causar o trabalho analítico sem saber aonde ele leva, quando e de que modo o analisado aproveitará o mais de liberdade que ele obtém daí”. “Para ‘dirigir’ o tratamento, é preciso seguir o desejo ao pé da letra” e suportar as consequências do desdobramento de um saber inconsciente, ao qual não tem acesso, a não ser de maneira secundária. “É um não saber inerente ao *ato de permitir emergir um sujeito incalculável*, cujo ser se apoia nesta margem de liberdade da qual goza graças à estrutura, que é a estrutura de uma falha no saber”⁷⁹. Neste sentido, a designação do passador é um ato de analista.

A função do passador

A oportunidade de recolher este testemunho foi “um tesouro”. “Isso” que se escuta do passante, o objeto que foi para o Outro... um lapso/equívoco que des-articula o gozo condensado na fantasia... sonhos, restos de objetos *a*, significantes mestres, “pontos cruciais”, articulações inéditas... “preciosas” que precipitam algo deste real, tão difícil de apreender nos textos.

Escutar a *hystorização* de uma vida, aquilo que a psicanálise fez nela, e este resto singular que tanto ensina... Tornar-se analista como produto do percurso, já que sua profissão era alheia ao campo psi, permitiu-me ter outra diz-mensão da análise; de repente, a teoria tornou-se tangível para mim como se tivesse tomado corpo... e o dizer do passante me atravessou.

Tal como escreve Dominique Fingermann, em Wunsch 11:

“O passante despertaria no passador um acesso a um saber inconsciente desencadeado (fora da cadeia da linguagem), algo um pouco da ordem dessa dimensão de um “novo amor” de que Lacan fala a partir do *Seminário XX*”.⁸⁰

Solicitei ser membro do Fórum e da Escola antes da viagem na qual levaria o testemunho do passante, sentia-me muito honrada com a tarefa e muito impactada pela maneira pela qual me havia levado à ação... tinha um entusiasmo transbordante.

Na transmissão existe uma sensação muito estranha ao se escutar dizer... o dizer do outro... a destituição subjetiva é o que faz função. Ao dizer a primeira frase, perguntaram-me quem dizia isso... olhei para eles atônita!

Pediram-me que fosse bem devagar... isto provocou em mim o registro hiperagudo daquilo que saía da minha boca: era minha voz que encarnava um outro dizer... ou era um dizer outro, que se corporizava sonoramente através da minha voz?

O cartel, formado deliberadamente por membros de diversas línguas, foi recortando os significantes do testemunho, traduzindo para o francês, para o italiano, ressoando novamente em espanhol. Recordo ter pensado “O que está acontecendo aqui?”. É só então que entendi algo... do dispositivo, algo da letra, algo do real que ex-sistia aos ditos... algo do impossível de dizer.

Um real que se colabava *en corps* em três tempos:

- 1- Entrevista passante-passador

⁷⁹ Lombardi, Gabriel. *La libertad en psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 2015, pp. 177-180 (tradução livre).

⁸⁰ Fingermann, Dominique. A presença do passador: atualidade da Escola. In: *Wunsch 11*, Boletim internacional da EPFCL, outubro 2011, p. 14. <http://www.champlacanian.net>

O passante relatava um sonho no qual ele via uma caixa de sapatos vazia com as letras **EMERADAS** por fora.

O passador escuta e escreve **M RADAS**.

- 2- Na transmissão, um membro do cartel escuta e pergunta se, em espanhol, essa palavra significa algo... então escreve **M (I) RADAS**.

O **(i)** em fading representando o sujeito.

- 3- Em um dos seus testemunhos de A.E., o passante escreve “**i** de **ilegítimo**, significante mestre de gozo, descoberto ou revelado pela análise”.

“A **mirada** era o objeto de gozo e se articulava na fantasia: *ser a vergonha de minha*

“O desejo do analista não é um desejo puro. É o desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se *assujeitar* a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver”⁸¹.

Para condensar uma vida em uma hora é imprescindível um passador. Para este ator fica oculta a discussão do cartel sobre se houve passe, e se desemboca em nomeação em A.E., ele fica sabendo quando é anunciado pelo CIG.

Um membro do Cartel ao qual transmiti o testemunho recolhido escreve:

“[...] ali não se trata de uma decisão calculada, pensada e ainda menos, voluntária. Não há ali um ato de vontade, trata-se mais de uma certeza que toma o Cartel em um momento em que há a convicção unânime de que algo realmente passou, atravessou e produziu em cada um e no corpo do Cartel, o efeito de surpresa, pois algo captura o cartel, sem que necessariamente venha na *audição* do testemunho, às vezes nem sequer nos significantes que designam o passante, nem tampouco nos ditos do passador, nem nas notas que preparou, mas que surpreende o Cartel como *escritura* única, singular, como o “texto” efeito do que não pode ser inscrito nas palavras”⁸².

Um dizer que ex-siste... passa.

Tradução: Leonardo Pimentel
Revisão da tradução: Sandra Berta

A função do passador: dar voz ao texto do passante?

Samantha Abuleac Steinberg

Para iniciar, um chiste

Um chiste trabalhado por Lacan em 1957, dez anos antes da sua Proposição sobre o psicanalista da Escola:

⁸¹ Jacques Lacan. (1964) Lacan Jacques. (1964) *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 260.

⁸² Zuluaga, Beatriz. O que a-texto de uma experiência. Escola. In: *Wunsch 14*, Boletim internacional da EPFCL, dezembro 2014, p. 63. <http://www.champlacanien.net>

Uma moça, uma mulher em potencial, em quem podemos reconhecer todas as qualidades da verdadeira educação, aquela em que consiste em não usar as palavras chulas, mas em conhecê-las, foi convidada para sua primeira festa surpresa por um galanteador que, ao cabo de um momento de enfado e silêncio, disse-lhe, ao sabor de uma dança, aliás imperfeita:- Como viu, senhorita, eu sou conde – At!- respondeu ela simplesmente.⁸³

Detalhe: para nós, que não falamos o francês, a palavra **comte** (conde) soa idêntica ao termo chulo **con** (babaca), acrescida de um t.

Nesta simples exclamação “At!”, Lacan escuta a encarnação do dizer, uma presença de sujeito. “Diz: Nada é mais exemplar do presente do dizer, (...), do que a exclamação pura e simples.”⁸⁴ (Ibid.,p.66

E ainda:

O que faz aí a tirada espirituosa? Ela não indica nada além da própria dimensão do *passo* como tal, propriamente dito. Ela é o *passo*, por assim dizer, em sua forma. (...) É isso que, na tirada espirituosa, pode manifestar, apesar de tudo, o que em mim é latente de meu desejo e é esse algo que pode encontrar eco no Outro, mas não forçosamente. Na tirada espirituosa, o importante é que a dimensão do passo-de-sentido (*pas-de-sens*) seja retomada, autenticada⁸⁵.

O chiste é o passo, passe, em sua forma, sendo preciso que algo do desejo encontre eco no Outro. Um t a ser lido, subtraído, no caso do Ah-t!

Deixo o chiste como pano de fundo para adentrar na experiência do passe, especialmente na função do passador. Não sem a companhia de vários outros colegas que tentaram cernir esta experiência.

Vamos ao começo. O começo já é um desconcerto, um susto. Uma mensagem ou ligação do passante: Aceita ser passador? Como? Este convite pode ser algo bem estranho. No meu caso, sabia da existência da função passador, pela ligação anterior com a Escola, mas imagino que poderia não saber. Porém, sabendo ou não sabendo, a “coisa” atordoia, mexe. Como será? Como transmitir algo do outro, e ainda por cima em outra língua, no meu caso? Foi a primeira preocupação. Mas a resposta do passante acabou por me tranquilizar, em parte. Respondeu na sua língua, o castelhano: “*será algo muito simples, sensível, o que tenho a transmitir*”. Uma resposta que já indicava uma certa posição do passante, bastante tranquila e orientada pela Escola.

A diferença de língua, nesta experiência, não me pareceu um obstáculo, muito pelo contrário, falarei deste aspecto adiante.

Para tentar melhor dizer desta função farei alguns cortes temporais:

1º tempo- Tempo pré- testemunho

Um tempo de espera, de expectativa. Mas também um tempo de pesquisa. Um tempo para o passador se aproximar desta invenção *sui generis* de Lacan e de sua função na experiência. Qual seria a aposta, o desejo de Lacan com o passe? Hoje penso que Lacan criou

⁸³ Lacan, Jacques. (1957-1958). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1999, p. 66.

⁸⁴ *Ibid.*, p.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 103.

este dispositivo porque tinha uma pergunta que o norteava, e não uma pergunta qualquer: *Como se faz um psicanalista?*⁸⁶ Uma pergunta aberta por estrutura pois diz do singular de cada análise, uma pergunta que causa. Sim, mas se fosse um dispositivo “só” em torno desta pergunta, para que o passador aí? Não seria mais lógico um percurso sem mediação, do testemunho do passante ao cartel do passe? Talvez. Atordoante, não? Sim, pois a pergunta de Lacan criou um dispositivo que transpira, inspira o ar da transmissão.

Lacan supõe que o ato de se autorizar não é somente o ato de se tornar analista, é também um ato dotado de transmissibilidade, ou seja, um ato que pode ser retirado do inefável para ser transmitido a terceiros⁸⁷.)

Inspirado no chiste freudiano, a aposta radical é que algo passe de um sujeito para outro sem que se saiba, sem que se queira, sem sabermos quem é seu autor e não importa. Mas algo passa e o índice disso é o riso. No passe, Lacan apostou que o “desejo de analista” poderia passar. A partir de cada passante, que passa seu testemunho para um passador, que passa, por sua vez, para um cartel do passe.

Mas qual seria então a função do passador? Bem acompanhada por Picasso, no seu chiste, será que poderíamos dizer que nossa função seria verdadeira(mente) agarrar um “desejo pelo rabo⁸⁸”, o “desejo de analista” do passante? Sim. E não! Pois o dizer não é justamente o que fica esquecido, por trás do que é dito, em o que se ouve? Trata-se de um impossível, apreender o dizer do passante. Mas podemos recolher seus ditos, os ditos de uma vida analisante, do sofrimento de entrada ao passo/passe de saída, com seus momentos de cortes e reviravoltas. Afinal, é pelas consequências dos ditos que se julga o dizer. Sendo o sujeito, efeito destes ditos⁸⁹.

Outra especificidade do dispositivo. É preciso que o passador já tenha atravessado um certo umbral em sua análise, mas se encontra ainda num tempo de grandes turbulências, diferentemente do passante, que encontrou uma saída⁹⁰. Como poderíamos dizer deste umbral? Procurarei abordá-lo pela dimensão do sujeito, com a ajuda do texto de Godino Cabas. Para Lacan, o sujeito brota de um nada de substância, articulado ao pulsional e ao *objeto a*, e:

Curiosamente, é o encontro com esse nada que a neurose pretende evitar a todo preço. Até porque quando esse encontro acontece o saldo se resume a uma sucessão de efeitos clínicos que evocam um despojamento. Queda das identificações, perda dos ideais correspondentes, esvanecimento das satisfações imaginárias, dissolução parcial do gozo inefável correlato etc. Série de efeitos clínicos que agrupamos sob o título de “destituição subjetiva” e que correspondem ao encontro do analisante com a ausência de suportes da sua

⁸⁶ “Em outras palavras, podem-se fazer curas, aliás, válidas, com as ideias mais aberrantes sobre aquilo de que se trata na análise. Mas há outro tempo que é o seguinte: é que para ser psicanalista, é outra questão. Ser um psicanalista, é fazer uma psicanálise sabendo o que faz. Há, em todo caso, um tempo em que se torna absolutamente indispensável que essa identificação seja estrita, é para fazer um psicanalista. Você observa os tempos: fazer uma psicanálise, ser psicanalista, ou *fazer um psicanalista*, não é a mesma coisa, há exigências teóricas que estão em níveis distintos.” Lacan, Jacques. (1961-62) *O Seminário livro 13, lição de 22 de junho de 1966*. Inédito.

⁸⁷ Didier- Weill, A. *Lacan e a clínica psicanalítica*- Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda, 1998, p. 71.

⁸⁸ Nome da primeira aventura literária de Pablo Picasso, escrita em 1941: *Le désir attrapé par le queue*” ou “*O desejo pego pelo rabo*”.

⁸⁹ Lacan, Jacques. (1972). *O Aturdido*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. pp. 448-497.

⁹⁰ Soler, Colette. (2011). “O passador”. In: *Wunsch 12*, Boletim Internacional da EPFCL, junho 2012., pp.3-5

verdade, a vacuidade de seu discurso e - mais decisivo ainda - a descoberta de ter como base esse furo real, esse nada-de-substância.⁹¹

Podemos dizer que tanto o passador como o passante já se depararam com esta ausência de suportes da sua verdade e com este furo real que os causa, e talvez, só por isso, o passador possa escutar esta dimensão de real contida no texto do passante. Cito Dominique:

O passador- “passoire” (coador)-, é utensílio furado (troué), propício para recolher os achados (trouvailles). O passador é esse “corredor, essa falha, por onde quis fazer passar meu nome.”, diz Lacan: é isso a outra “diz-mensão” do passador, outro sítio do dizer: “Para recolher (esse testemunho) do outro, é preciso outra dit-mensão: a que comporta saber que o analista, da queixa, não faz senão utilizar a sua verdade.” O passador é, portanto, advertido por sua experiência de que a verdade que dá sentido à queixa é utilizada apenas para fazer limite ao saber do inconsciente (real). O passador não é tapado, nem tapeado pela verdade, ele topa.⁹²

Vamos então agora ao tempo e espaço deste encontro.

2º tempo- Tempo do recolhimento de um testemunho

Tempo de escutar o outro, aquele que quer dizer da sua análise e de sua posição singular. Um Outro, mais como alteridade, menos como semelhante.

A diferença de língua, na minha experiência, só fez amplificar esta dimensão de separação e alteridade absoluta. Talvez porque nesta experiência foi um desejo deste passante transmitir o seu testemunho em outra língua, uma língua que não lhe dizia nada, que não tinha familiaridade.

Mais ainda, neste tempo fui tomada por uma enorme responsabilidade, a responsabilidade de bem recolher, guardar e transmitir o texto de um outro, e não qualquer texto, o que se reduziu de sua análise...

Fiz muitas notas em um caderninho no decorrer destes encontros, e também perguntas, pela diferença da língua, e nos momentos em que me ocorria que algo mais poderia importar ao cartel do passe. Alberti nos adverte:

Não é raro, por exemplo, que lacunas nos relatos impedem até mesmo historizar a vida do analisante – aquela que é construída em análise –, de modo que até dá para identificar no testemunho que houve mudança, mas não *a maneira pela qual a análise foi responsável por essa mudança*. Se não é possível nem isso, como *hystorizar* uma análise?⁹³

Ainda é preciso dizer que nestes encontros com o passante fui tocada⁹⁴, emocionada, pela sua posição singular e ética, e o que mais desejava era poder transmitir isso ao cartel do passe.

Foi curioso que deixei o caderninho em espera nos meses anteriores ao encontro com o cartel, não conseguia mexer naquele texto escrito. Talvez tivesse um certo receio de

⁹¹ Cabas, Antonio Godino. *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 225.

⁹² Fingermann, Dominique. *A (de)formação do analista: as condições do ato psicanalítico*. São Paulo: Escuta, 2016, p 112.

⁹³ Alberti, Sonia. O passador, seu AME, o passante, os cartéis... e seus impasses. In: *Wunsch 16*. Boletim Internacional da EPFCL, fevereiro de 2017, p.55. <http://www.champlacanian.net>

⁹⁴ Anita Izcovich diz do passador ser *afetado pelo real do testemunho do passante*, em seu texto “Efeitos de Corte” In: *Wunsch 12* Boletim Internacional da EPFCL, pp. 65-67. <http://www.champlacanian.net>

adulterá-lo ou perde-lo. Como se estivesse sob os meus cuidados algumas notas raras, que não me pertenciam, e fosse necessário fazê-las chegar a um certo destino.

3º tempo- Tempo de colocar algo de si no texto

Este tempo se deu em Paris, nos dias anteriores ao encontro com o cartel.

Lia e relia o texto do passante, tentando apreender o que se repetia, o que me tocou, o que me parecia essencial transmitir. Mas não escrevi um outro texto para apresentar ao cartel, só tinha o texto do passante em mãos. Com grifos, rabiscos e marcações minhas sobre o texto e nas laterais das páginas. Depois disso, o encontro com o cartel do passe.

4º tempo- Tempo da transmissão de um testemunho

O tempo da transmissão é o tempo deste encontro com o cartel. Uma babel de línguas, com a presença, no meu caso, de uma tradutora não participante do cartel, e muitas vozes em torno do singular de um sujeito, ao redor de uma pergunta: como se faz *um* psicanalista? Neste tempo, me percebi absolutamente separada do texto do passante e imbuída do desejo de passar o que supunha que ele queria passar, através da minha voz. Sim, *dar voz ao texto do outro, assim entendo a função do passador*. Ao final, uma satisfação e uma alívio, por haver entregue a carta ao seu destino, da maneira que havia sido possível.

Será que poderíamos dizer que, o que o cartel do passe procura recolher, é algo de um desejo e de uma presença de sujeito, como no chiste? A presença de um sujeito que tenha assumido e topado seu nada de substância?

Com Godino Cabas pergunto:

[...] que é, pois, o sujeito senão uma posição? Que é ele senão um termo de responsabilidade face às exigências da pulsão? Que é ele senão o ponto onde se põe uma responsabilidade pelo gozo e pela causa do desejo? Que é ele senão uma decisão de assumir – ou não- *isso* que clama e que não há como dar sua devida resposta? E que é essa decisão de assumir- ou não – os empuxos da existência senão o exercício de uma responsabilidade?⁹⁵

Um sonho para concluir

Um sonho do tempo de elaboração deste texto:

“Estava em um lugar um tanto quanto desconfortável, mas era minha análise, em uma escada de serviço de um prédio qualquer. Eu sentada em baixo, meio torta, de lado, sem encontrar muita posição, e minha analista em cima. Vejo então alguma coisa num vão apertado e empoeirado entre a escada e a parede: algumas moedas e uma chave. Passo as moedas e a chave a minha analista e digo: se tiver algo meu depois pego. Como se não soubesse muito bem naquele momento o que era meu ou dela.” Ao acordar me dou conta que era a chave do meu consultório, e penso: não deveria ter passado a chave do meu consultório para minha analista! Mas depois também me ocorre a questão da transmissão e do passe, da passagem de analisante a analista. A chave do consultório de cada um em questão com este dispositivo mais do que inusitado. Como se faz um analista mesmo?

⁹⁵ Cabas, Antonio Godino. *O sujeito na psicanálise, de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 227.

A impudência do dizer: como passa?

Dominique Touchon Fingermann

Lacan no *Seminário 21* sublinha o laço entre o gozo feminino – não todo fálico – e a “impudência do dizer”.⁹⁶ Impudência, qualificaria o dizer, por definição inqualificável impredecável. “Impudente”, “fora de série”, “atrevido”, “impertinente”, “irreverente” etc. não qualificam o dizer do Um, mas indicam sua presença, *en-corps*, e sua posição de exceção.

O dizer, por definição, não se qualifica, mas quantifica, já que, como conjunto vazio, ele inicia a série dos uns, e pode se contar como pertencendo a qualquer conjunto/significante. O dizer impertinente, que não pertence de jeito nenhum aos ditos, poderia logicamente se deduzir da série dos ditos. Mas esta demonstração só poderia evidenciar sua vacância e sua extravagância, e nenhum valor singular que vale como “identidade de separação”, como diferença absoluta, que diferencia absolutamente e não relativamente “*make difference*”, como dizemos em inglês, quando em francês diríamos: esse é alguém! [« ça, c'est quelqu'un! »].

Como passa um dizer de Um mais além da demonstração que cada passante se aplica a fazer com seus passadores? A separação do dizer, a sua exceção, a “insurreição” que subverte o sujeito, se demonstra, mas, sobretudo, se mostra quando sua impudência responde à impotência dos ditos: responsabilidade do dizer.

Excetuando os percalços e mancadas sempre possíveis do dispositivo, o que faz diferença entre um passante não nomeado e um AE?

O que faz diferença não é nem a complexidade e os meandros das suas travessias das identificações e do constrangimento fantasmático, nem o luto do objeto, tampouco a perda do Outro que com este objeto completava.

O que faz diferença, quando a carta chega a seu destino, quando a letra se destina ao dizer, o que faz diferença é quando a análise do passante é didática. Uma análise é didática quando ensina ao cartel (e à Escola) algo inaudito, inverossímil por ser singular e não apenas tributo particular do universal da castração. O efeito didático se prova quando afeta o cartel.

O dizer de Um não faz sentido, mas pode afetar: espantar como o *Unheimlich*, tocar como uma música, fazer rir como um chiste, satisfazer como uma brisa repentina, surpreender como um ato, tirar do sério a razão com o “*reson*”, “ressoa” do *absens*, balançar conceitos, preceitos e preconceitos. O dizer de Um não faz sentido, mas pode fazer signo do real para outros Uns díspares e ímpares, e quando passa, é um alívio!

“A leveza do passe” foi o título de minha primeira elaboração, de minha primeira participação a um cartel do passe, no qual nos surpreendeu a satisfação no momento da nomeação. O cartel devolveu o testemunho de seu trabalho horas depois da sua conclusão, em um encontro nacional da AFCL, e o seu deslumbramento irritou um tanto a assembleia. Mas é inesquecível; quando algo passa, produz-se um tipo de laço entre inconscientes, imprevisível e efêmero (contingência). Não vamos dizer que o afeto disparado foi amor, mas não deixa de lembrar o poema de Rimbaud “A uma razão” (que Lacan escreve como o “*reson*” de Francis Ponge):

⁹⁶ Lacan, Jacques. (1973-74). *Le séminaire, livre 21: Les non dupes errent*, inédito. Aula de 11/06/1974.

Un coup de ton doigt sur le tambour décharge tous les sons et commence la nouvelle harmonie.

Un pas de toi, c'est la levée des nouveaux hommes et leur en-marche (...).

[Um toque de teu dedo no tambor desencadeia todos os sons e começa a nova harmonia.

Um passo teu recruta novos homens e os põe em marcha (...)].

É algo sutil porém inesquecível, *inoubliable*, ao avesso do “*qu'on dise reste oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s'entend*” [que se diga permanece esquecido atrás do que se diz no que se ouve].⁹⁷ É o efeito de leveza de um dizer repentinamente inesquecível, sobreposto aos ditos, um dizer que não foge no sentido mas escapa, que ultrapassa o testemunho. “*C'est inouï*” dizemos em francês para dizer de uma coisa que ultrapassa o entendimento e o esperado.

Em todos os passes que tive a oportunidade de escutar, até o último minuto do encontro com os passadores, almejou se produzir o flagrante, a surpresa, o inesperado, o inaudito, “antinômica à verossimilhança”.⁹⁸ Até os últimos instantes tentava se furar a demonstração para que se averigue “uma mudança radical na relação com o saber e o gozo”, uma extravagância, “advento do real”, uma mudança radical na modalidade de gozo, uma modalidade logicamente outra, não toda.

A mudança radical consiste na evidência, que saber e gozo cessam de correr atrás do rabo, ou sejam cessam de crer que sua falta pode ser preenchida ou motivar irresistivelmente toda a graça da vida, ou antes, a sua desgraça de falta-a-ser.

A demonstração do passe desdobra como as ficções (as miragens verdadeiras) tentam despistar a fixação que as originam. A mostra do passe exhibe como o real enquanto “tampão”, “falta da falta”, na sua opacidade fundamental, detém a fuga do sentido nas ficções e evidência a ex-sistência de Um Dizer fora de série.

A repetição e o sintoma, adventos do real, que a experiência da psicanálise permite sacar, considerar e adotar como emergência de um real próprio, podem participar da demonstração necessária a nomeação de um AE. No entanto, é preciso dar prova do bom uso deste real em jogo na estrutura borromeana a partir dos efeitos, das sequências, das condutas, dos afetos e das invenções que esta ex-sistência promove, produz, prolonga. E assim que um Analista de Escola se mostra a altura do ato, que por definição dispensa o sujeito suposto saber e convoca a sua existência fora do comum que não faz laço com o bom senso e outro *joni-sens* da neurose comum e possibilita a invenção de saber.

Algumas vezes no passe, se apreende a invenção de saber, algo que excede a descoberta da verdade, e aponta, indica o real em jogo.⁹⁹

Algumas vezes, nos testemunhos, transmite-se alguma coisa que repercute os efeitos da letra; algumas vezes, se depreende aí o percurso das peripécias do sujeito que, no jogo da decifração, embaralhava sua cifra e a havia feito passar do signo (de gozo) ao sentido gozado (*jouis-sens*).

A letra chega ao seu destino quando ela não quer dizer mais nada, (desvalorização do gozo-sentido) mas “carrega” ainda/no corpo [*encore/en-corps*], “um não sei o quê e um quase nada” do qual podemos fazer uso para muitas outras coisas (fazer poema, laço e, por que não, amor).

⁹⁷ Lacan, Jacques. (1972). O Aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 448.

⁹⁸ Lacan, Jacques. (1976-77). *O seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* inédito. Aula de 11/01/1977.

⁹⁹ Lacan, Jacques. (1974). Nota italiana In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

O passante pode ser nomeado AE quando a letra chega ao destino e faz efeito no cartel, tocado por uma certa graça daquilo que, uma vez o sentido depreendido, se pode suspeitar daquilo “que invisivelmente retém os corpos”.¹⁰⁰

Na sua “Homenagem a Marguerite Duras” Lacan afirma “que a prática da letra converge com o uso do inconsciente é disso que darei testemunho”¹⁰¹ No Cartel do Passe, quando o uso que o sujeito faz do inconsciente converge com a letra (seu sintoma) e o que ele, efetivamente, faz dela (conduta), a partir dela (poema), e não com o sentido, que podemos declarar: passe!

Prelúdio para uma crítica do juízo analítico

Gabriel Lombardi

Faz meio século desde que a experiência do passe foi proposta por Lacan; um pouco menos desde que foi posta em prática como funcionamento nuclear de uma Escola de psicanálise. O dispositivo freudiano da cura exigiu também muitos praticantes e um deslizamento maior, para que seus resultados fossem esclarecidos; as mudanças que este implicou ao nível da clínica, da concepção sobre as posições do ser e a experiência real do *parlêtre*, assim como de seu “único objeto concebível”¹⁰², o que causa o desejo, precisaram esperar uns 60 ou 70 anos para serem revelados.

Quero testemunhar sobre algumas impressões pessoais e algumas perguntas que para mim ficaram abertas após um segundo período no Colégio Internacional de Garantia (CIG) de nossa Escola.

- 1- Uma perspectiva diferente da análise, por um método de aproximação ao que surge de uma análise diferente de outras avaliações. A elaboração, as perguntas e a decisão do cartel do passe se centram na transmissão, não na clínica. Assim foi concebido por Lacan, para explorar, até ao final do tratamento, o passe como transmissão do desejo do analista a seu analisante, se é que este se interessa por esse desejo—o qual não acontece em todos os casos, o desejo de psicanálise nem sempre é seguido pelo desejo de analista. Constatei e não sem haver contribuído para que isto seja assim, que a pergunta sobre o que está em jogo no término de uma análise, no acesso ao desejo de analista, não se responde mediante critérios de moda (atravessamento da fantasia, identificação ao sintoma, determinação do nome de gozo ou algumas dessas fórmulas cristalizadas). Pelo contrário, essa pergunta se responde melhor desde que o cartel-jurado experimenta e julga que passou (ou não) através de um ou ambos passadores, a partir do testemunho da experiência da análise do passante, e eventualmente de seu passe eletivo de analisante a analista.
- 2- Uma ausência razoável de critérios válidos “para todos” os casos de passe, que confirma a insuficiência radical de toda predicação sobre a posição do analista. Nada, ninguém pode ser qualificado analista, explicou Lacan, e a nomeação de Analista da Escola (AE) recorda então o *forcing* com que se resolvem algumas questões de lógica coletiva (*L’assertion de certitude anticipée* de que fala Lacan) como de lógica matemática

¹⁰⁰ Lacan, Jacques. (1972-1973). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p.125.

¹⁰¹ Lacan, Jacques. (1965). Homenagem à Marguerite Duras. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 200.

¹⁰² Lacan, Jacques (1976) Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 569. “a única ideia concebível do objeto”.

- (o axioma de eleição ou a hipótese do contínuo por parte de Cohen). O tempo de reflexão do cartel do passe é breve, umas horas, um par de dias, sua decisão implica um limite temporal da pressa, preocupado por sua composição internacional e pela peremptoriedade dos voos de retorno: o avião vai embora.
- 3- A força do funcionamento do passe é perceptível, mas seus resultados são notoriamente diferentes dos da cura. O passe lateraliza as questões da clínica clássica da psicanálise. As perguntas essenciais rondam atualmente sobre a aptidão de “horizonte sensível” do passador, sobre sua idoneidade para transmitir ao cartel um desejo novo que as vezes produz entusiasmo, ou bem sobre os obstáculos interpostos pelo passador na transmissão, entre os quais: a versão ou a identificação do passador com o passante. O qual recorda o *dictum* de Lacan: “o passador é o passe”. O que passa ou não passa da aquisição e posta em andamento de um desejo, há de passar por ele, ou não passa. Experiência de risco e contingência. Apaixonante, por brindar um esboço sobre de que se trata em análise em sua fase resolutiva para aqueles que optam pelo desejo do analista, enquanto isso haveria de passar através de um testemunho indireto. Teríamos que voltar sobre a pergunta, porque Lacan preferiu um testemunho indireto? E que consequências isso tem nas políticas divergentes da IPA, da AMP e da APFCL. Na primeira não há testemunhos, na segunda há um empuxo ao testemunho direto dos AE, e na nossa tendemos a atermos ao testemunho indireto, para que os AE possam se dedicar, em seus anos de função, às “questões cruciais da psicanálise”.
 - 4- No CIG verifiquei uma notória e surpreendente desconexão, ao menos no plano dos enunciados, entre o passe e a “*ancienne clinique*” de Freud e de Lacan. As particularidades, essas que sempre pesam forte na clínica (neurose, psicose, perversão, homem, mulher, hetero ou homossexualidade), apenas estabelecem parte dos debates nos cartéis do passe dos quais participei, mesmo se neles houve 4 nomeações de AE. Esta pureza do momento do passe, liberado das particularidades clínicas, foi meticulosamente resguardada nos cartéis do passe e também no CIG, que é quem os forma e registra seus resultados. Em qualquer apreensão clínica não podemos prescindir da tipicidade do sintoma para nos situar na transferência e orientar a cura. Ao contrário, no passe, o acento está posto na singularidade do acesso ao desejo de analista.
 - 5- Outra surpresa, que se conecta com a anterior: a precariedade nos debates internos do CIG, das reflexões sobre a *historicização* – termo introduzido por Lacan no *Prefácio de 1976*-. Sem dúvida, tal como o entendo, esse conceito neológico convida a voltar sobre os passos da experiência, para situar o apoio que encontra o discurso do analista na historicização do sintoma como resposta do analisante. Lacan marcou sobretudo em seu seminário *O avesso da psicanálise*, o empuxo da cura analítica a passar pela posição histórica; posição essa que se especifica por constituir o único tipo de sintoma que interroga o Outro do laço social (e não de fora do laço social, como a ironia do esquizofrênico). Agora bem a passagem pelo discurso não se restringe a analisantes mulheres; também homens, também sujeitos de outros tipos clínicos hão de passar por ali para fazer sua experiência de análise. Assim a analisante obsessiva que começa a perceber seu corpo, assim o paranoico que um dia, inesperadamente chora, e começa a experimentar de outro modo seu corpo e sua história, passando da dissociação hipocondríaca ao sintoma que se associa. Assim também, o dia angustiado em que o perverso deixa de lado sua tendência a reproduzir intervenções secretas, porém que impactam sobre o gosto ou o discurso de quem o escuta, para passar a relatar os complexos e dores variáveis que o habitam desde criança ou desde a puberdade. Assim esse momento em que o esquizofrênico, corpo de ferro, imune ao cigarro ardente que queima os dedos, imune ao frio da intempérie, a sede e a fome,

começa a resfriar-se, a sentir pequenas doenças, e alguma pedrinha moral em sua consciência.

A neurose obsessiva não exclui a histeria, porém tampouco os outros tipos clínicos do sujeito analisante, se é que efetivamente os deixamos entrar no dispositivo analítico.

Essa histericização permite que o analisante responda de outro discurso que não o analítico e nos recorda que tratamos o sujeito da ciência, de uma singularidade universal, oxímoro com que supera a particularidade da histeria pura. O parentesco do discurso histórico com o da ciência assinalado por Lacan se revela também nessa condição de análise, que “todo analisante” tem que passar por esse modo de laço social que envelopa o sintoma no lugar de agente. De todo modo pelo menos para mim, coloca-se a pergunta sobre a *histericização* própria da análise: a análise não deveria incluir o apoio encontrado pelo passante no valor revolucionário do sintoma fundamental, aquele que precedeu e é subjacente a sua posta em forma histórica? Se for assim, é algo não explicitado, e menos ainda elaborado, nas elaborações do passe que pude escutar.

Pelo contrário, os resultados colhidos até agora no passe fazem eco da expressão “*épars desassortis*” (esparso disparatado) do prefácio de 1976, todos singulares, o que não está mal, porém insuficiente no que diz respeito a uma *histericização*, que requereria voltar sobre o sintoma, que por mais singular que fora, não se agarra a não ser em sua particularidade. A prova é que os resultados do passe apenas se conectam com o fato de que nem todos os AE procedem do mesmo tio clínico, do mesmo sexo, da mesma posição em referência a esse real mítico que encarna o pai, nem do mesmo tipo de relação de objeto, heterossexual ou homo, dados que nos testemunhos até agora só permanecem escondidos.

Essa “*hystorização*” requerida por Lacan procede dessa ideia de histericização (*hystérisation*) durante a análise, com esse Y (ypsilone) de procedência grega e uterina que em francês usualmente se emprega para a histeria (*hystérie*), mas não para a história – *histoire* em grego vai com a j e não com o y -. Qualquer que seja o tipo clínico do sintoma de origem, qualquer que seja o sintoma fundamental, o analisante deve ter passado em sua experiência analítica como tal, não só pelo discurso do analista que o põe a trabalhar desde sua divisão de sujeito $a \rightarrow \mathcal{S}$, mas também por sua reação analisante desde outro laço social, e particularmente desde o discurso histórico ($\mathcal{S} \rightarrow \mathcal{S}1$), “o discurso efetivamente sustentado pelo analisante” (segunda aula do seminário *L’envers de la psychanalyse*).

Nos dois períodos do CIG em que participei, só escutei falar de psicose no caso de alguns pedidos de passe que não foram admitidos. Os que foram admitidos, são considerados explícita ou tacitamente casos de neurose, como se a passagem pelo discurso analisante excluísse outras opções. Inclusive nos casos de nomeação onde se transmite um pouco o testemunho de tipo “inconsciente a céu aberto”, sem objetar em absoluto a condição de AE. Porém, a pergunta que metodicamente poderia ser colocada acerca do posicionamento subjetivo a respeito do pai como referência real, não é uma preocupação em geral para os integrantes do CIG. E de perversão, no homem, não se falou em nenhum caso.

Será que o diagnóstico enquanto tipo clínico representa um saber de classificação que implica, em nosso meio, um juízo de valor? O diagnóstico em psicanálise é injuriante, desqualificativo, se não determina uma neurose? Talvez assim seja em outros lugares, porém não a minha volta, onde não estudamos somente os déficits, mas também os benefícios a respeito do laço social que aportam tipos clínicos como perversão e psicose – particularmente notórios na arte ou em disciplinas científicas como a lógica matemática, e mais amplamente em toda obra que implique uma liberdade criativa inacessível para o neurótico.

Uma crítica do juízo psicanalítico me parece imprescindível para evitar a atual perspectiva segundo a qual devemos tudo a neurose, dando entender implicitamente que essa

é a melhor procedência do analista, senão a única. Seria interessante que pudéssemos voltar a essa inclinação pela qual Freud e Lacan puderam trançar a heurística que os guiou em sua própria hystorização e não somente a partir da neurose. Ali incidiram Fliess, Aimée, ademais das próprias possibilidades não neuróticas de cada um deles; “se fora mais psicótico, eu provavelmente seria melhor analista”, dizia Lacan e não era um chiste. Porém isso não é um tema de debate em nossas escolas. Essa crítica não só requereria, como na cura, pagar com o juízo íntimo, mas também com o juízo oral, que pode ser claramente explicitado ao menos nos debates internos de instâncias como cartéis do passe e no marco do CIG. Alguém se encontra melhor com bobagens do tipo: “eu não quero saber intimidades desnecessárias da vida de um colega”.

Desde sempre há escolas mais ou menos abertas à questão. Uma analista afirmou faz pouco tempo, na Universidade, que ela não está de acordo em que se tome como material de trabalho o que os AE publicaram de seu próprio passe. Assim se combate o traço de obscenidade ou de discriminação com o obscurantismo, esquecendo a sugestão de Lacan segundo a qual, entre a vida pública e a vida privada, está a vida analisante, que não é algo para espantar-se; sobre tudo se no lugar de demorarmos nas fantasias, fonte inesgotável da obscenidade paralisante do desejo, toma-se como referente essencial na clínica a divisão subjetiva patológica, quer dizer o sintoma, enquanto que em algum momento torna-se impossível de suportar, desesperante, como a enfermidade mortal {*Sygdommen til Doden*} para Kierkegaard.

Se pode argumentar que a destituição subjetiva do analisado termina em ato com a divisão do sujeito. Para que então incomodar-se em trabalhar sobre a *hystorização* recomendada por Lacan para a experiência do passe? Para que voltar sobre a conexão com as coordenadas do começo do tratamento e dos referentes complexuais em que a dimensão do sintoma se constituiu originalmente? Uma explicação possível, já sugerida: do que se trata no passe não é tanto da ordem da historicização do *phatos* nem da destituição subjetiva, condição do ato ao qual a análise dá acesso. Outra explicação possível, insuficiência de passadores. Porém também poderia incidir o estado da questão entre os integrantes do cartel do passe, aos quais cabe uma ingerência decisiva e responsável na comunidade analítica da que formam parte.

Recordemos que a destituição subjetiva não é um estado permanente, mas uma condição estrutural do ato. Depois da qual, a divisão, condição existencial do sujeito, retorna, qualquer analista sabe disso e com isso pode se arranjar. O próprio Lacan sentia-se culpado, *rénis*, de seu sintoma que lhe voltava do real, pelo qual afirmava ter que passar uma e outra vez pelo passe. A articulação entre uma e outra posição, destituição e sintoma, seria interessante e também importante. Ali reside a cifra da articulação entre análise e a clínica, e a chave da articulação de seus métodos...

Em suma, minha impressão é que estamos empregando em psicanálise o diagnóstico acompanhado de juízo de valor, como déficit ou excesso - exceto que se trate de uma neurose. Prevalece o prejuízo de que pode ser analista quem procede da neurose e não de outros tipos clínicos. É certo que o neurótico é menos revoltado, porém como bom paciente, pode ser um perigo para os dispositivos. É um erro bloquear a pergunta sobre o sintoma do qual procede o analisante. Não há AE procedente de outros tipos clínicos? Não é tão certo, porém ou não se nomeiam, ou não se coloca a pergunta. Psicose é então índice de não-passe. A perversão não existe ou pelo menos disso não se fala, só existem os “traços de perversão”, segundo aprendemos “na clínica sob transferência” imposta pela Associação Mundial de Psicanálise nos anos 1990. Agora, vejamos, que a clínica se dilua ou se mantenha “sob transferência”, o que quer dizer “sob sujeito suposto saber”, é grave tanto para sua cientificidade como para sua ética. A psicanálise há de diferenciar sua perspectiva tanto do discurso do mestre antigo, que mantém o saber “sob transferência” da diluição capitalista da

clínica, que proletariza nossas referências radicais. Se pode matar o pai com a condição de servir-se dele.

Tradução: Elisabeth da Rocha Miranda
Revisão da tradução: Sandra Berta

“A marca que os congêneres devem ‘saber’ encontrar”

Clara Cecilia Mesa

Queridos colegas estamos a ponto de concluir a intensa jornada em relação a experiência da Escola posta à prova, 50 anos depois de Lacan ter feito sua proposição sobre o dispositivo do passe. Lacan como Spinoza, 4 anos depois do que chama sua excomunhão, empreende um projeto que aspira a uma “reforma do entendimento”, a fórmula é de Spinoza e é tomada por Lacan no seu texto “Razão de um fracasso”, também de 67, neste diz haver se dedicado à “reforma do entendimento” que impõe uma tarefa a respeito da qual um dos atos é engajar os outros¹⁰³, em seguida, esse projeto é anunciado sob a forma de uma proposição dirigida à comunidade dos analistas e seus pilares fundamentais são uma renovação do estatuto de inconsciente e interrogar a prática, seu programa implica estabelecer uma nova forma a partir da qual o psicanalista encontre em sua própria análise as razões de seu ato. Assim pois, a proposição vai mais longe que a colocação em marcha do dispositivo do passe para dissipar a sombra espessa que recobre a passagem de analisante a analista. É para isso que propõe “estruturas asseguradas na psicanálise e de garantir sua efetivação no psicanalista”¹⁰⁴.

Sabemos que sua comunidade não acolheu de bom grado o projeto, mas Lacan não desiste, assim em 15 de novembro inaugura seu seminário 15: O ato analítico, 14 de dezembro profere a conferência “O engano do sujeito suposto saber”, e 18 horas mais tarde, 15 de dezembro “Razão de um fracasso”. A reforma do entendimento se encontrou com resistências, as mesmas que Freud havia advertido: a dos analistas, assim começa “O engano do sujeito suposto saber” dizendo: “O que é o inconsciente? A coisa ainda não foi compreendida. Tendo o esforço dos psicanalistas, durante décadas, sido o de tranquilizar quanto a essa descoberta, a mais revolucionária que houve...”¹⁰⁵

Assim, comemoramos os 50 anos de um quadrípode: proposição para a Escola, como projeto de reforma, balanço de um fracasso e ato analítico, inédito, como ele o disse em seu resumo do seminário 15: “o ato psicanalítico, ninguém sabe, ninguém viu além de nós, ou seja, nunca situado e muito menos questionado, eis que nós o supomos a partir do momento eletivo em que o psicanalisante passa a psicanalista”¹⁰⁶.

Lacan decide então partir daí: o analista só se autoriza de si mesmo, o que não exclui que a Escola garantisse que um psicanalista advenha de sua formação... e o analista pode querer esta garantia... e tornar-se responsável pelo progresso da Escola...¹⁰⁷ O projeto de Lacan implica então:

¹⁰³ Lacan, Jacques. (1967). A psicanálise. Razão de um fracasso. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 346.

¹⁰⁴ Lacan, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 248.

¹⁰⁵ Lacan, Jacques. (1967). O engano do sujeito suposto saber. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 329.

¹⁰⁶ Lacan, Jacques. (1969). O ato psicanalítico. Resumo do Seminário de 1967-1968. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 371.

¹⁰⁷ Lacan, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 248.

uma garantia para a escola, mas não é a garantia que provém do Outro, não é a garantia de um saber todo possível, senão paradoxalmente, uma garantia que provém do real, do impossível, do não-todo e essa garantia produz uma novidade sobre os problemas precedentes para a psicanálise: primeiro a psicanálise tem um fim, não está à deriva do inconsciente estruturado como uma linguagem sempre sujeito a uma nova elucubração; segundo, apesar desse não-todo possível de dizer ter suas raízes no nó do umbigo dos sonhos, não é por isso inefável; três, a produção do analista não é um autômaton mas sim uma contingência, um acontecimento. Assim se pode ver na “Nota italiana”. Lacan muda de opinião e já não diz que o analista é o produto de uma análise, sim, ele é, mas não como um autômaton, e de uma maneira contundente diz que não basta uma análise terminada para que haja analista¹⁰⁸, e, quatro, o analista não é autorizado pela hierarquia institucional ao modelo IPA que o precede, se autoriza de si mesmo, isto é, do que pode cernir uma vez que tenha podido atravessar o horror de saber, o seu próprio, separado do clamor da humanidade, e com ele pode saber ser o “rebotinho da humanidade”, diz Lacan na Nota italiana¹⁰⁹ na qual não deixa dúvidas sobre como se recrutam os analistas. Autorizar-se de si mesmo é dizer do objeto *a* que pode cernir como resto da sua própria análise, levado até as últimas consequências, e não do seu extravio, nem da sua divisão, nem de seu fantasma, nem de sua castração¹¹⁰.

No entanto, o dispositivo do passe é um procedimento complexo que põe a prova a emergência do Analista de Escola, e, portanto, a Escola mesma, este dispositivo articula os AME, os passadores, o cartel do passe, e finalmente, o AE, contingente porque pode advir ou não uma nomeação.

Deste funcionamento complexo, me interessa ver de que modo, e por quais meios, o Cartel do passe pode servir para a nomeação de um AE. De que modo porque neste dispositivo está em jogo, como a água que faz mover o moinho, a falha no saber que o real introduz, e que se manifesta em cada passo do procedimento: o analisante que decide testemunhar dos problemas cruciais de sua análise, é dizer o passante, que sabe mais do que sabe que sabe, sem saber disso, como o prisioneiro do sofisma, que chegou a uma dedução lógica da marca que carregava nas suas costas e que lhe indica quem é, sem poder ver e se apresenta na porta para demonstrar como chegou a conclusão sobre seu ser; os passadores, dois, que estão eles mesmos em um momento de construção da sua travessia de final de análise, se encontram em uma relação determinada por um certo amor ao saber, diz Lacan na pequena “Nota sobre a designação de passadores” (1974), para que possa escutar a intensão de transmissão do passante, a transmissão do esclarecimento do que acontece na penumbra que encobre a passagem de analisante a analista, e que ao mesmo tempo seja particularmente sensível, neste momento, ao horror de saber... É necessário um passador diz, para concluir sua nota, não importa que não saiba interrogar o outro, não importa que não saiba qual é o saber que ele porta, porque, como diz, Colette Soler, “ao passador ainda falta a resposta”, no entanto, é por esta mesma dificuldade “que será eventualmente sensível à resposta que o outro, seu passante, acreditou encontrar e poderá transmiti-la ao cartel do passe.”¹¹¹

Vemos aparecer aqui o campo no qual o Cartel do Passe recebe seus testemunhos, geralmente heterogêneos, dos passadores e é sobre eles que haverá de deliberar e decidir finalmente uma nomeação ou não. Mas, como? Se não se tem um saber de doutrina prévio que permita elaborar uma espécie de check list para ir verificando o cumprimento dos critérios para determinar um final de análise.

¹⁰⁸ Conferência de Colette Soler, em Madrid. <https://youtu.be/13DQJIBdd040>

¹⁰⁹ Lacan, Jacques. Nota italiana. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 311-315.

¹¹⁰ Soler, Colette. El embrollo de los discursos. In: Heteridad 3. El tiempo del psicoanálisis. Revista de psicoanálisis de la IF-EPFCL, 2002, pp. 111-124.
<http://www.champlacanian.net/public/docu/3/heterite3.pdf>

¹¹¹ Colette Soler. O Passador. In: *Wunsch 12*, Boletim internacional da EPFCL, junho 2012, p. 5.
<http://www.champlacanian.net>

No entanto, após a experiência em um cartel do passe que teve a chance de nomear um AE, cheguei a construir a hipótese de que o ponto no qual a transmissão toca o fundamento epistêmico da Escola é no encontro efêmero, como um relâmpago, ocorrido entre o cartel do passe, ele mesmo efêmero e cada um dos dois passadores, eles também efêmeros. Este encontro, como um encontro às cegas, permite que estas diferentes espécies de desconhecimentos, produzam uma remoção das águas tranquilas de um saber suposto doutrina em psicanálise, que deixe como consequência um espaço fecundo para a surpresa. “A todos os rege o relâmpago” diz Lacan em 1973 em “Sobre a experiência do passe”, referindo-se à citação de Heráclito “*el trono rige pa tanta*” a todos enquanto diversos, enquanto radicalmente distintos”. Esta referência o conduz a uma pergunta:

Pode o passe colocar efetivamente em relevo ante quem se oferece a ele como é capaz de fazer um relâmpago, com uma luz totalmente distinta, um certo setor de sombras de sua análise? É uma coisa que incumbe ao passante. Posso assegurar-lhes, e acredito que dentre o jurado de confirmação ninguém (...) pode negar que o passe foi para alguns uma experiência absolutamente comovedora¹¹²

Recolho então um fragmento da experiência do cartel do passe. Parto de uma riqueza particular pois permitiu comparar dois momentos subjetivos distintos frente ao passe e extrair consequências para a transmissão.

O passante em questão considerou por vários anos que sua análise havia terminado e pensava apresentar-se ao passe. Neste momento por diversas razões postergou esta decisão. Ainda assim continuava a escrever sua experiência de análise em papéis que pelo que parecia guardava para o momento em que esta decisão fosse tomada, finalmente passa o tempo e frente a algumas contingências ou encontros da vida, caem algumas certezas ligadas aos ideais e emblemas da família paterna e do pai e depois deste movimento decide retomar a análise para um período final. Depois desse tempo e de elaborar ali os restos que os períodos anteriores da análise não tinham conseguido trabalhar decide se apresentar finalmente ao passe, faço o assinalamento do passo, que antes de retomar seu último período de análise entre as contingências houve uma que implicou a perda de toda a elucubração e toda historização que cuidadosamente havia guardado de sua experiência de análise, desprovido agora de toda essa verdade mentirosa, o passante se apresenta ao passe em condições muito diferentes. Dois tempos então: o primeiro tempo, que os passadores nos permitiram perceber, era ainda o momento em que, se bem havia efeitos terapêuticos importantes, o peso dos ideais paternos provavelmente fizeram da nomeação a conquista de um prestígio em série com os ideais de elite, no entanto o último período da análise e sua demanda final de passe nos permitiram pensar que o movimento do primeiro ao segundo momento era um movimento em que se podia pensar a queda do suporte narcisista, e do suporte fálico, deixando-o frente a um resto. Então a pergunta era se era possível discernir entre os ditos dos passadores se este passante, agora sem seus emblemas, poderia transformar esse objeto, em objeto causa da experiência analítica, é dizer saber fazer causa com este resto.

Não posso ir mais longe com relação a experiência, mas o movimento entre estes dois tempos é o que o cartel pode discernir como a passagem. Seguindo Colette Soler em “O inconsciente reinventado” se pode dizer que esta passagem de analisante a analista não é possível ao menos na medida em que o analisante tenha podido cernir seu lugar no inconsciente real, condição para que se possa passar ao ato analítico.¹¹³

Volto ao testemunho para destacar um momento muito importante que teve a ver com um membro do Cartel do passe que está muito longe de conhecer a língua na qual os passadores transmitiram seus testemunhos, pescou o significante do nome, a marca do sujeito que se mostrou em um sonho como não sendo nada mais que parte do cenário, aparentemente trivial. Este significante que salta, e que, como um peixe agarrado pela cauda, permite compreender que esta marca do sujeito real, ainda sendo o vestígio singular de lalíngua encarnada, sem dúvida é, em certa medida trans-linguística ou a-linguística. Lacan dirá: o inconsciente real: “não tem gramática, não tem

¹¹² Lacan, Jacques. Sobre la experiencia del pase. In: Ornicar 1. Versión en español

¹¹³ Soler, Colette. *Lacan, O inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: José Nazar Ed., 2012. p. 13

sintaxe gramatical produtora de significação.” “Os significantes S1 e S2 não formam cadeia.” Isto, claro, não exclui que o inconsciente esteja condicionado pela linguagem pelo fato de ser falante, mas o ICSR não é uma linguagem que faça “frases ou proposições, é mais multiplicidade inconsistente de elementos diferenciais que não fixam o sentido” tenho que esclarecer que apesar de ter sido enunciado pelos passadores nem eles o haviam agarrado. É dizer, este peixe que salta remete a uma variante do significante no real fora da cadeia que fixa o “nome próprio como assinatura infalsificável”¹¹⁴ do sujeito diz Colette Soler. A análise, portanto, não tem outro produto que o há do Um.

Essa marca evoca a aposta lógica de Lacan com a asserção da certeza antecipada, o prisioneiro que pode inferir a marca que traz sobre suas costas... e completamos com a “Nota Italiana” onde Lacan diz: “cabe aos congêneres ‘saber’ encontra-la”¹¹⁵, lhes cabe reconhecer a marca.

Então voltemos a função do cartel do passe, que Lacan chamou de jurado de confirmação, se podemos situá-lo no lugar dos congêneres, é porque aos cartéis do passe se supõe legitimamente um saber derivado de sua própria experiência e do conhecimento da teoria mas este saber não reduz a função do ensinamento freudiano aos analistas: tomar cada caso como se fosse o primeiro, é dizer deixar que cada caso ensine a singularidade, a experiência não pode impedir darmos lugar a surpresa da emergência do inconsciente. Sobre esta função tenho muitas perguntas que não posso resolver neste espaço, mas que enunciarei: Sobre o que se decide? Houve ou não final de análise? Houve ou não possibilidade de determinar se houve a passagem de analisante a analista?, Houve emergência do desejo de analista?. Que lugar ocupou a teoria no discernimento do cartel? O que transmite um passante? Como o mais singular de um caso faz transmissão? Em que lugar do dispositivo se dá a transmissão? A experiência me permitiu ver que a teoria, sendo imprescindível, não é mais, no entanto, do que um mapa de navegação, e isto se verifica pois se bem que cada membro do cartel tenha uma concepção precisa sobre a psicanálise, a teoria toda é colocada em questão. Desde a concepção da entrada em análise até a concepção de final de análise passando pela da transferência, o fantasma, o sintoma, a mudança subjetiva, o terapêutico em jogo, a emergência do desejo de analista, etc. Este movimento sem dúvida dá ao testemunho uma função epistêmica fundamental. Não é a teoria que se aplica a um caso. É um caso que interroga a teoria. Mas não é mesmo assim suficiente. A única expectativa possível para o cartel é a de tratar de achar uma resposta à pergunta sobre como e por quê o passante deu o passo que o colocou no lugar de analista.

O procedimento do cartel é um juízo no sentido do discernimento, não um veredicto, é um juízo no sentido em que consegue cernir, crivar entre os ditos e o dizer um significante que salta da cadeia. Não de qualquer cadeia claro, pois o significante que saltou não é muito afastado dos que se articulavam na cadeia das gerações, nas sucessões familiares, nas sucessões S1 S2, porém salta para assinalar o resto que situa o sujeito como caído da cadeia simbólica.

É claro que o que o cartel do passe deve crivar não é o analista bem analisado, que pela sua forma de historizar sua própria análise haveria chegado a prova de que sua análise está terminada, o que bem poderia ter sido o primeiro tempo para o passante (...) o que o cartel tem que autenticar, cito Bousseyroux, é o analista que se manifesta disposto a responder pelo real que faz tampão a dita historização (...) que tenha experiência não faz o analista nem que não a tenha, senão que seja o saca-rolha da falta da falta que tampona o blá blá da verdade¹¹⁶...mentirosa.

Finalmente só posso dizer que cada nomeação é sempre uma aposta, uma aposta lógica que cada novo AE deverá responder. Fazer-se responsável pelo progresso da Escola, eles têm a tarefa de continuar o projeto de reformar o entendimento empreendido por Lacan.

Tradução: Samantha Abuleac Steinberg
Revisão da tradução: Sandra Berta

¹¹⁴ Ibid., p. 25.

¹¹⁵ Lacan, Jacques. Nota italiana. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 313.

¹¹⁶ Bousseyroux, Michel. Lacan, el Borromeo. Ediciones S&P Barcelona 2016, p. 60.

“DA EXPERIÊNCIA...” É O TÍTULO DA TARDE DE CARTÉIS QUE ACONTECEU EM PARIS O DIA 27 DE SETEMBRO DE 2017

“Da experiência...” foi o tema da tarde de cartéis que aconteceu em Paris, no dia 23 de setembro de 2017.

Neste número de Wunsch publicamos os textos de dois membros do CIG que apresentaram suas interrogações e elaborações a partir da teoria e das suas experiências no dispositivo do passe.

Ambos colegas participam de um cartel do CIG cujo tema é: “*Para sustentar o ato: o passante, o passador e seu papel no dispositivo*”

Reflexões sobre o passador

Roser Casalprim

Desenvolverei três pontos referentes ao título que escolhi para este intercartel:

1. O contexto de que parto para abordar estas reflexões.
2. Acerca do papel e da posição do passador.
3. Acerca da experiência no CIG (Colegiado Internacional da Garantia).

Sobre o contexto

Quero assinalar de entrada que, no CIG atual, do qual faço parte, decidimos a modalidade – já iniciada anteriormente – da constituição de dois tipos de cartéis: um cartel permanente, para elaboração, e um cartel do passe, efêmero, que se constitui quando um passante termina a transmissão de sua experiência no dispositivo, e se dissolve quando o cartel emitiu sua decisão.

O cartel permanente¹¹⁷ de que faço parte tem como tema geral de trabalho: “Pour soutenir l’acte: le passant, le passeur et son rôle dans le dispositif” (“Para sustentar o ato: o passante, o passador e seu papel no dispositivo”). Elegi como tema de trabalho individual a questão do passador: “Qual é o papel e a posição do passador?”. Embora *função* e *posição* não sejam termos equivalentes nem sinônimos, estão intrinsecamente ligados. Trata-se de um questionamento que formulo já faz tempo. Iniciou-se há anos, primeiramente quando fui designada para essa função. Depois, quando, como passante, tive a experiência que chamo de “dificuldades do encontro”, se me permitem a expressão, que se produziu para mim com um dos passadores. Atualmente, como AME (Analista Membro de Escola), a pergunta segue concernindo a mim, por conta da possibilidade de designar passadores, e ainda, por pertencer ao CIG. Evidentemente, são experiências diferentes e a partir de lugares distintos, embora

¹¹⁷ Cartel formado por Jean Pierre Drapier, Clara Cecilia Mesa, Agnes Metton, Roser Casalprim e Patrick Barillot (Mais-um).

todas elas vinculadas ao dispositivo do passe, e com as quais tenho aprendido e sigo aprendendo algo, em todos os casos.

Quero acrescentar, ainda, que, quando o CIG atual substituiu o anterior, o tema da designação de passadores foi uma das questões que apareceu em primeiro plano, com a suspensão das nomeações de AME, e é por isso também que decidi retomar o tema.

Acerca do papel do passador

Com relação à teoria, espero que convenham comigo que não há *A* fórmula sobre a função do passador, e também que tal função não se pode formalizar de todo. Apesar disso, há vários textos de Lacan em que ele dá indicações a esse respeito, algumas das quais são muito precisas e iluminam a questão, e outras talvez menos claras de início. Mais concretamente, nos referimos a alguns dos textos em que ele aborda esse tema: “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, segunda versão, “Intervenção na sessão de trabalho ‘Sobre o passe’ do sábado 3 de novembro” (1973), “Congresso da Escola Freudiana de Paris La Grande Motte” (1973), “Nota que Jacques Lacan encaminhou pessoalmente àqueles que eram susceptíveis de designar os passadores” (1974), “Nota Italiana” (1974) etc.

Primeiro ponto de minha reflexão: sob o nome de “passador”, um analista designa uma função. Se levarmos em conta o lugar central que o passador ocupa no dispositivo, como um “terceiro”, diz Lacan, entre o passante e o cartel do passe, pode-se dizer que os passadores são mensageiros do passante, de viva voz, ainda que muitas vezes se apoiem, de início, em algumas notas ou escritos, quando fazem sua transmissão ao cartel do passe.

Recentemente, assisti a um filme sobre como os espanhóis, perseguidos pelo regime franquista, uniam-se à Resistência Francesa para lutar – na época da França ocupada – após terem conseguido atravessar a fronteira com a ajuda dos *passseurs* – comparação já evocada anteriormente por P. Leray – a quem se confiava tal missão, uma nobre missão, aliás. Depositava-se em seu saber fazer um alto grau de confiança. Guardadas as diferenças, quando um analisante é designado passador, também se confia a ele uma nobre tarefa no dispositivo. Não se trata absolutamente de uma promoção e, ademais, através da designação para essa função, ele é convidado a “servir à Escola”, segundo uma expressão de B. Nominé¹¹⁸, o qual põe ênfase em uma questão interessante, em meu entender, pois que o dispositivo do passe não é feito nem para servir ao passador, nem ao passante e nem ao cartel do passe – ainda que a experiência possa servir a todos, como provam muitos escritos e comentários a respeito – mas, ao contrário, trata-se de aportar algo à Escola. No caso do passador – dizem os próprios passadores, em seus escritos –, a partir de sua designação, ele é impulsionado ao encontro com os temas fundamentais da psicanálise e da comunidade analítica.

Então, o que o passador pode aportar? Alguma luz sobre as sombras?

Segunda reflexão/interrogação: o que esperamos que os passadores possam captar e transmitir no momento atual da Escola? Com relação a eles, esperamos o mesmo que Lacan esperava?

Dado que, na articulação trinitária (“trípode”) do dispositivo, inscreve-se a lógica do discurso, em cada lugar preservam-se as sombras: não se pode ver tudo. Porém, o passador pode funcionar como *dobradiça* [*bisagra*], como peneira, como mediador entre as luzes e as

¹¹⁸ Nominé, Bernard. “O passe para que sirva”. Trabalho apresentado no V Encontro IF-EPFCL, São Paulo - SP, julho de 2008.

sombras. Tal é a dimensão de sua responsabilidade e de sua tarefa que Lacan decidiu que fossem dois.

Talvez seja por isso que muitas vezes se recorria à metáfora da “*placa sensível*”, introduzida por Miller, que não aparece nos textos de Lacan. De todo jeito, parece-me uma metáfora interessante. Sem ser um fotógrafo, o passador pode ser uma placa sensível na qual se imprime o testemunho, mas também ele, por sua vez, é um leitor que pode, em princípio, captar a “*identidade sintoma*” do passante através da *hystorização* [*hystorización*] e com a conclusão satisfatória pela via do ato. De que maneira? Somente através da escuta do relato do passante?

Lacan considerou que somente se podia esperar a produção de um “*testemunho correto*” de quem estivesse atravessando um momento particular, pode-se dizer “*um momento crucial de passe*” – o que durante muito tempo se nomeou como o momento clínico do passe (expressão pouco utilizada atualmente). Assim está posto na Proposição de 9 de outubro de 1967 e, seis anos depois, em 1973, no texto “Intervenção na sessão de trabalho ‘Sobre o passe’ do sábado 3 de novembro”, ele volta a isso. Recordo os parágrafos de ambos os textos:

Na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, Lacan, depois de haver assinalado a marca de “*uma ingenuidade*” (“*naïveté*”) no final da análise, diz: “Donde se poderia esperar, portanto, **um testemunho correto** (grifo da autora) sobre aquele que transpõe esse passe, senão de um outro que, como ele, o é ainda, esse passe [...] e o testemunho que eles poderão colher pelo vívido de seu próprio passado será daqueles que nenhum júri de aprovação jamais colhe”.¹¹⁹

No texto “Intervenção na sessão de trabalho ‘Sobre o passe’ do sábado 3 de novembro”, de 1973, lemos: “O que nós esperamos deles **é um testemunho** (grifo da autora), é uma transmissão, uma transmissão de uma experiência”.¹²⁰

E o que entendemos por “testemunho correto”? Vou dizer como o entendo: que o passador possa transmitir algo de uma experiência singular com relação a como se produz o passo e a transformação de analisante a analista, e em quê isso se sustenta. Ocorre-me também dizê-lo de outra forma: poder transmitir algo do que se passou entre o instante de ver e o de concluir, ou ainda qual solução ou invenção o passante encontrou que lhe possibilitou uma mudança de posição. Houve uma época em que se ressaltava: deixar escutar os efeitos da análise do passante, de sua mudança de posição em relação ao amor e ao gozo etc.

C. Soler põe ênfase em “[...] a maneira pela qual o sujeito é afetado pelas manifestações do real, seja como ele responde a isso no final”.¹²¹

Não estou segura de que essas diferentes formas de dizê-lo sejam equivalentes. O que creio que ocorre é que a “aplicação”, se me permitem a expressão, da teoria ao dispositivo do passe vai passando por mudanças. Por exemplo, em alguns períodos se põe mais ênfase em algumas questões do que em outras, e assim se vai reformulando em função de novas contribuições à leitura dos textos de Lacan: por um lado, a partir do que se vai extraindo de seu último ensino, mas também a partir dos efeitos da colocação à prova na experiência. Ademais, na comunidade analítica está também a “doxa circulante” e seus efeitos. Definitivamente, “a coisa está viva”!

¹¹⁹ Lacan, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 260-261.

¹²⁰ Fingerhann, Dominique; Rojas, Ricardo. Thesaurus sobre o passador. In: *Wunsch 11*, Boletim internacional da EPFCL novembro de 2011, p. 78. <http://www.champlacanian.net/public/docu/4/wunsch11.pdf>

¹²¹ Soler, Colette. “Estilos de passe”. In: *Wunsch 10*, janeiro de 2011, Boletim internacional da EPFCL, p. 55. <http://www.champlacanian.net/public/docu/4/wunsch10.pdf>

Retomando o parágrafo da *Proposição* que recordamos há pouco, Lacan dá a entender que “*o passador é o passe*” – tema que, em nosso cartel permanente, é abordado especificamente por J. P. Drapier. O que entendo a respeito disso é que o passador, por estar nesse “*momento crucial de passe*”, ou seja, na via da resolução de seu “problema”, justamente por isso é sensível à descoberta do outro. Dito de outra forma, o passador está no passe, mas lhe falta transpor este passo/passe, isto é, não atravessou, todavia, o passe. Em suma, ainda não terminou sua análise.

Em consequência, “*não pode dar-se ares de fazê-lo quem não está nesse momento*”¹²², ou seja, não se pode fazer “como se” estivesse no momento do passe. Não se trata, tampouco, de saber desempenhar o papel, mas de estar nesse momento de passe – já que o passador se encontra em um momento de final da cura analítica – e, em consequência, de estar em uma posição no discurso. É por isso que não há regras nem guias a priori para a função, nem há identificação possível. Entendo também que a transmissão do passador, esse “*fazer passar*” e “*deixar passar*” de que falamos há pouco, vai mais além de sua vontade.

Na “*Proposição de 9 de outubro*”, Lacan nomeia o papel do passador como um “*ofício*”. Ele diz assim: “É o que lhes proporei, dentro em pouco, como **o ofício** (grifo da autora) a ser confiado, no tocante à demanda do tornar-se analista da Escola, a alguns a quem denominaremos passadores”.¹²³

Embora o termo “*ofício*” tenha várias acepções ou significações, uma delas é que se trata de “uma tarefa que se aprende”. Além de “tarefa”, o termo tem também a significação de “função”. Assim, faço a leitura de que, nesse texto, ao referir-se a “ofício”, Lacan o faz equivaler a “função”. Qual é, então, o ofício/a função do passador? *Produzir um testemunho correto* sobre o passante.

Seguindo com a pergunta ‘o que se espera do passador?’, quero recordar um dito de Lacan que se repete muitas vezes: “*que esteja à altura de sua função*”. Mas o que isso quer dizer? Eu o relaciono com o que ele manifesta na *Nota Italiana*. Ali, ele menciona que os passadores “*se desonrem ao deixar a coisa incerta*”¹²⁴, – o que, quando li pela primeira vez, me pareceu “forte” porque, em uma primeira impressão, me soou como certa incapacidade do passador. Após rever isso algumas vezes, parece bastante claro que Lacan afirma que o passador não pode deixar ao cartel do passe nem dúvida nem indeterminação em seu juízo a respeito da passagem de analisante a analista. Isto coloca, entre outras coisas, uma questão ética.

C. Soler, em seu *Comentário sobre a Nota Italiana de Jacques Lacan*, interpreta assim: “*mais além de todo o material dos ditos, o que deve ser visado, transmitido, é saber se no candidato se percebeu o traço do rebotalho [rebut]¹²⁵ entusiasta*”.¹²⁶

E segue comentando que, para Lacan, haveria duas falhas, uma do passador e outra do passante. A do passador seria a indeterminação, e a do passante, a falha da falta de

¹²² Lacan, Jacques. (1967). Primeira versão da proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, Anexos. In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 581.

N.T. Em espanhol (idioma original do artigo): “*no es algo con lo que uno pueda darse aires si uno no está allí*”. A frase aparece entre aspas, porém sem referência. Acreditamos que a autora se refere à frase de Lacan “On ne peut s’en donner les airs, si on n’y est pas”, que está na primeira versão da Proposição de 9 de outubro. Seguem as referências para o texto em francês:

Lacan, Jacques. (1967). Lacan, Jacques. (1967). Première version de la “Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l’École”, Annexes. In: *Autres écrits*, Paris: Ed. Du Seuil, 2001, p. 586.

¹²³ Lacan, Jacques. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, *op. cit.*, p. 260.

¹²⁴ Lacan, Jacques. (1974). Nota Italiana. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 313.

¹²⁵ N.T. Utilizamos o termo rebotalho para a tradução de *rebut*, conforme nota do editor na Nota Italiana, *op. cit.*, p. 313.

¹²⁶ Soler, Colette. *Commentaire de la Note Italienne de Jacques Lacan*, Collège Clinique psychanalytique de Paris, 2007-2008. Roma: Ed. Praxis del Campo Lacaniano, 2014, p. 72. Tradução livre do francês para o português.

entusiasmo. Cito: “*tínhamos a falha do passador, não decidir por sim ou não, [...] e temos agora a falha do passante. [...] trata-se da falta de entusiasmo. [...] A falha da falta de entusiasmo, ela passa aos passadores porque [...] o que deveria passar no passe seria o traço de entusiasmo*”.¹²⁷

Agora não me detenho mais nesta questão porque quero seguir pensando o tema a partir da transmissão dos passadores e dos testemunhos dos passantes.

Para terminar com o que esperamos dos passadores na Escola, acrescentarei somente que, no texto *Intervenção na sessão de trabalho ‘Sobre o passe’ do sábado, 3 de novembro*, há uma indicação muito clara a respeito do que se espera e do que não se espera da posição de passador. Cito: “Aqueles que estão ocupando a posição do passador em certos casos, de fato se colocam como analistas: **isto não é absolutamente** (grifo da autora) *o que nós esperamos deles. O que nós esperamos deles é um testemunho, é uma transmissão, uma transmissão de uma experiência*”.¹²⁸

Acerca da experiência

Meu trajeto no CIG é curto. Tive a oportunidade de participar de dois cartéis do passe, e portanto, de escutar 4 passadores. Em ambos os casos, os passantes não foram nomeados. Creio, todavia, que este não é, para mim, o momento de extrair conclusões, pois seria prematuro.

Não obstante, arrisco-me a dizer algumas palavras a partir da escuta dos passadores: estavam à altura de sua função? Respondo que sim, na maioria dos casos. Parece-me que sua designação foi criteriosa, à exceção de um. Em geral, os passadores exerceram sua função com seriedade, cada um com seu estilo. Sua posição, ao acolher o testemunho do passante, não foi “ativa”, nem desde a posição de analista, e tampouco me pareceu que se posicionaram somente como secretários ou que tiveram uma escuta passiva, na maioria dos casos.

O que posso dizer hoje a respeito do passador que não funcionou? Simplesmente que, mais que “transmitir” os “pontos vivos” da experiência do passante, atrapalhou-se e tentou fazer uma série de elaborações/elucubrações teóricas que mostravam que ele estava deslocado com relação à função. De fato, quando concluiu, tivemos, no cartel, uma reação unânime a respeito. Falha do passador? Talvez o ponto essencial ou importante a considerar nesse caso é a designação, já que me parece que não é sempre fácil encontrar a concordância entre a designação de um analisante como passador e a atualização de um giro decisivo para ele em sua análise, ou seja, esse “momento crucial do passe” que assinalamos anteriormente.

Por outro lado, tratava-se de um passador não vinculado à Escola. Em relação a esse ponto, eu já havia formulado antes a pergunta a respeito de ser cabível ou não designar passadores que não estivessem vinculados à Escola, porque a partir de minha própria prática clínica, ou seja, de um analisante, eu já me havia colocado essa questão.¹²⁹

Para terminar, será que os passadores tiveram influência sobre a decisão que esses dois cartéis do passe emitiram, de não nomeação dos passantes? Será que os passadores não souberam ou não puderam cernir algo do giro crucial? Ou talvez se produziu uma leitura

¹²⁷ *Ibid.*, p. 73-74.

¹²⁸ Fingermann, Dominique; Rojas, Ricardo. Thesaurus sobre o passador, *op. cit.*, p. 78.

¹²⁹ A respeito do passador que não está vinculado à Escola, o texto de Lacan “Um procedimento para o passe”, de 1967, me fez refletir sobre a função do não-analista na Escola, e se poderia haver uma certa correspondência ou não.

Referindo-se a isso, Lacan disse: “Esse pode ser o caso de alguém que ocupa qualquer posição na Escola, [...] ou de alguém que não pertence à Escola e que por esse fato tem acesso a ela”. (cf. “Thesaurus sobre o passador”, *op. cit.*, p. 72).

falha do dizer do passante escutado nos ditos? Não creio que tenha sido esse o caso, porque ao escutar os quatro passadores, não ouvimos alguns dos pontos cruciais que permitiriam localizar a passagem da posição de analisante a analista. E, entretanto, em um desses cartéis do passe, houve uma controvérsia entre nós quanto à nomeação.

Sigo trabalhando nisso e em outras questões que têm surgido sobre o tema.

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre

Revisão da tradução: Sandra Berta

O passador é o passe

Jean-Pierre Drapier

Em destaque, e por que isso dá razão ou, em qualquer caso, ressonância à minha escolha de trabalho tanto nesse cartel do CIG (Colégio Internacional de Garantia) quanto no CIG ou nesta Escola, eu gostaria de citar Jean Oury, então membro da EFP (Escola freudiana de Paris) que perguntava o que de indispensável trouxe Lacan e sua Escola e o que ele fazia lá (que não é sem invocar sua célebre questão metodológica: “o que estou fazendo aqui?”). Ele respondia: “Esta escola só faz sentido para nós se for articulada com o que fazemos todos os dias, não como um ornamento ridículo de boa consciência, mas concretamente, no exercício de cada instante disso que temos de chamar nossa “profissão”¹³⁰.”

Primeiro algumas palavras sobre o que é o CIG, sobre aquilo que não deve ser e também sobre seu funcionamento.

A Comissão internacional da garantia tem por função nomear os AE (analistas da Escola) – ou seja, aqueles que, após uma análise, estão “aptos a participar das críticas como do desenvolvimento da formação”¹³¹, dos analistas, claro, – e para designar os AME (analista membro da Escola) que representam a Escola “frente ao corpo social”¹³², pois garante sua formação.

Ela não funciona na lógica da balança, ela não confunde o homem e o sujeito (para retomar os significantes do discurso de Lacan na EFP em dezembro de 1967), mas tenta “apoiar-se no espírito da psicanálise”¹³³

Isso explica, por um lado sua escolha pelo conjunto dos membros de Escola, sua permutação ao final de dois anos – a fim de tentar evitar a casta do júri – e, por outro lado, seu funcionamento que repousa em grande parte sobre os cartéis. Após terem sido de diferentes modos (permanentes ou não, escolhidos por sorteio ou por cooptação, cartéis do passe e de trabalho), no momento atual, e retomando o modo de funcionamento do CIG precedente, eles são de dois tipos:

- os cartéis do passe, formados caso a caso conforme os idiomas, as

¹³⁰ J. Oury, « Petit discours critique sur une utilisation possible de l'EFP », *Scilicet*, nº 2-3, Paris, Seuil, 1970, p. 49.

¹³¹ J. Lacan, « Adresse du jury d'accueil à l'assemblée avant son vote (le 25 janvier 1969) », *Scilicet*, nº 2-3, *op. cit.*, p. 50.

¹³² *Ibid.*

¹³³ *Ibid.*

incompatibilidades e a geografia, e que então só duram o tempo do exame de um passe; - os cartéis ditos “do CIG”, permanentes, e que têm como objetivo fazer avançar a doutrina, tanto do passe como a da formação e, portanto, como se vê com o debate atual sobre os AME, a da Escola e do seu funcionamento. Como todo cartel, cada um têm seu título e cada cartelizante seu tema.

O título sob o qual se apresenta o tema do trabalho que eu escolhi para o cartel do CIG em que eu estou inscrito é “O passador é o passe”, questão que já tinha me provocado no CIG 2010-2012. Por um lado, essa interrogação está ligada a uma certa insatisfação provinda do encontro com certos passadores que são desiguais em sua função, o que questiona suas designações pelos AME, uma questão reatualizada pelo ato do CIG precedente, que congelou a nomeação dos AME; mais, de outro lado, é um questionamento sobre o percurso dos passadores dos CIG anteriores e o efeito de uma designação que eu tinha feito alguns anos atrás: qual efeito isso tem sobre a passagem de passante à passador e como o passador é logicamente questionado sobre o passe ou sobre seu passe por sua nomeação?

Eu gostaria primeiro de salientar um equívoco no uso que nós temos do termo passe, equívoco a ser questionado para melhor se compreender. Há dois sentidos do termo passe ligados à duplicidade dos objetos aos quais ele se aplica. Às vezes se trata do objeto “procedimento”: pedir o passe, ser passante, ser designado passador, com corolário o dispositivo resultante, como o CIG e seus cartéis, o testemunho, etc. Às vezes ele é índice de um momento, um lugar topológico, até mesmo de momentos ou de lugares topológicos tais como o passe no fim da análise e o passe do analisante para o analista, que não se recobrem. Temos aí um termo que tem duas vertentes, as mesmas difratadas, que Lacan distinguirá e articulará em sua “Proposição de 9 de outubro de 67”:

“A psicanálise mostra, em seu término, uma ingenuidade sobre a qual se coloca uma questão a levantar é se podemos incluí-la na categoria de garantia, na passagem para o desejo de ser psicanalista”¹³⁴.

Donde se pode esperar, portanto, um testemunho correto sobre aquele que transpõe esse passe, senão de um outro que, como ele, o é ainda, esse passe, ou seja, em quem está presente nesse momento o des-ser em que seu psicanalista conserva a essência daquilo que lhe é passado como um luto, com isso sabendo, como qualquer outro na função de didata, que também para eles isso passará?

Quem melhor que o psicanalisante no passe, poderia autenticar o que ele tem da posição depressiva? Não ventilamos aí nada pelo qual alguém possa se dar ares de importância, se não estiver no ponto.

É o que lhes proporei, em breve, como o ofício a ser confiado, no tocante à demanda do tornar-se analista da Escola, a alguns a que denominaremos passadores.

Cada um deles terá sido escolhido por um analista da Escola, aquele que pode responder pelo fato de que estejam nesse passe ou que retornaram a ele, em suma, ainda estando ligados ao desenlace de sua experiência pessoal.

É com eles que um psicanalisante, para se fazer autorizar como analista da Escola, falará de sua análise, e o testemunho que eles poderão colher pelo vívido de seu próprio passado será daqueles que nenhum júri de aprovação jamais acolhe.”¹³⁵

¹³⁴ Lacan, Jacques. (1967) Anexo. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 580.

¹³⁵ Lacan, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2003, p. 260-261.

Notemos esse termo surpreendente, “ingenuidade”: ela não é a garantia da passagem de analisante à analista, mas é a marca daquele que está na passagem do fim da análise, marca necessária do passador para esperar “um testemunho justo”, ou seja, que autentique o que está se passando para o passante, aquilo pelo qual passou o passante. É preciso essa ingenuidade, mas também certa contemporaneidade da experiência (“estar ainda este passo”, estar “ainda ligado ao desenlace de sua experiência pessoal”), aquilo do que não podem mais se valer os membros do júri, presumidamente mais velhos e, portanto, mais ou menos amnésicos de suas passagens à analista, do seu passe no sentido topológico. À essa oposição, frescor do passador e do passante *versus* rotina do lado do AME e do júri, Lacan vai retornar regularmente, por exemplo perante a Escola belga de psicanálise: “Certamente, não eram daqueles que já estavam instalados, capazes, como era de se esperar, de obter um cálido testemunho da experiência que os trouxeram ali.¹³⁶”, mas também em Deauville em 1978: “é por isso que o AME não me interessa especialmente que ele venha testemunhar, o AME faz isso por hábito.¹³⁷”

Nos cartéis do passe, foi uma experiência que eu já compartilhei com os outros membros do cartel: a do passador adequado e do passador obsoleto. Este sabe; ele acredita que é o conhecimento de seu inconsciente, dolorosamente conquistado ao longo de suas centenas de sessões, que lhe permite identificar o saber do passante. Ora, o que ele deveria saber, é que só há sujeito suposto saber num saber suposto do sujeito e que o sujeito do passe não é ele; ele, é o meio, o eixo, ou seja, aquele que faz girar o dispositivo. O passador adequado, aquele que “como ele, ainda é este passe/passo/passagem”, tem uma relação com o saber alheio, fundada sobre o mesmo embaraço que aquele que leva o passante a fazer sua demanda de passe.

“Ninguém poderia interrogar o outro, nem ele mesmo sendo apreendido. Ele entra, talvez, na sua função sem reconhecer o que ali o leva.

“Um risco: é que esse saber, ele terá de construí-lo com seu inconsciente, isto é, o saber que ele encontrou, crescido no seu próprio, e que talvez não convenha para a identificação de outros saberes.

“Daí, às vezes, a suspeita que surge para o sujeito naquele momento, que sua própria verdade, talvez na análise, a sua, não veio testemunhar¹³⁸.”

É preciso um passador para ouvir isso¹³⁹”

Muitas coisas nestas quatro frases. Primeiro, que o que constitui o embaraço do analisante no passe, momento de sua análise, seu impasse – a suspeita de que sua própria verdade não tenha vindo como testemunho, que o barre como sujeito –, ele vai fazer daquilo o motor de sua demanda do *passe-procedimento*. O passante vem, portanto, pedir alguma coisa e para ouvir essa demanda é preciso de alguém em função, e que só pode estar em função à condição de compartilhar a mesma questão sobre sua própria verdade, e, Lacan o diz um pouco antes no mesmo texto, que para ele também, é a serviço de um desejo de saber que ele se compromete. Mas que não é sua verdade, seu saber registrado que garante a possibilidade de ele detectar o saber do passante. É antes o seu não-saber, é mais de “ser apanhando” nesse embaraço como o passante, mas sem fazer de *seu* embaraço o embaraço do

¹³⁶ Lacan, Jacques. À Escola belga de psicanálise, em *Pas-tout Lacan*, 14 outubro de 1972.

¹³⁷ Lacan, Jacques. Intervention conclusive aux assises de l'EPF à Deauville, 8 janeiro de 1978.

¹³⁸ [N.d.T) – em francês “la barre” ou “venir à la barre” é a expressão, no tribunal, usada quando se chama a testemunha para testemunhar. Nos tribunais franceses existe um lugar com um dispositivo como uma “gradinha” chamado de ‘la barre’, onde a pessoa que vem prestar testemunho vem se posicionar quando é chamada ‘à la barre’ para dizer ‘a verdade, toda a verdade e somente a verdade’

¹³⁹ Lacan, Jacques. Nota sobre a escolha dos passadores, 1974. In: www.valas.fr

passante. A cada um, seu embaraço e as coisas serão bem ouvidas!

Daí o possível mal-estar que afeta o cartel do passe com um passador que não transmite as coordenadas significantes, até mesmo circunstanciais (casamento, filhos, etc.), mas se lança na análise da análise do passante. Pode-se ter certeza que estamos num revestimento: é do passador que se ouve falar e não do passante. Onde se espera ouvir a presença de um real, aquele quase fora de saber da passagem ao analista, só se escutam falas/palavras. Está aí, neste nó, que reside toda a dificuldade do dispositivo do passe, “a aporia do seu relatório¹⁴⁰” para retomar Lacan, numa replicação da dificuldade do momento do passe ao analista em que se trata de um paradoxo: “Porque afinal é preciso que uma porta esteja aberta ou fechada, assim se está na via psicanalisante ou no ato psicanalítico. Pode-se fazê-los alternarem como uma porta que bate, mas a via psicanalisante não se aplica ao ato psicanalítico cuja lógica está em seus desdobramentos.¹⁴¹”

Como dar conta dessa saída, estar no ato analítico, sem persistir na via psicanalisante? Talvez considerando o *passe-dispositivo* como o fato de proceder à análise de sua análise, se sobrepôr ao lugar que ocupava o analista. E é aí que intervém o passador, como “não-analista” (qualquer seja seu status profissional, aliás): alguém que pode ouvir, pela fraternidade da experiência, mas não enquanto Sujeito suposto saber protético. Se ele se achar, ele se perde.

Há ainda outra dificuldade: enquanto se trata de uma verdade que “sabe-se si mesmo”, de um real que se impõe, de um curto-circuito que relembra o espírito, esse instante em que o sujeito aceita vestir a carapuça, quer mesmo “ser uma merda [...] desde que ele se faça o laranja do sujeito suposto saber¹⁴²”, trata-se apenas, para o passador, de transmitir este intransmissível, sem acrescentar de si. Transmitir, até mesmo construir ou, pelo menos, ordenar sem estar na interpretação; aí também é necessário apostar na proximidade da experiência do passador com a do passante, mas com um intervalo: o passador ainda está na via psicanalisante e, como passador, não no ato analítico. Depois de “educar, governar, psicanalisar”, quase poderíamos colocar “passar” como a quarta tarefa impossível! Mas, como todas as outras, confrontamo-nos nela novamente e sempre.

Em conclusão, poder-se-ia aplicar este aforismo lacaniano tanto ao passador quanto ao passante e ao cartel do passe: “Isso, de modo algum, autoriza o psicanalista a se contentar em saber que ele não sabe nada, porque do que se trata é daquilo que ele precisa saber.¹⁴³”

Tradução: Luciana Guarreschi
Revisão da tradução: Luc Matheron

¹⁴⁰ Lacan, Jacques. Discurso à EFP, 6 dezembro de 1967. In: *Scilicet*, nº 2-3, *op. cit.*, p. 11.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 23

¹⁴² *Ibid.*, p. 24.

¹⁴³ Lacan, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967, *op. cit.*

DEBATE SOBRE O AME E O PASSE, Paris, 30 de setembro, 2017

A Proposição de Jacques Lacan de 9 de outubro de 1967, cinquenta anos depois. É um aniversário importante para nossa Escola uma vez que nós fazemos viver o passe faz quase 20 anos...

Abertura das Jornadas de 30 de setembro de 2017 organizadas pelos membros franceses do CIG.

Anne Lopez

O CIG, tendo retomado a questão proposta pelo CIG anterior sobre as nomeações de AME caducas, prolongou esse debate por internet.

Quando notamos que esse debate se abria, após 6 meses, foi bastante irônico, porque na verdade é um debate que nos acompanha desde o início de nossa Escola, mas foi apenas para enfatizar que o CIG abria a pergunta por internet, por alguns meses, a modo de um aniversário para os já quase 50 anos da Proposição de outubro de Jacques Lacan.

Agradeço sua presença para trazer suas vozes, suas opiniões sobre este problema.

Devo dizer que a data escolhida não foi muito apropriada uma vez que, por exemplo, os membros da região de Toulouse (intercartel preparatório às jornadas nacionais), nossos AE em função e alguns membros do CIG estão ocupados e justificaram ausência. Certamente, isso é incômodo, mas não nos impedirá de fazer avançar o debate, com o objetivo de que o CIG possa propor modificações eventuais sobre a nomeação AME, ao final da sua gestão e durante nosso Encontro de Escola que acontecerá no dia 13 de setembro de 2018,

Lembro a vocês que em Medellín foi votado *para todos os membros* de Escola a possibilidade de fazer propostas de nomes, refletidas e motivadas, de AME.

O passe é uma ferramenta suficientemente astuta para provocar tumulto e desconforto e permitir que não enterremos a questão do que é “do”¹⁴⁴ psicanalista, e desse modo, questionar todos os atores sem os quais não poderíamos fazer qualquer coisa nesse procedimento.

Eu assisti desde a criação da nossa Escola a incrível produção de uns e de outros no passe. É considerável. O passe não nos solta e flerta conosco.

Devo dizer que, depois de ter organizado com meus colegas essa Jornada, achei que não tínhamos dado a palavra a psicanalistas não nomeados e, contudo, alguns dentre eles obtiveram efeitos benéficos na sua experiência. Lembremos o que Lacan, ironicamente, dizia em Televisão “Felizes os casos de passe fictício para formação inacabada: eles trazem esperança”¹⁴⁵

Passe sem nomeação vale mais do que “nada de passe”. Não é a mesma coisa não fazer o passe ou ter arriscado, o risco sempre acompanhando os psicanalistas.

¹⁴⁴ Poderia se escrever ali: e permitir que não enterremos a pergunta do que é “próprio” do psicanalista.

¹⁴⁵ Lacan, Jacques. Televisão. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 509.

Lembremos que o passe é uma oferta feita pela Escola àqueles que desejam experimentar e captar dita oferta. Não é obrigatório. Trata-se de uma oferta generosa porque ela supõe mobilizar grande quantidade de membros... e de libido.

Passo a palavra a Colette Soler, quem fará uma apresentação precisa sobre a designação de passador. Essa pergunta concerne a uma parte importante do trabalho dos AME, trabalho esperado pela Escola, e esclarece, talvez para alguns, esse tempo do passador, esse momento da designação.

O passador: abordagem clínica

Colette Soler

Já me expressei bastante acerca do tema do passador, especialmente na ocasião do Encontro Internacional de 2011, em Paris, texto presente em *Wunsch nº 12*. A questão continua ainda a mesma: qual é a bússola do analista quando se trata de designar um passador?

Não há outra bússola, em termos lacanianos, senão a estrutura. Ou a experiência é estruturada, e então, para além das singularidades individuais, há uma experiência e uma clínica que podemos dizer analítica, ou ela não o é, e então não há experiência comum, somente uma colagem de exposição de casos, os quais não são suficientes para se fazer uma clínica analítica, como Lacan sublinhou.

Há uma inquietude com relação a esse ponto da bússola, com relação àquilo que é um passador. Ela habita aqueles que poderiam designar passadores e que se questionam: como reconhecer esse tempo de passe que Lacan identificou como um momento padrão de uma análise que segue seu curso e que se define como “o término da relação de transferência”.

Ela se reforça com a experiência realizada no dispositivo, em que, às vezes, encontramos passadores os quais, longe de serem passadores, são... telas. Não é a maioria, mas acontece. Isso chega até a ser estranho, quando o testemunho dos dois passadores dá a impressão de que houve dois passantes, por exemplo.

Quais são as referências estruturais construídas por Lacan que podem nos orientar? Conhecemos o problema com Lacan, é que ele não para de avançar, e nem sempre diz a mesma coisa. Um grande exemplo disso, conhecido: depois de décadas falando do sujeito do inconsciente, ele diz inconsciente sem sujeito, e os exemplos seriam múltiplos. O que ocorre com o momento do passe e o passador?

Há uma ou diversas concepções de passador nas construções de Lacan?

Tomemos os principais textos, nós os conhecemos. Em 1967, a “Proposição sobre o psicanalista da Escola”, antes da escrita do discurso analítico, que data de “Radiofonia”; em 1972, “O aturdido”, ele já construiu o discurso analítico entre tempos, mas as teses são as mesmas. Em seguida, o “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”, de 1976, último grande texto sobre o curso de uma análise.

Todos os três fazem referência ao objeto *a*, que Lacan reafirma no “Prefácio”, ao dizer que o passe que ele inventou “por haver produzido a única ideia concebível do

objeto”,¹⁴⁶ depois de um século de psicanálise falando da “relação de objeto”, pois ela começou bem antes dele. Os termos principais desse “Prefácio”, contudo, diferem. Trata-se, essencialmente, de verdade e real. Será que isso implica uma mudança no que diz respeito ao passador?

Noto que esses textos não visam o mesmo momento da análise. Na “Proposição”, trata-se da virada do passe, um momento no curso da análise segundo Lacan, e que deve ser distinguido do fim de análise. No “Prefácio”, trata-se do fim de análise, quando se deixa seu análise, sobre uma análise terminada. O “Prefácio” não fala explicitamente do passador e do momento de passe, creio que ele pressupõe isso sem nada mudar aí. É isso que gostaria de tentar mostrar.

Conhecemos as expressões de Lacan para situar o momento de passe, nos dois primeiros textos. As três principais: travessia da fantasia, destituição subjetiva, luto do objeto. Com a ideia de que o sujeito destituído alcançou, por assim dizer, seu ser-objeto, o objeto que ele é e sabe ser. Mas, então, o que exatamente, no plano clínico, há no luto do objeto?

Na escrita da fantasia, o objeto é escrito como *a*, ele sutura a hiância do falante, esse objeto constitui o que Lacan chama de sua “segurança”, digamos, sua base, seu fundamento indubitável a despeito de todas suas dúvidas neuróticas. Quando, então, Lacan diz luto, a que remete esse luto?

Esse luto o conecta ao vacilo da segurança da fantasia, e é, portanto, o luto do objeto, na medida em que ele sutura o sujeito, e não em que o divide; em outras palavras, o luto do objeto em jogo na frase ou no cenário da fantasia. Ora, o que diziam essa frase e/ou cenário? Nada além do que aquilo que cada um crê desde sempre, e sempre quer dizer desde os confins de sua memória, daquilo que cada um acredita ter sido para o “parente [*parent*]^(NT) traumático”, na interpretação que ele fez desses pais traumáticos— que Lacan, de início, chamou de Outro barrado.

Os dois exemplos da “Proposição” são esclarecedores a esse respeito. Há aquele que se representava como uma merda caindo através da tela do diário de seu pai, nas supostas dejeções dos pensamentos dele. Com relação ao outro, é o pequeno *voyeur* que estava sob o olhar da fenda da impúbere, imagem sem dúvida da castração do Outro. Poderíamos colocá-las como imagens, é isso o que Lacan chama, aliás, de véu fenomenológico do objeto.

O luto de passe, ou travessia da fantasia, é, portanto, o luto dos envelopes imaginário e simbólico do objeto, a saber, de tudo aquilo que dele se pode representar no pequeno romance por meio do qual cada um se conecta com o desejo do Outro e que transfere ao analista. Esse luto é solidário de uma emergência, poderia talvez dizer de um advento, do objeto enquanto indizível, refratário ao romance, mas que causa todo o dizer, embora não possa ser dito. Donde o *desser* [*désêtre*] do analista sujeito suposto saber. Estamos, então — cito Lacan —, “no término da relação de transferência”, da relação com o sujeito suposto saber, pois o saber se tornou “inessencial”. A psicanálise, já dizia Lacan em “A ciência e a verdade”, não é a ciência do objeto.

Como isso se conecta com a construção do “Prefácio”? Conecta-se perfeitamente, e este não muda nada.

O “Prefácio” situa o começo da fase final da análise no momento em que, no espaço da transferência (*l’esp d’un laps*), espaço da chamada elaboração de transferência dedicada ao dizer da Verdade, o impasse da verdade vem à luz. O que chamo de impasse da verdade

¹⁴⁶ Lacan, Jacques (1976). Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2003, p. 569.

^(NT) Em francês, *parent*, ou seja, “pais” — no sentido de “genitores” (pai/mãe).

nesse “Prefácio” é formulado assim: 1. ela é apenas *mi-dite* [meio-dita, dita pela metade], miragem da última palavra; e 2. ela mente, o que quer dizer que seus significantes e suas representações do objeto não alcançam o real desse objeto que permanece indizível.

Um parêntese: não se trata do mesmo impasse que aquele da análise freudiana. É um impasse que procede da estrutura da linguagem, mas o “Prefácio” se esforça para demonstrar que ela não é impasse para a análise.

Ora, o que dizia a verdade cujo impasse o analisante descobre, ou melhor, experimenta? O que é dizer a verdade na análise senão, ao longo das sessões, e muitas vezes de forma bastante complacente, dizer aquilo que chamei de envelopes imaginário e simbólico com os quais a fantasia veste o “objeto que falta”, e que se supõe que o analista sabe. Construir sua fantasia, como se diz, consiste em condensar as queixas que acreditamos ter que proferir ao Outro; atravessá-la é medir o quanto essa verdade incompleta mente. Posso dizer a verdade, eu a digo, aliás, mas não alcanço o real. Abordar esse impasse é abrir a fase do luto do objeto fantasmático e da destituição subjetiva, abordar a impossibilidade de dizer o objeto. Isso equivale àquilo que ele chama, na “Proposição”, de término da relação com o sujeito suposto saber.

Concluo, portanto, que descobrir a mentira da verdade e atravessar o romance da fantasia é o mesmo. De um texto ao outro, não há passador 1 e passador 2. A virada de passe é aquela em que esse fracasso se faz perceptível, não é que deixemos de acreditar em sua verdade, ela se lhes cola na pele, indelével, mas a crença no alcance do dizer da verdade é estremecido, seu limite, de alguma forma, percebido.

Isso não basta para sair da análise, afirmam esses três textos. O fim da relação de transferência não é o fim da análise. A queda do analisante como sujeito suposto saber não é o fim de sua função. E “a paz não vem selar prontamente essa metamorfose”,¹⁴⁷ do sujeito suposto ao saber em objeto indizível, dizia a “Proposição”. “O aturdido” marcava a duração do luto que acaba por se completar, e o “Prefácio” ressalta o tempo de ponderação da confusão entre a verdade mentirosa e o fora de sentido do real que precede a satisfação de fim. Isso produz fins diferentes, mas não há mudança para o passador.

Só que nosso dispositivo, tal como ele funciona de fato, não é focalizado na virada de passe, nem nos passadores, nem nos cartéis, nem no discurso geral da Escola.

Os passantes se esforçam para dar testemunho de suas análises terminadas, eles não falam do luto, mas da satisfação de fim, e os próprios cartéis se interessam pela análise concluída, e no discurso da comunidade, considera-se amplamente que a nomeação sanciona um testemunho de análise terminada, ao passo que a não nomeação deixa a coisa em suspenso. É preciso tomar nota, creio eu.

Não era essa a ideia de Lacan, e ele disse: o passe não tem nada a ver com o fim de análise.

Quando ele próprio afirma que “sou poema e não poeta” poderia ser uma senha [*mot de passe*], isso não implica que seja uma palavra do fim, mas somente que ele descobriu que o inconsciente poema é sem sujeito. Seu passe, a ideia que ele tinha disso, estava bastante distante daquilo que se fala dele hoje. Lacan chegou a dizer que uma nomeação de AE não implicava que se entrasse na prática analítica, e ele esperava a confirmação do dispositivo com relação à virada de passe. Tudo isso estava ligado, sem dúvida, à sua própria prática a partir de uma certa data, da mesma forma, aliás, que o impasse freudiano está ligado com a

¹⁴⁷ Lacan, Jacques (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2003, p. 260.

prática freudiana. Para Lacan, isso havia se tornado uma prática do corte, cujo manejo hoje parece ter se perdido – embora se fale disso abundantemente.

Sem dúvida, é preciso tomar nota desse hiato, mas ele torna ainda mais problemática a designação dos passadores, pois sejam quais forem nossas evoluções, nosso manejo atual, essa designação supõe que a distinção entre a virada de passe e o fim de análise seja efetiva naquele que designa, e como seria ela se, para além dos textos, ele não a tivesse apreendido por sua própria experiência? Tal é o círculo que faz depender das próprias análises a prática do dispositivo do passe.

*Tradução de Cícero Oliveira.
Revisão da tradução de Sandra Berta.*

Sobre a designação de passadores

Jean-Jacques Gorog

Para introduzir minha proposta eu gostaria de voltar à definição de AME, dado que é a partir daí que uma designação é possível. Receio que não seja querendo a todo custo dar muito peso à sua função que o interesse pela psicanálise possa ser renovado. Tratava-se, para Lacan, de responder a um imperativo didático imposto pela criação da Escola. Respondê-lo, mas sem que isso retorne ao exame de aprovação.

Assim, tinha zombado com anterioridade do exercício do poder na formação dos psicanalistas, tomando a Swift como figura relevante. Y tuvo que asumir bastante solo toda la responsabilidad sobre ello.¹⁴⁸

É menos engraçado que a ironia crítica manifestada em 56. Não surpreende que ele tenha colocado precisamente esse texto como epígrafe, modelo da sua proposição¹⁴⁹ :

« Antes de lê-la, (a Proposição sobre o passe) convém entendê-la com base na leitura a ser feita ou refazer, de meu artigo: «Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956 » (p. 461-495 dos meus *Escritos*)

O AME representa a Escola para o exterior, e para Lacan ele é designado como tal em função de critérios práticos os mais simples possíveis, tais como sua notoriedade, sua presença no campo analítico há algum tempo, etc. Ele precisa, além do mais, que esta designação se fará necessariamente, mas poderá ser contida ou acelerada conforme o caso.

Desse modo ele dá uma indicação precisa sobre o que esse título designa, implicando que não é o caso de « se achar », e eu penso não se deve levar tão a sério a inscrição dos títulos no grafo como Lacan o fez na primeira versão – e que ele não retomou – que eu qualificaria, se eu ousasse, de exercício humorístico. Com efeito, qualificar o AME de s(A)

¹⁴⁸ J. Lacan. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p.461.

¹⁴⁹ J. Lacan. Proposição de 9 outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2003, p.248

equivale a fazê-lo o sintoma do dispositivo do passe, dado que é isso o que esse algoritmo designa no grafo.¹⁵⁰

Regozijemo-nos, então: que a função deste AME seja um pouco por acaso, já estava inscrito de saída! Digamos que o AME concentra sobre ele o resto irônico desta repartição adotada de Swift entre Suficiências, Bens necessários e Sapatinhos apertados; mais precisamente como Bem necessário, sem contar a alma. A este AME, função que por acaso eu encarno, é transferida a função de designar passadores, de modo a animar um pouco este AME, o que é o mínimo para uma «alma», a alma da Escola sem dúvida, outro tratamento que acentua ainda a derrisão.

Então me é dado, enquanto AME, de ter que escolher entre meus analisantes aqueles que me parecem ter mudado, quero dizer, aqueles cuja posição subjetiva tenha sido significativamente deslocada ao curso de uma análise, frequentemente analisantes que não fossem membros de nossa associação e mesmo aqueles que mostravam pouca conexão com nosso meio profissional. Com efeito eu sigo convencido que é essencial que a experiência do passe seja o mais aberta possível a passadores – isso valeria também para passantes mas eles não estão exatamente sob minha responsabilidade – passadores um pouco menos tomados naquilo que veiculamos necessariamente de preconceitos, estereótipos, de modo que sua presença aporte algum benefício suplementar à nossa experiência de passe. É, obviamente, uma ilusão de autenticidade, mas, entretanto, eu pude verificar nesses casos uma adaptação muito notável à função. O que permite deduzir que o dispositivo é absolutamente operatório, e não depende das pessoas mas do respeito da função. Dito isso, o passe conserva um defeito que pega a mim mesmo desprevenido: à questão colocada, como responder sem trair alguns segredos de pessoas? E mesmo a intimidade do que me determinou a designar alguém, em um momento preciso de uma longa análise. Pois, se eu digo de uma mudança significativa de posição subjetiva, vocês vão querer saber mais sobre o que eu entendo por isso e vocês terão razão. A ocasião pode ser fornecida, por exemplo, com o propósito de alguém – bem longe do exercício da psicanálise e com uma profissão da qual não estava prestes a desistir – de se colocar bruscamente a questão de tornar-se psicanalista. E eu me dou conta que esse sinal corresponde a modificações importantes, precisas.

É claro que este enunciado, tornar-se analista, não teria tido o mesmo valor em nossos meios, onde ele pode vir cedo demais, e mesmo desde o começo: «eu quero tornar-me analista» que constringe então o analista. Isso nem precisa ser dito, mas se eu o preciso, é para insistir sobre a dificuldade de responder à questão sem entrar na singularidade do caso. No entanto, eu passei em revista em meu espírito os passadores que pude designar, e mais precisamente em qual momento em suas curas.

Na realidade, a cada vez muitos fatores concorreram para esta decisão. Mesmo que aconteça que a mudança subjetiva seja brusca, e aconteça que ela esteja ligada a um momento preciso da análise, uma interpretação, um equívoco, há um tempo indispensável para se dar conta de que esta modificação teve lugar e esse tempo pode ser bastante longo.

Eu lembro que na medida em que o sintoma se dissolve, ele já não preocupa mais o paciente, que não tem mais nenhuma razão para nos falar sobre isso; e nós só percebemos isso por acaso. Lembro-me de um fóbico, especificamente de avião que um dia me disse que acabara de tirar sua licença de piloto, de modo que eu percebi que a fobia havia, ousou dizer, perdido sua eficácia¹⁵¹.

¹⁵⁰ J. Lacan, in *Autres Écrits*, Paris, Seuil, 2001, p.590. Isso está escrito S(A) no texto publicado, mas essa sigla não existe no grafo e, portanto, concluo que é um erro de tipografia. Lembremos que esse texto é a transcrição de uma gravação em áudio.

¹⁵¹ NdT: no original “un peu de plomb dans l’aile », expressão idiomática que joga com o chumbo (plomb) e a asa (aile).

Há, portanto, uma lacuna que, além do mais, redobra o atraso entre o momento no qual o passador é designado e aquele em que ele é sorteado por um passante. Alguns exemplos, malgrado tudo o que eu pude encontrar, suscetíveis de ter me determinado entre as contingências e o curso de uma cura.

- Um casamento que vem de um percurso longo e caótico testemunha uma virada brusca
- Um divórcio....mesmo comentário
- Um ciúme, motivo do início da cura, que colapsa bruscamente, depois de um longo tempo
- O reconhecimento, muito difícil de conseguir, da loucura de uma mãe.

É isso, para a cura, mas vem junto com:

A crença excessiva n'A psicanálise, lembrança sempre a ser feita do « há do um » lacaniano e que O psicanalista não existe. A experiência do passador é, nesse sentido, muito formadora.

Não nos tomemos tão a sério, é também a lição que Lacan retém de Swift.

- Por outro lado, o analisado dileitante que considera sua análise pouca coisa e que, como passador, encontrará o peso da experiência.

- Ou o hesitante em dar o passo do psicanalista, passo que, entretanto, do meu ponto de vista, estaria justificado.

- Ou ainda aquele que teria algum benefício, do meu ponto de vista ainda, em se aproximar de uma Escola de psicanálise, a fim de se interessar mais de perto por aquilo que condiciona a psicanálise, ou seja, as condições mesmas que permitiram sua cura, mais além da dimensão terapêutica, para a ética.

Eu poderia prosseguir, mas o problema que evoquei acima, o segredo, me impede, bem como o tempo que me foi atribuído.

Vocês irão compreender a grande importância que eu dei e esta experiência e a impossibilidade de deduzir do que enuncio qualquer regra que seja para designar um passador.

*Tradução: Ana Laura Prates
Revisão da tradução: Sandra Berta*

A designação do passador...a designação do rebotalho

Didier Grais

Do passe, Lacan dizia querer saber o que passava na cabeça de alguém que escolhia assumir o lugar do analista. Hoje nos perguntamos o que passou pela nossa cabeça para termos designado um passador! Inicialmente, a formulação dessa questão me fez sorrir, mas asseguro-lhes que tentar encontrar uma resposta não foi tão fácil. Em especial, quando me dei conta de que isso já havia sido trabalhado e debatido por numerosos colegas de nossa Escola e até mesmo publicado em certos números de *Wunsch*. Aliás, aconselho a leitura dos números 12, com a retranscrição de uma mesa redonda intitulada «O discernimento do

passador» e do número 11, que contém até mesmo um *thesaurus* sobre o passador e um texto preciso de Carmen Gallano intitulado «A designação do passador: uma aposta orientada».

Então, o que dizer de novo quanto à designação do passador sem reduzir tudo à função do passador? Trata-se aqui de evocar o que precede o trabalho do passador, quer dizer, de falar da natureza do laço que une analista e analisante, sem entrar na singularidade do caso, para tentar transmitir alguma coisa.

Sabemos que é de responsabilidade dos AME em nossa Escola estabelecer a lista dos passadores. Trata-se de uma extrema responsabilidade e, para integrá-la, precisei de um tempo antes de designar, eu próprio, meu primeiro passador. Talvez pela lembrança que tinha da força dessa frase de Lacan na *Nota Italiana*: «os passadores desonram ao deixarem a coisa incerta». Com efeito, é de sua responsabilidade não deixar o cartel do passe em dúvida depois do testemunho deles. Então, como designar um passador que não seria, poderíamos dizer, desonroso para si mesmo ou para o analista que o designa? Todos os AME são, portanto, confrontados à questão da designação ou não de um analisante como passador. Também é uma necessidade para que o procedimento do passe funcione e perdure em nossa Escola.

Quando se fala de passador, a frase que retorna mais frequentemente é aquela citação de Lacan extraída da *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*¹⁵² na qual escreve que o passador “[...]o é ainda, esse passe”. Com efeito, falar da designação do passador implica, evidentemente, evocar esse momento do passe porque isso significa para o analista do futuro passador ter inicialmente reconhecido, no tratamento dele, esse momento de passe, esse giro subjetivo. Dizer «no tratamento dele» pode levar a escutar um equívoco porque isso se refere, certamente, ao tratamento do analisante, aquele em questão para ser proposto como passador, mas isso também convoca seu próprio, quer dizer, aquele do AME, o do analista que designa o passador! E, no entanto, o analista deveria poder se basear em outra coisa que não sua própria análise para reconhecer esse giro em seu analisante, já seria só pelo fato de que o passe é um momento de estrutura e que não se deve identificá-lo a partir do afeto que se tem.

Em 1967, Lacan esclarece uma referência da estrutura desse momento, ao mesmo tempo em que propõe um procedimento cuja ambição é cingir o que acontece àquele que levou sua análise a seu termo.

Aliás, é por isso que o passe não apenas autentifica uma análise particular, mas também, de certa forma, as análises e os analistas da Escola. Com isso, ele testemunha sobre uma certa formação analítica. Daí que também isso diz respeito a toda a Escola. Trata-se da responsabilidade de cada um, mas também da responsabilidade da Escola que deve velar, como o dizia Lacan, que haja «[do] analista».

Lacan estava apostando nesse procedimento para que sua Escola não se reduzisse a uma sociedade e para que, na maneira de responder pelas análises que ela forma, ela se apóie sobre “um novo modo de acensão do psicanalista à garantia coletiva”, como dizia. Ao nomear como passe tanto a passagem ao analista quanto o testemunho sobre essa passagem, Lacan inventa uma amarração entre ato analítico e o que pode responder do exercício do analista.

Em 1974, na *Nota sobre a designação dos passadores*, Lacan se endereça aos AE que, na época, eram os únicos que podiam designar passadores. Não basta, nos diz ele, que um analista creia ter obtido o final de uma análise de um de seus analisantes para dele fazer um passador. Aí temos uma primeira distinção entre o fim da análise e o passador. É que o fim

¹⁵² Lacan, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 260.

de uma análise pode ter levado somente, diz ele, «a um funcionário do discurso analítico». Ao que Lacan acrescenta que «nem por isso o funcionário é indigno do passe», pois este, o dito funcionário, pode testemunhar sobre seus primeiros passos na função.

O que parece importar para Lacan nessa breve nota é que, para recolher um testemunho de um outro, é preciso uma outra *dita-mensão*, quer dizer «saber, inicialmente, que a análise da queixa utiliza apenas a verdade». Portanto, o passador aprendeu por sua experiência, que a verdade que dá sentido à queixa só é utilizada para dar limite ao saber do inconsciente. Com efeito, é certo que o passador ainda está na espera de saber, na utopia do sentido, mas ele percebeu ao mesmo tempo um limite nessa busca de sentido. E do mesmo modo, percebeu os impasses do sujeito suposto saber, mesmo se o amor de saber ainda é, algumas vezes, prenante.

Mais adiante, nessa nota sobre o passador, Lacan escreve: «Qualquer um não saberia sobre isso interrogar o outro, mesmo que ele esteja ele próprio tomado». Tomado pelo quê?, podemos perguntar. Na realidade, trata-se dessa *dita-mensão* entre saber e verdade. Pois Lacan acrescenta, «talvez ele entre em sua função sem reconhecer o que a isso o leva». Talvez esteja aí, penso, a ponta da questão, saber o que leva alguém a entrar em tal função? Páro agora a leitura dessa nota, que já foi comentada numerosas vezes quando se tratou da designação do passador.

Trata-se, então, para o passador não apenas poder recolher a verdade do discurso do passante, mas também estar nessa lacuna entre saber e verdade. É esse último traço que constitui um acréscimo à frase de Lacan na *Proposição de 67* e que já citei parcialmente: «De onde se poderia então esperar um testemunho exato sobre aquele que franqueia esse passe se não de um outro que, como ele, ainda é esse passe...».

Um passador, é claro, não é um funcionário do discurso analítico; um passador é um analisante, mas não qualquer um. Trata-se então de tentar dizer o que particulariza esse analisante.

Para começar, pode-se postular, evidentemente, que passador e passante, por mais próximos que estejam, se posicionam diferentemente em relação a esse momento do passe. Eu diria que, de certa forma, o passador se situa logo antes do passante, por estar tomado ali sem saber que ele está ali, enquanto que o passante pensa estar ali, aliás, é por isso que ele se apresenta ao passe, para demandar a verificação desse passe, nomeando-a. O passador, por sua vez, percebe alguma coisa que ele ainda não pode nomear.

O papel do passador no procedimento é o de mensageiro do passe. Malgrado ser apenas o pivô, é sobre ele que o conjunto se articula, apesar de ele não ter demandado nada. O que o passante acaba de franquear, quer dizer, aquilo sobre o que falará essencialmente, o passador ainda o é! O que o passante falará ainda está presente para o passador que vai transmitir esse testemunho. Ele até mesmo espera a solução da boca do passante, ele espera escutar sua própria solução (a do passante), o que ele (passador) ainda não consegue formular.

O passador é, portanto, um analisante sobre quem repousa o passe. O analista que o designou pode ver seu ato interrogado. Lembro a vocês essa outra frase de Lacan na *Nota italiana*: «o analista só se autorizando de si mesmo, sua falta passa ao passador...». Então, o analista que designa um passador designa esse momento de passe no tratamento de seu analisante. Isso implica, no mínimo, que possa reconhecê-lo, quer dizer, que ele possa passar ao saber a experiência pela qual levou seu analisante até aí. Essa passagem ao saber é o que está propriamente em questão no passe.

Mas o analista não está só nesse momento, não há nada de chocante que fale sobre isso em supervisão com um outro analista de modo que este o ajude a confirmar ou não essa

escolha! Não se deve negligenciar a importância e mesmo a necessidade da *supervisão*¹⁵³ em uma Escola de psicanálise.

O papel do passador na transmissão tem, portanto, uma face dupla. E o AME que o designa deve levá-lo em conta. Pois poderíamos pensar à primeira vista que ele tem apenas um papel passivo: armazenar para transmitir, mas ele também tem uma dimensão ativa: selecionar, apresentar e até mesmo tomar posição.

A bela metáfora da placa sensível que li inúmeras vezes a propósito do passador e que, aliás, parece não ser de Lacan, não é suficientemente convincente porque ela talvez acentue demais esse papel passivo do passador. É verdade que esteja desembaraçado da transferência tendo como única via sua própria experiência analítica inacabada. Ele se encontra à espera de um saber sobre o passe, o que o expõe a um embaraço e a uma perda de referências subjetivas muitas vezes desagradável. Lembro-me do que Colette Soler falou num Encontro da Escola, o que nomeara como *a zona de turbulência* na qual o passador se encontra. Pois, admitamos que ele seja uma placa sensível, ainda será necessário que o objetivo esteja na mira, coisa que deve ser feita pelo passador. É ao focalizar essa operação que se estabelece seu julgamento que, evidentemente, não o conduz a decidir se houve ou não passe, mas que lhe permite vislumbrar uma ideia sobre isso... uma ideia pequena que não será pequena.

Pois o passador certamente seleciona os ditos, pelos quais se vê afetado, mas ele também deve encorajar o passante a dizer mais, caso queira. Ele não cessa de operar para e por um julgamento, e sabe que as conclusões pessoais a que poderá chegar não terão qualquer incidência sobre a saída final pois, como vimos, não cabe a ele decidir e, além disso, sempre é possível que o passador que funciona paralelamente com ele tenha uma opinião contrária. Isso não impede que todo passador deva ter sua própria opinião sobre o passe que escutou, opinião que ele expressa ou não diretamente, mas que deve passar para o cartel no testemunho.

Daí que pode se colocar o problema das referências que podemos encontrar para preencher essa função, distintas da pura intuição. O desejo de saber, apoiado sobre o saber construído, certamente é um apoio necessário, mas limitado, porque se trata aqui de transmitir alguma coisa de particular, de não sabido e que enquadre o saber. Como se achar quando se está no caso de se enganar e, no entanto, dizer exato? Como agir no sentido da lógica, sem que os afetos colmatem a verdade? Como agir exato sem lançar mão da interpretação ou do manejo da transferência, porque o trabalho do passador é fora da transferência, mesmo se, como penso, esse trabalho não pode ser feito fora da transferência com a psicanálise. Pois o passador deve saber um pouco sobre o procedimento do passe e poder assumir um certo engajamento no trabalho da Escola. É difícil, nessas condições, poder designar um passador totalmente desengajado do trabalho da Escola. Essas são também questões que o AME deve se colocar antes de designar um passador.

O passador deve então poder escutar uma verdade e um sentido que não são nem sua verdade nem o sentido que ele dá à sua experiência, mas a verdade e o sentido de um outro. Em outros termos, o AME deve poder observar em seu analisante um certo grau de engajamento e de responsabilidade em relação ao passe para designá-lo como passador.

Para terminar, gostaria de tentar abordar um ponto pouco discutido, quero falar da posição do analista no momento em que ele designa um passador. Com efeito, a questão da designação aparece no tempo em que o analista sofre, é afetado, por uma profunda modificação da transferência. No tratamento, o lugar do saber se vê de algum modo esvaziado; o sujeito que o analisante supunha nesse lugar, se vê faltoso. Há um saber que se

¹⁵³N.T. A palavra em francês é *contrôle*, que faz ecoar o equívoco entre supervisão e controle.

construiu e que continua a se formar no tratamento, mas o analista escuta que a atribuição desse saber lhe foi retirada. Ele quase se torna qualquer um. É depois dessa des-suposição de um sujeito ao saber e porque ele tem uma ideia bem precisa sobre o final da análise e não apenas de uma análise particular, que o analista pode designar um analisante como sendo o passe. Fazendo isso ele realiza, como dizia Lacan, «o deser do analista» que o analisante opera, ele o efetua, ele o alcança... endereçando-se à Escola. Com efeito, ele se extrai do tratamento e extrai o nome do analisante da intimidade do tratamento para torná-lo público. Com esse nome que ele designa como passador, o analista se designa a si mesmo como o resto, o rebotalho possível do operador para o qual ele sustentou até aqui e ainda por algum tempo o semblante de ser e é talvez isso que é preciso poder suportar para designar... às vezes um passador, quer dizer, aceitar a *designação do rebotalho!*

Tradução: Sonia Alberti

O inacreditável passador de bola

Irène Houssin

Tem mais de um ano que eu tive minha experiência de passadora, portanto, é com um certo recuo que eu vou falar do impacto que esta função teve na minha análise.

Para abordar isso, gostaria de lhes falar do que senti quando da minha designação como passadora: Falarei da questão que surgiu concernindo a minha relação com a analista. Quero também falar do meu encontro com a passante; encontro que aconteceu várias vezes e isso nos pareceu ser necessário.

Quando da leitura de passadores, eu descobri que havia uma similaridade sobre os efeitos que esta experiência produzia na análise e na sua relação com a escola. Por exemplo: os passadores ficam surpreendidos com o primeiro contato do passante. Eles testemunham também, uma queda do “sujeito suposto saber” que se produz, no tratamento deles, no momento da designação.

Eu mesmo, fiquei surpresa quando recebi o telefone do passante. Mas, minha surpresa maior foi a escolha de meu analista, porque ele me designou naquele momento preciso de meu tratamento? O que aconteceu, à minha revelia, para que essa designação se produzisse?

Eu tive alívios no meu tratamento, mas no momento que fui designado eu atravessava uma grande dificuldade na minha análise, eu tinha a mesma queixa que retornava a cada sessão. Eu me perguntava, naquele momento, como sair deste impasse.

Confesso que me sentia frente a um paradoxo. Experimentava de um lado um certo orgulho de ter sido designada pelo meu analista, contudo, não compreendia o porquê desta designação cuja razão me ultrapassava. Supunha que esta designação iria produzir mudanças no meu processo analítico.

Pouco tempo depois, comecei a experimentar as mudanças na minha relação transferencial. O lugar do analista tinha mudado, no que diz respeito a sua posição ao saber, porque ele era portador de um desejo e esse desejo concernia a escola.

Tive um sonho; depois de ter recebido a ligação da passante “meu analista me lançava uma bola de beisebol”. Este sonho se alojou em mim com a sensação de algo inapreensível. Eu me sentia preso no jogo do Outro. Frente a esta designação eu podia recusá-la, podia não ocupar a função de passador, entretanto, eu não podia me furtar a esta interpretação analítica que constitui o sonho.

De outro lado, conclui que tal discernimento de meu analista, que me colocou nesta posição, era devido ao fato que eu podia escutar um testemunho de passe. O fato de ser passador me colocava em uma outra *diz-mensão*¹⁵⁴ ou *mansão* do dito tal qual “àquela que inclui do saber que o analista, da queixa, não faz senão utilizar a verdade”.

Desde o primeiro encontro, soube que a passante tinha feito um longo trabalho analítico. Entretanto, seu testemunho se concentrou no que aconteceu nos 15 meses que antecederam ao final do tratamento. Fiquei surpreso com a maneira como a passante construiu seu testemunho a partir dos seus últimos meses de análise e faz um laço deste período com seu longo percurso analítico.

Acontece que antes do meu encontro com a passante, minha ideia sobre os passadores era vaga. Tinha lido alguns testemunhos. Eles apontavam que não havia um manual para o exercício como passador.

Escuto, então, o testemunho da passante, tomando notas, por ter medo de esquecer coisas importantes.

Quando a escutei questões surgiram concernindo a língua materna. A passante e eu éramos de línguas maternas diferentes.

Seria possível que esta diferença pudesse introduzir malentendidos ou dificultar a transmissão do testemunho? Pareceu-me que por detrás de nossas diferenças, como da língua falada, surgia algo mais.

Depois de escutar expressões próprias a história da passante, ela também manifestou sua inquietação, ao me perguntar: “você me acompanha?” frente a minha aquiescência, ela me diz “inacreditável”. Dei-me conta que depois deste “inacreditável” tinha que parar de tomar notas.

Confesso que este “inacreditável” me interpelou. Eu duvidei se estava entendendo bem. Mas eu sabia que a minha função não era de compreender, mais, sobretudo, aquela de um escriba e como disse Lacan “colocar questões quando as coisas não parecem claras”. Coloquei-me então sensível para acolher a diferença do outro, sem tentar entender.

Hoje, diria que é inacreditável que tal dispositivo permita que um passador, sempre estranho à língua do passante, possa transmitir seu testemunho, mesmo que ele fale e compreenda a língua da passante.

Ousaria dizer que o que está em jogo nesta experiência entre passante e passador, é de apreender os modos de gozo. Embora todos podem ter seu modo de gozo com a sua língua, deste encontro emana outra coisa na qual a língua materna é apenas o suporte.

Retorno ao meu sonho para retomar o meu título, O Passador de Bola, eu acrescento que é inacreditável que foi como contrabandista¹⁵⁵ que meu analista me introduziu nesta parte

¹⁵⁴ Jogo de palavras entre “*dit-mension*” e “*mensonge*” (mentira). No Seminário Livro 22: R.S.I., Lacan faz um jogo de linguagem entre *dit-mension* e a morada do dito que ele estende a “*mensonge*” (mentira) para declarar que “a fala de qualquer forma a verdade”. *Lituraterra* p. 21.

¹⁵⁵ Em Francês “*passer*” pode ser passador como contrabandista, pois contrabandista no Wikipédia seria “a prática da importação ou exportação clandestina de mercadorias e bens de consumo que dependem de registro, análise ou autorização de órgão público competente”. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Contrabando>

do jogo. Consequentemente, na minha experiência analítica atual, eu me tornei menos estranho à minha relação ao Outro e mais disponível a escuta do outro.

Para terminar, diria que depois de um ano de ter vivido minha experiência como passadora, minha ideia sobre o passe mudou. Durante muito tempo este dispositivo de escola era para mim um ideal inatingível. Ser passadora permitiu que me liberasse deste ideal e como consequência abordar a teoria relativa ao dispositivo do passe.

Desde o momento da minha designação minha queixa que se tornava um impasse começou a desaparecer, deixando espaço para o ato. Quanto à minha relação transferencial, continuo a perceber mudanças tais como uma espécie de destituição de uma suposição de saber sem deixar o analista.

Tradução: Andréa Hortélio Fernandez

Ser passador: quais efeitos...?

Marie-Paule Stéphan

Não fui informada de minha designação. A ligação do passante foi uma surpresa. Fiquei, e ainda estou, muito orgulhosa e emocionada pela confiança e honra desta oferta e agradeço a todos os analistas que me permitiram essa experiência. Concordei em aceitar a proposta, muito rapidamente. Esse “sim” tinha uma certa evidência, havia esperado tanto esse momento, numa época em que isso não viera. A ligação chegou quando eu não a esperava mais. Alegria e intranquilidade se misturaram:

- a alegria de ter essa oportunidade, de ter sido sorteada, de poder me aproximar do dispositivo do passe e de escutar um testemunho;
- a preocupação e a intranquilidade ligadas à seriedade e à responsabilidade dessa função de passador.

Minha surpresa foi ainda maior porque há vários meses uma questão me tomava e ocupava as sessões, deixando-me em uma espécie de errância. Não me sentia levada pelo desejo de analista, ou o que eu imaginava sobre esse desejo, o desejo de ser analista havia caído. A identificação, a idealização e o sujeito suposto saber já não estavam lá para me sustentar no desejo de ocupar essa função. O Outro não me demandava mais nada, não garantia nada, eu atravessava um vazio. Eu me comprazia nesse desconforto, esperava que uma magia acontecesse, sentindo justamente que essa espera era um pouco ilusória. Estava bem na vida, bem no amor, a análise tinha operado e aberto outros campos de interesse... Acabei dizendo a mim mesma que, se esse desejo não chegasse, deixaria de esperar e me voltaria para esses novos campos. Sentia-me atraída pela ideia de ter mais tempo para me dedicar a eles.

Um ano antes, durante a minha cura, havia entendido o quanto toda a minha existência havia girado em torno de um significante, um S_1 ligado ao fragmento de uma pequena canção infantil, assim como de meu sobrenome. Eu havia declinado esse elemento de múltiplas maneiras, com todos os equívocos e combinações possíveis. Ele havia me moldado em minhas posições, minhas fixações de gozo. Sabia que tinha tocado algo essencial, que estava me orientando em direção ao fim, e isso me parecia demorado.

Encontrei o passante duas vezes, com um mês de intervalo, de uma hora e meia a duas horas a cada vez.

Para acalmar minha angústia, fui ler, certamente, tudo o que encontrava sobre o passe e a função de passador. Falei sobre isso em análise. Rapidamente me dei conta de que não encontraria um saber-fazer pronto para usar. O Outro não me daria uma resposta, eu tinha que inventar minha maneira de fazer e estar lá. Durante o nosso primeiro encontro, fiz algumas perguntas. Ao interromper o fio de seu testemunho, tive medo de romper algo, de entrar suas associações. Tomei notas, muitas, tinha medo de compreender muito depressa, entusiasmada com a situação, e esquecer elementos primordiais, as datas, os nomes, os significantes essenciais de certos sonhos... Queria ficar o mais próxima possível de seus enunciados, de suas expressões, me deixar impregnar, impressionar no sentido de marcar. Sabia que o tempo entre nossos encontros e o testemunho diante do cartel do passe poderia ser longo. Minhas perguntas vieram em um tempo, na sequência do primeiro encontro, assim como a necessidade de esclarecer novamente alguns pontos. Concordamos, então, com uma segunda reunião.

A maneira que esse passante escolhera para falar sobre a sua cura me atingiu imediatamente. Vários anos haviam se passado desde o final de sua análise, mas seu dizer continuava com um frescor e com uma precisão estarrecedora. Os elementos de sua história eram importantes, mas estavam ali apenas como um acompanhamento para a compreensão daquilo que havia sido construído como *fixação*. Era uma presença relacionada com e, contudo, separada dele, como se essa história já não lhe pertencesse mais. De sua análise, que durara uns vinte anos, apenas algumas sessões, no momento de uma virada, condensavam o fio, dois anos antes do final. Nesse tempo de passe, toda a sua relação com o saber e com a verdade havia vacilado, sua relação com o inconsciente se modificara, o sentido havia perdido sua aura. Não havia nele, como eu esperava, uma tentativa de demonstração, uma vontade de aderir a uma teorização, de dar a prova do que quer que fosse. Cabia a mim encontrar ali, se assim o quisesse, a queda das identificações, a travessia da fantasia ou a identificação com o sintoma, mas será que eu estava ali para isso? O cartel do passe estaria à espera de sinais do advento do real; estava tentando apreender as coordenadas, sentia as coisas mais do que podia conceitualizá-las. Seu dito estava construído, conciso, parando em algumas palavras-chave, alguns sonhos, o que lhe conferia uma força e uma clareza surpreendentes, o que me ajudou naquilo que eu ia transmitir. De minhas anotações, havia extraído uma trama que me parecia a mais capaz de fazer passar a singularidade de sua experiência, de seu encontro com o real e a queda do sentido. Em suas palavras havia algo que era como uma evidência, assim como uma bela liberdade de tom, um estilo. Sua energia e entusiasmo eram transmitidos e me transportaram. Decidi confiar naquilo que sentia, dizer como aquilo vinha, permanecendo o mais próxima possível daquilo que tinha ouvido. Sabia que havia encontrado um analista; meu dinamismo, meu desejo renascente me indicava isso. Queria fazer passar isso.

Meu testemunho diante do cartel do passe foi programado pouco depois. Tinha minhas notas comigo, à mão. Elas me tranquilizavam. Não as usei. Prestei-me a essa experiência aceitando a ausência de controle; esqueci, é claro, vários enunciados que, no entanto, me pareciam importantes. À medida que meu testemunho se desenrolava, senti-me atravessada por emoções, tinha vindo para apresentar o que me parecia fundamental dos ditos que havia recolhido, e isso falava em meu lugar como se eu tivesse emprestado meu corpo. Saí, ao mesmo tempo, um pouco atordoada, mas com dez vezes mais energia. Seria isso estar afetada pelo inconsciente real, do mesmo modo como já havia sido algumas vezes na minha cura? Os membros do cartel haviam ficado à escuta, extremamente atentos, fizeram algumas perguntas, a seriedade deles, assim como uma certa alegria, me fizeram esperar que algo houvesse passado além dos ditos e de minha comoção. Teria sido suficiente, porém? Ao

sair, tinha cruzado com o segundo passador, o que me tranquilizou – nem tudo dizia respeito a meu testemunho! Fiquei impressionada com o fato de que vários membros do cartel eram estrangeiros, falavam francês, mas pediram detalhes sobre certas voltas, alguns equívocos.

Alguns dias depois, o passante me ligou. Ele tinha sido nomeado AE e queria me avisar. Fiquei feliz com sua nomeação, tal como se ele tivesse se tornado membro de minha família.

Essa experiência me fez despertar de minha letargia, me fez sair daquela hesitação em que me comprazia. Não só pelo efeito surpresa de minha designação, mas também pela comoção, o fato de passar por essa experiência em si. Em 1972, Lacan terminava seu discurso na Escola Belga de Psicanálise falando de uma experiência do passe, para todos, como de “algo que consome totalmente, que queima, que transtorna totalmente...”. É isso que sempre suscitou meu espanto e minha admiração por Lacan, essa capacidade de criar dispositivos inovadores, que funcionam. Como, sem ter experimentado seus efeitos, ele pôde ter uma visão tão precisa dessa função?

Minha análise adquiriu outra coloração. Podia testemunhar sobre esse turbilhão em que havia embarcado, contudo, havia ali elementos impossíveis de traduzir. Como na análise, eu podia tentar me aproximar, mas o limite se impunha. Aceitei o indizível. Perguntei-me sobre a dimensão internacional e, portanto, plurilinguística do cartel. A dificuldade em compreender certas sutilezas da língua em nada havia entravado o processo. Algumas semanas depois, tive o seguinte sonho: “Estou em uma jornada de Escola, tenho que falar sobre a minha experiência, preparei minha intervenção. Ela está escrita em um lindo pano de linho, quando do tipo do envelope restam apenas alguns fragmentos de palavras, escritas aqui e ali, umas letras – o resto está desbotado e ilegível”. O texto não está mais lá, não posso me apegar a isso. As palavras de meu passante sobre suas sessões de análise antes da virada do passe retornaram à minha cabeça: “Havia meses em que as sessões eram curtíssimas”. Seu analista cortava qualquer efeito de sentido, e foi isso, entre outras coisas, que havia operado para uma decisão de sua parte em um momento decisivo de sua análise.

Questionei minha prática, a interpretação, o corte. Como sustentar a passagem pelo sentido, necessária, por um longo tempo, sem impelir a que se encontre uma resposta, a entender, em suma, sem alimentar o sentido? Como inventar, no caso a caso, fazer sair do campo do acontecimento, levar a algo inédito?

Em análise, falava bastante sobre a escola. Havia sido delegada de polo, era ensinante no Collège Clinique Bourgogne Franche-Comté, porém tinha a sensação de estar pouco ligada à Escola. Sabia que ela era necessária, mas me parecia distante. Esses encontros com o dispositivo do passe, com a passante, sua nomeação, o cartel do passe foram tempos simples e fortes, autênticos. Ansiava por outros encontros. A qualidade de escuta e a recepção dos membros do cartel, esse convite para dar minha contribuição, tudo isso fez com que me sentisse pertencente a esta Escola, à Escola desse passe, e o orgulho de ser membro dela. Estou entusiasmada pela intensidade e fragilidade do dispositivo, descobri sua criatividade e a liberdade de tom que ele pode engendrar. Posso aqui ter um lugar, nessa escola, daqui onde estou, vindo dar testemunho de minha experiência, meus avanços teóricos e/ou participar de tarefas que lhe permitem funcionar institucionalmente.

Perguntei o que permanecia irreduzível para mim, incluindo que não havia uma palavra final.

Antes das férias de verão, tive esse outro sonho: “Estou em um labirinto subterrâneo, ando guiando-me pelos nomes dos lugares escritos nas placas indicadoras, essas placas tornam-se incompreensíveis, estão incompletas, em língua estrangeira, ando pelos corredores sem pontos de referência, sem indicações de sentido, não tenho mais nenhuma direção para

me guiar no meu percurso; em seguida, num cruzamento, reconheço uma placa em que está escrito ‘saída’. Estou feliz e saio”. Lembro-me de dois sonhos que tive alguns meses antes de ter sido designada passadora. Tentava, de forma idêntica, sair de um longo corredor escuro, guiando-me por um raio de luz. Na primeira vez, ao sair, recebia um golpe na cabeça e perdia a consciência; na segunda, na saída, uma escada íngreme e estreita parava em frente a um vazio vertiginoso. Eu não estava pronta. Esse sentimento de um possível perigo me indicava que não era o momento. Não é tão fácil abordar o real. Lá, foi simples.

Percebia o desejo do analista, até então, como algo de uma extrema exigência em seus efeitos, um entrave à minha liberdade. Essa experiência sacudiu essa representação superegoica; farei, aqui também, à minha maneira, tentando inventar algo que me convenha.

*Tradução: Miriam Pinho
Revisão da Tradução: Cícero Oliveira*

AE: Nomeação, não permanência

Anne Lopez

Inicialmente, quero falar um pouco do termo “nomeação”. Ele é utilizado ao mesmo tempo para os AME e para os AE. E, no entanto, ele não representa a mesma fixação quanto ao real que abarca. Para os AE parece evidente que se trata de um termo dado por Lacan com humor, já que ele faz pensar nas lalações primeiras do pequeno homem. Mas ele recobre um fim efetivo da análise, de que se pode pensar que ele foi concluído por diferentes encontros que fizeram cessar a busca. Podemos falar rapidamente de efeito castração, de saber se fazer de tolo do pai (abster-se, mas saber usar isso), de separação, de encontro com o real de *lalangue* com os efeitos de alijamento de gozo com relação ao sintoma e, sem dúvida, de um saber como e por onde tudo isso foi produzido, esse nó da neurose. Trata-se não somente de travessia da fantasia, nem de um reconhecimento qualquer do objeto que podemos ter pensado que éramos para o outro, mas, a partir dos impossíveis encontrados, trata-se do aparecimento de um desejo inédito que não pode ser dito, “que é articulado por onde ele não é articulável”. Ele se articula provocando afetos que produzem alento de vida, impulso de vida, coloridos de satisfação e ou de entusiasmo.

Retomo a expressão “satisfação filtrada” de Marie-Nöelle Jacob-Duvernoy, longe da satisfação beata, dado que ela é acompanhada pelo desejo de transmitir e, certamente, de não se deixar adormecer na satisfação. Parece-me que a nomeação abarca aquilo que o sujeito nunca saberá sobre seu ser, um saber do inconsciente impossível a qualquer saber. Sob a nomeação, há um furo.

Esse alento de vida não obtura a solidão da qual o *falasser* permanece inconsolável, mas se trata de uma solidão aberta aos laços com os outros, sem dúvida marcada por certo estilo próprio a cada um. Solidão que faz o “inconsolável” do *falasser*. É uma bela expressão de Marie-Nöelle Jacob-Duvernoy, AE que, através de Vitor Hugo, nos havia retraçado sua vida até essa frase, que ele tinha diante dos olhos: “A vida é o exílio”.

Para o AME, a palavra faz a alma,¹⁵⁶ “sigla irônica” diz Lacan na “Nota italiana”.¹⁵⁷ Ele não poderia se tomar por Deus – a partir do momento em que se fala de alma a religião aparece –, mas cabe a ele, penso eu, a-nimar, fazer com que a alma de nossa Escola exista para manter o fio cortante do discurso analítico que só se sustenta com vozes polifônicas. Temos, muitas vezes, alguma dificuldade em entrar em acordo sobre o que essa seleção dos AME exige, no mínimo, como etapas ultrapassadas. Teriam eles terminado suas análises? Pela internet, havia ressaltado que nunca há urgência em nomear alguém AME, pois muitas vezes isso pode tamponar uma eventual demanda de passe. Aquilo que se sabe de sua prática, de sua competência, de seu saber através dos escritos, ensino, supervisões foram julgados convergentes pelos diferentes membros da CAI, a Comissão de Acolhimento Internacional? É preciso perceber que lá também há um ponto difícil de não saber, quando se trata de membros que não se conhece e que são conhecidos apenas por alguns outros que os indicam dentro da comissão. Esta é a consequência de uma Escola Internacional que se amplia.

Cada um de nós deve permanecer vigilante quando se trata de indicar nomes, não se deixar amolecer, isto é, ceder às demandas insistentes. Ceder a isso, quando não se está convencido, faz dessa nomeação um “nomear para” que esmaga e devasta aquilo que Lacan elaborou nessas duas vertentes da garantia. Isso equivaleria a uma atribuição social, como um título universitário; assim como na IPA, na qual alguns são promovidos a didatas e, portanto, “nomeados para” a análise. Ninguém pode ser nomeado para a análise. É preciso, seguramente, contudo, ter um mínimo de confiança e de estima para com os colegas, já que nem todos conhecem “os indicados”. Como didata há somente a experiência de análise.

Do psicanalista

Lacan, na “Nota italiana” (1974), radicaliza sua proposição sobre o psicanalista da Escola. Ele conhece bem seu mundo, seus alunos e lhes pede para procurar o AE. Cito: “O chamado analista da Escola, AE, doravante recruta-se ali ao submeter à chamada prova do passe, à qual, no entanto, nada o obriga, já que a Escola também delega a alguns que ao passe não se oferecem o título de analista membro da Escola, AME. O grupo italiano, se quiser me dar ouvidos, se restringirá a nomear os que nele postularem sua entrada segundo o princípio do passe, correndo o risco de que não o haja (...) O grupo italiano não está em condições de fornecer essa garantia”.¹⁵⁸ É, ao mesmo tempo, um convite para fazer o passe e uma intimação a se tornar passador para encontrar um eventual AE. É uma conjuntura particular para Lacan naquele momento. Mas ele incita fortemente o AME a se dirigir ao passe... Nota-se a ausência de complacência de Lacan: “eles não estão em condições de oferecer essa garantia”.

É preciso saber que passador é para Lacan de uma grande exigência... Vocês podem encontrar essa Nota sobre os passadores na primeira *Lettre Mensuelle de L'École de la Cause*, primavera de 1974, também publicada em *Wunsch 11*, no *Thésaurus sobre o passador*, página 75 em francês, páginas 76 e 77 em espanhol e página 83 em italiano.

Na “Nota italiana”, Lacan ressalta o desejo de saber que não está mais ligado, como na cura, ao amor de saber e ao desejo do Outro. Trata-se aí de um avanço, de uma ultrapassagem do horror, próprio a cada um, de saber.

Nossa reflexão em nosso CIG se apoiou nesse ponto particular do desejo de saber dos AE. Não se trata de fazê-los ser permanentes do desejo de saber, pois como todos nós, eles devem cuidar, transmitir, ouvir questões, tentar inventar um saber “inventado em (seu)

¹⁵⁶Em francês, há uma homofonia entre a sigla L'AME e palavra *âme* [alma] (N.T.).

¹⁵⁷ Lacan, Jacques (1974). Nota italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 311.

¹⁵⁸ *Ibid.*

íntimo” [*cru dans (leur) propre*]¹⁵⁹ e nada é, em psicanálise, definitivamente adquirido. Mas sua nomeação fez perceber aquilo que muitos não têm vontade de saber, o destino do resto, dejetivo, que anima a experiência analítica, isto é, a posição tomada pelo analista no Discurso analítico. Nós gostaríamos simplesmente que dessa marca identificada pelos “congêneres” (cartel do passe) permanecessem as datas de entrada e de saída da função de AE. Havia falado de *millésime*,¹⁶⁰ mas para nós, franceses, que amamos as boas safras [*bons crus*], isso é muito marcado... *Millésime* é, no entanto, na definição do dicionário, uma cifra que indica a data de uma moeda ou de uma medalha. Lacan falava da nomeação como “bagatelas”, velha palavra que significa objeto de adorno sem valor.

Penso que seria bom ter uma lista, um traço, uma marca (?) dos antigos AE com a dos novos AE, *com a datação*, porque isso faria série. Essa sequência de AE seria o produto de Escola graças a alguns que souberam levar a experiência analítica a seu termo, graças ao ensino e à formação recebidos em nossa Escola. Produto frágil, mas precioso para todos nós: um AE não é o *nec plus ultra* da psicanálise, mas está ligado aos outros AE produzidos pela Escola no passe; experiência decerto inesquecível por certos aspectos e que permite uma transmissão viva e fresca de experiências singulares e cumuláveis. Parece-me que nossa garantia mostraria um pouco mais sua cara, ainda que frágil e sempre tendo que ser renovada. É verdade que em nosso catálogo há os nomes dos AE em função. Mas isto é um pouco tênue e, por seu pequeno número, eles aparecem como flores tão raras, que isso só pode inibir alguns a fazer a experiência do passe.

A psicanálise de nossa época está em uma posição bem frágil pelos “*discursocorrentes*” que misturam a palavra *psi* a qualquer prática. Cabe a nós poder dizer que não fazemos qualquer coisa quando se trata de formar psicanalistas; as pessoas de boa vontade são, em geral, bastante interessadas por nossa garantia que pertence a esses novos modos de comunicação “em rede” e em um nível internacional.

E além disso, defendo também a ideia de que com relação ao problema de designação do passador, que também é um problema recorrente em nossa Escola, não vejo nenhum inconveniente ao fato de que um AE possa designar um passador. Penso que ele está muito perto daquilo de que acaba de deixar por meio da solução que encontrou, e certamente está muito apto a perceber esse momento de passe em um de seus analisantes. O tempo muito longo de uma psicanálise muda a direção daquilo que Lacan havia esperado, isto é, o jovem recém-egresso da psicanálise. Há cada vez menos deles, muitos praticantes da psicanálise por longa data no momento em que são nomeados AE. É possível que haja algumas exceções. E faço apelo a uma lógica temporal em que é possível pensar que não haveria muitos analisantes designados passadores dentre os analisantes de nossos AE. Esses são, ainda assim, os que estão mais próximos de uma experiência viva da qual o brilho não dura necessariamente *ad vitam aeternam*.

Tradução: Elisabeth da Rocha Miranda
Revisão da Tradução: Cícero Oliveira

¹⁵⁹ O termo *cru*, em francês também tem o sentido de “vinhedo”, de extensão de terra em que se produz o vinho [*terroir*] e, por extensão, a “safra”, isto é, a colheita realizada num determinado período neste local (N.T.).

¹⁶⁰ Ano da colheita das uvas utilizadas para fazer um vinho. Em enologia, trata-se do conjunto de números que indicam o ano da colheita da uva usada para fazer um vinho (N.T.).

Onde estão os AME?

Marc Strauss

Como vocês sabem, o CIG anterior nos pediu para “acordar” os AME. Estou resumindo, mas, *grosso modo*, foi isso. Que eles acordem quanto à sua responsabilidade com relação ao discurso analítico. Essa responsabilidade impõe que eles se ocupem da intensão, por meio de sua implicação no dispositivo do passe, participando do CIG e designando passadores.

Obviamente, somente essa designação já implica questões totalmente fundamentais da psicanálise e poderia ser suficiente para orientar as questões teóricas dos AME.

Para dizer em outras palavras, se dos AE são esperadas esclarecimentos inéditas, os AME são os garantes do discurso analítico. Isso, se eles reclamarem Lacan para si, quer dizer que não podem ser os guardiões de nenhum dogma, e quer dizer também que devem denunciar os desvios e os comprometimentos.

Por exemplo, uma análise conduzida por Skype é possível? Apenas transitória ou globalmente? Ou, mais modestamente, o que nesse dispositivo inédito, mesmo com relação ao telefone que Freud e Lacan conheciam, modifica o dispositivo freudiano e quais são as consequências dessa modificação?

O único problema é que os AME não existem. Assim como para a mulher, é o artigo que é preciso riscar, no caso, o “os”. Falamos muito do um por um, mas, de fato, os AME funcionam como um por um, além, portanto, de sua participação no dispositivo do passe. Eles não existem como conjunto. Mesmo os AE existem mais do que eles: dedica-se de bom grado uma parte de nossas jornadas de Escola às intervenções dos AE. Parece-me injusto que não haja nenhuma instância em nossa Escola em que os AME possam ser representados para tratar dos problemas do discurso analítico que não estejam ligados ao dispositivo do passe.

Não é essa falta que fez o sucesso da proposta de Bernard Lapinallie: marcar com uma cerimônia de entronização o novo AME. Isso pode fazer rir quando se sabe que os AME são tudo, menos novos em seu percurso institucional, e podemos pensar que se ainda não sabem o que é sua função, é porque foram nomeados erroneamente. Resta, portanto, a cerimônia, que marca a ultrapassagem de um limiar.

Além disso, se esperarmos tudo do funcionamento e nada das pessoas, há algo do funcionamento da máquina estrutural da Escola, no que diz respeito aos AE, que me parece faltar. É por isso que proponho que, uma vez ultrapassado esse limiar, eles encontrem um lugar de acolhimento, que dê a esse corpo dos AME um órgão institucional, para suas questões e seus debates. Por que não uma comissão internacional dos AME, encarregada de animar e coordenar esses debates através de todo nosso conjunto internacional? E, a cada Encontro Internacional, essa comissão nos apresentaria seu relatório, que seria uma espécie de estado de união do discurso do analista, as questões que foram colocadas na IF-EPFCL e na relação da IF-EPFCL com a sociedade.

Evidentemente, faço a mim mesmo a objeção de uma instância suplementar num conjunto já bastante complexo, e que consome muito de nossas energias. Mas essa instância teria o mérito de fazer existir os AME, e lhes daria a ideia de que ter sido garantido por uma Escola que se apoia no ensino de Lacan tem peso e dá peso à sua fala. Em suma, lhes dá não somente uma razão para, mas vontade de “acordar”.

*Tradução de Cícero Oliveira.
Revisão da tradução de Sandra Berta.*



X Encontro da Internacional dos Fóruns
VI Encontro internacional da Escola
de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]

BARCELONA 13/16 setembro 2018

Os adventos do real e o psicanalista

X Encontro da Internacional dos Fóruns

A Escola e os discursos

“Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?”

VI Encontro Internacional de Escola

Apresentação do tema do X Encontro da IF

Os adventos do real e o psicanalista

Vinte anos terão sido atravessados desde a criação da *Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano*, depois da iniciativa lançada em Barcelona em julho de 1998, novo passo que, seguindo o caminho traçado por Sigmund Freud e Jacques Lacan, adveio como movimento de contra-experiência visando a criação de uma *Escola de Psicanálise* que nasceu, efetivamente, em 2001.

Vinte anos depois, nós nos reencontraremos novamente em Barcelona, aqueles e muitos outros, por ocasião do *X Encontro da Internacional dos Fóruns* e do *VI Encontro Internacional de Escola*. Dispomos do essencial: a impulsão do desejo da Comunidade internacional, o compromisso dos Fóruns de Barcelona e do resto da Espanha para que sua organização chegue com segurança à realização, e o título do Encontro que funcionará, até lá, como eixo estruturante do trabalho dessa Comunidade.

Os adventos do real e o psicanalista.

Um título enigmático em razão de sua semântica de “adventos”; em razão de seu plural – pluralidade da diversidade dos elementos do que é real e pluralidade de suas diferentes acepções – de “o que retorna sempre ao mesmo lugar”, fazendo obstáculo ao bem-estar, até o real do que pode transbordar –; enigmático ainda pela complexa relação entre ambos os termos, pela dependência do segundo em relação ao primeiro, mas não só isso.

Se, como Lacan o afirma em “A Terceira”, o futuro da psicanálise depende do que advém de real – e não ao contrário –, quais são as consequências desses adventos – sustentados pelo discurso científico – para os laços sociais e, em particular, para o discurso analítico, aquele que adere o analisante ao par analista-analisante?

Um título que introduz questões, nos mantém despertos, um título que nos fará trabalhar. Não há advento de real que não venha truncar o ilusório e esperado na experiência

de continuidade no *falasser*, quer se trate do traumatismo do Outro como constituinte, quer se trate do real do gozo do corpo, aquele do acidente, ou ainda, disso que produz o avanço da ciência. O que quer dizer que todo advento do real implica um efeito, efeito imediato que é de afeto – a angústia – ou efeitos mais silenciosos, incalculáveis, que se difundem no social e que, constatamos, não cessam de produzir novas segregações. Não está nas mãos do psicanalista reduzir os adventos do real; o psicanalista pode responder, ele pode, nos diz Lacan, contrariá-lo.

Rosa Escapa e Ramon Miralpeix, Presidentes da Comissão de Organização.

Comissão Científica

Sandra Berta, Rithée Cevasco, Diego Mautino, Silvia Migdalek, Patricia Muñoz, Susan Schwartz, Colette Soler.

Comissão de Organização

Rosa Escapa y Ramon Miralpeix (coordenadores), Jacqueline Ariztia, Jorge Chapuis, Carmen Dueñas, Ana Martínez, José Sánchez, Teresa Trías.

Informações

Telefones: +34 683 576 111

rosaescapa@gmail.com

miralpeix@copc.cat

Local

Centro do Congresso Internacional de Barcelona (CCIB): <http://www.ccib.es/>

Apresentação do tema do Encontro Internacional da IF-EPFCL

Marc Strauss

“... Há para vocês – deveriam querer isso – outra forma de passar sua revolta de privilegiado: a minha, por exemplo. Lamento apenas que tão poucas pessoas que me interessam se interessem por aquilo que me interessa”. (J. Lacan, Ornicar 49, p. 7)

A fundação, por Lacan, de sua Escola de psicanálise se inscreve numa história dos discursos. É esta última que lhe confere o seu lugar no espaço social, e lhe atribui suas tarefas.

Sem dúvida, a fundação, por Lacan, de sua Escola é, de fato, anterior à sua escrita dos matemas dos discursos; ela não o é, porém, em seu esforço de prestar contas da experiência analítica por meio de um discurso inédito até Freud. Sua aparição respondeu a uma realidade ela mesma inédita, uma forma do sintoma tornada intratável. Com efeito, o sintoma não data de Freud, ele é correlativo da própria existência da fala. Foi ainda preciso poder reconhecê-lo como tal para daí poder esclarecer, retrospectivamente, seus avatares históricos.

Assim, o discurso do mestre e o da histérica são solidários em seu embate. A ordem significativa impõe essa divisão, que responde a um corte sem remédio entre o representante e o representado. Consequentemente, o discurso do mestre, que repousa no consentimento ao Um que se excetua, nunca vai sem a parte de sombra do sujeito, com que se adorna a histérica para completá-lo.

Esses dois foram suficientes por um tempo para ordenar o mundo, mas, diante da decomposição do império do Um, o mestre, para continuar a falar em nome de todos, teve que se refugiar atrás do saber.

O discurso universitário é, portanto, uma “regressão” aos olhos do esforço de verdade ao qual a histérica faz apelo. O sujeito aí se encontra cortado da verdade, num sofrimento tornado inarticulável, e, portanto, inaudível. Assim, deslegitimada, ela se tornou mais gritante à medida que a ciência, que se tornou a do cálculo contável, apagava os interlocutores possíveis, sacerdote e médico.

Foi então que um novo interlocutor nasceu para o sujeito, o psicanalista, obviamente. Padecendo como a histérica das violências do novo mestre, ele soube ouvir e restituir-lhe a razão.

O projeto de Freud foi o de tornar as novas violências da civilização mais suportáveis, até mesmo atenuá-las. Podemos dizer que ele conseguiu mudar o olhar de sua época sobre o gênero humano, suas motivações e suas realizações, suscitando, assim, expectativas talvez desmedidas. Hoje, o discurso do mercado triunfante desfaz ainda mais os laços tradicionais.

Em reação a isso, Lacan nunca promoveu, em nome de Freud, um ideal do coletivo; pelo contrário, ele insistiu sobre o laço do um por um, mas, contudo, fundou a Escola. Um coletivo, portanto, que ele queria que fosse inédito, na medida da novidade do discurso analítico, integrando suas aquisições em seu funcionamento, até a seleção e a garantia dos analistas.

Essa preocupação com a coerência visava não somente seu funcionamento interno, mas também a função que ele atribuía à psicanálise: uma operação contra o mal-estar na civilização, da qual a Escola devia ser a base. Que seja de defender e preservar seu campo, ou de conquistar um campo vasto, que se limite à perpetuação da experiência ou que queira pesar sobre as escolhas da cidade, é preciso, porém, que ela possa se fazer ouvir como recurso.

Ora, o mal-estar contemporâneo é nosso conhecido: “a sede da falta-de-gozar”. Com efeito, a originalidade do discurso capitalista, saudado por Lacan como uma performance, é de propor, ele mesmo, seu próprio tratamento, numa corrida sem fim. Quer saibam ou não, os sujeitos que ele determina estão aí presos. Como, então, o discurso analítico pode lhes fazer sinal [*faire signe*] de uma solução outra? Por que querer renunciar à sede da falta-de-gozar e seus tormentos inebriantes, e em nome de quê?

Está claro que hoje estamos num momento particular da psicanálise, e nos faltam modelos para responder a isso. Depois de ter suscitado uma credulidade quase beata junto aos formadores de opinião, ela é de novo objeto de uma forte desconfiança, até mesmo de uma rejeição, por charlatanismo. Aos olhos dos métodos baseados na química das interações moleculares e das estatísticas, o neurocomportamentalismo disputa com ela seu lugar no mercado.

O apelo à intervenção do psicanalista padece, obviamente, desta desvalorização.

Donde algumas questões:

– O que, em nosso funcionamento de Escola, procede, com pertinência, de cada um dos discursos?

– Como, na Escola, controlamos nossos processos de seleção e de garantia, como os situamos na ordem dos discursos, estando entendido que nenhum deles vai sem os outros três com os quais ele fecha o círculo ordenado do desejo?

– Como aí intervém o quinto discurso, do capital, que desfaz esse círculo para se impor sozinho?

– Como a psicanálise pode oferecer tratar os impasses do sujeito se o discurso contemporâneo se sustenta por não admitir nenhum? – Entre recuo monástico, com sua ameaça de fragmentação, e impostura fadada à retaliação coletiva, quais estratégias adotar para conservar a reconquista do campo freudiano e lacaniano?

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão da tradução: Sandra Berta

Programa

12 de setembro: Simpósio do Passe

13 de setembro: VI Encontro de Escola

14 e 15 de setembro: X Encontro Internacional da IF-EPFCL

16 de setembro: Assembleias

Tarifas

	Tarifa plena			Estudantes com menos de 28 anos		
	VI Encontro de Escola 1 dia	X Encontro Internacional da IF 2 dias	Os três dias	VI Encontro de Escola 1 dia	Encontro Internacional da IF 2 dias	Os três dias
Até 31/08/2018	160 €	290 €	330 €	80 €	150 €	170 €

AGRADECIMENTOS

O CIG agradece a todos os colegas de todas as línguas que contribuíram com a imensa tarefa das traduções. Sem esse esforço comum seria impossível poder publicar periodicamente nossos debates sobre a Escola e, certamente, sustentar o espírito vivo do internacional.

TRADUTORES

Tradutores em língua francesa

Manel Rebollo, P. Salgon, Maricela Sulbaran, Agnès Metton, Laurence Mazza-Poutet, Dominique Fingermann, Olga Medina, Esther Morere Diderot, Vicky Estevez, Marie-José Latour, Isabelle Cholloux.

Tradutores em língua espanhola

Clara Cecilia Mesa, Agustín Muñoz, Rosa Escapa, Ana Canedo, Ricardo Rojas, Manel Rebollo, Sandra Berta.

Tradutores em língua portuguesa

Ana Laura Prates, Andréa Hortélio Fernandes, Elisabeth da Rocha Miranda, Cícero Oliveira, Dominique Fingermann, Leonardo Pimentel, Luciana Guareschi, Luc Matheron, Manuel Pablo Ramirez, Maria Claudia Formigoni, Maria Laura Cury Silvestre, Miriam Pinho, Samantha Abuleac Steinberg, Sonia Alberti, Sandra Berta.

Tradutores em língua italiana

Susanna Ascarelli, Rossana Arrivabene, Annalisa Buccioli, Emilia Cancellaro, Maria Eugenia Cossutta, Anahi Erbetta, Piero Feliciotti, Antonella Gallo, Roberta Giacché, Paola Malquori, Diego Mautino, Maria Rosaria Ospite, Silvana Perich, Monica Roitman, Graziano Senzolo, Marina Severini, Gaetano Tancredi, Francesca Velluzzi

Tradutores em língua inglesa:

Richard Barrett, Ofelia Brozky, Gabriela Costardi, Chantal Degril, Deborah McIntyre, Sara Rodowicz-Slusarczyk, Leonardo Rodriguez, Susan Schwartz, Devra Simiu, Barbara Shuman, Gabriela Zorzutti,

Sumário

I – Jornada de Escola, Rio de Janeiro, 7 de setembro, 2017

<i>Marcelo Mazzuca</i> , Apresentação _____	1
<i>Vera Iaconelli</i> , “Prova, tempo e ato” _____	2
<i>Elisabete Thamer</i> , “Sobre os limites do saber” _____	5
<i>Sonia Alberti</i> , “A prova pela Escola e a Escola à Prova” _____	10
<i>Sandra Berta</i> , “ $f(x)$ AME” _____	14
<i>Ricardo Rojas</i> , “OAME, garantia, de quê?” _____	18
<i>Beatriz Elena Maya</i> , “De passadora a AME” _____	22
<i>Alejandra Noguera</i> , “Passador... experiência sustentada no desejo” _____	25
<i>Samantha Abuleac Steinberg</i> , “A função do passador: dar voz ao texto do passante?” _	28
<i>Dominique Touchon Fingermann</i> , “A impudência do dizer: como passa?” _____	33
<i>Gabriel Lombardi</i> , “Prelúdio para uma crítica do juízo analítico” _____	35
<i>Clara Cecilia Mesa</i> , “A marca que os congêneres devem ‘saber’ encontrar” _____	39

II – Jornada inter-cartéis, “Da experiência...”, Paris, 23 de setembro, 2017

<i>Roser Casalprim</i> , “Reflexões sobre o passador” _____	43
<i>Jean-Pierre Drapier</i> , “O passador é o passe” _____	48

III – Debate sobre o AME e o passe, Paris, 30 de setembro, 2017

<i>Anne Lopez</i> , Abertura _____	52
<i>Colette Soler</i> , “O passador: abordagem clínica” _____	53
<i>Jean-Jacques Gorog</i> , “Sobre a designação de passadores” _____	56
<i>Didier Grais</i> , “A designação do passador... a designação do rebotalho” _____	58
<i>Irène Housi</i> , “O inacreditável passador de bola” _____	62
<i>Marie-Paule Stéphan</i> , “Ser passador: quais efeitos...?” _____	64
<i>Anne Lopez</i> , “AE: Nomeação, não permanência” _____	67
<i>Marc Strauss</i> , “Onde estão os AME?” _____	70

Os adventos do Real e o psicanalista

Apresentação. <i>Rosa Escapa e Ramon Miralpeix</i> _____	71
---	----

A escola e os discursos

Apresentação. <i>Marc Strauss</i> _____	72
--	----

Agradecimentos _____	75
-----------------------------	----